

POVOS E  
COMUNIDADES  
TRADICIONAIS  
DO PAMPA



A Fundação Luterana de Diaconia (FLD), com sede em Porto Alegre (RS), atua na promoção e defesa de direitos por meio do Programa de Pequenos Projetos, com apoio a grupos, organizações e movimentos em todo o Brasil. Sustentada na Diaconia Transformadora e na Justiça de Gênero, desenvolve projetos com organizações de catadoras e catadores de materiais recicláveis, com empreendimentos da economia solidária no âmbito da Rede de Comércio Justo e Solidário, com organizações e igrejas na superação da violência doméstica a partir da exposição interativa Nem tão Doce Lar, e com assentamentos da reforma agrária, comunidades quilombolas e associações da agricultura familiar no Projeto Pampa. O Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia (CAPA) e o Conselho de Missão entre Povos Indígenas (COMIN) são parceiros estratégicos que, assim como a FLD, têm vínculo com a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB).

Por meio do Projeto Pampa, desde 2013, a FLD passou a atuar junto aos diferentes Povos e Comunidades Tradicionais que vivem no bioma Pampa e que, com seus modos de vida e conhecimentos tradicionais, promovem a conservação da biodiversidade e das paisagens deste bioma.

POVOS E  
COMUNIDADES  
TRADICIONAIS  
DO PAMPA

## **Comitê dos Povos e Comunidades Tradicionais do Pampa**

Adriana da Silva Ferreira - Comunidade Quilombola  
Alba Maria Monteiro da Silva - Pescadora Artesanal  
Amilton Cesar Camargo - Comunidade Quilombola  
Carlos Adriano Leite de Almeida - Pescador Artesanal  
Carmo Thum - Povo Pomerano  
Fernando Pires Moraes Aristimunho - Pecuarista Familiar  
Joice Baldez (Yalorixá Joice de Oya) - Povo de Terreiro  
Marcos Sanchez Blanco - Pecuarista Familiar  
Mariglei Dias de Lima - Comunidade Quilombola  
Nilo Dias - Comunidade Quilombola  
Patrícia Rodrigues (Yalorixá Patrícia de Oya) - Povo de Terreiro  
Rosecler Winter - Povo Cigano  
Vidal de Castro Moraes - Comunidade Quilombola

## **Fundação Luterana de Diaconia**

### **Conselho Deliberativo**

Roni Bonow - Presidente  
Marliza Melaine Schwingel - Vice-Presidenta

### **Diretoria Executiva**

Valmi Becker - Presidenta  
Daniele Schmidt Peter e Siegmund Berger - Vogais

### **Coordenação Ampliada**

Cibele Kuss - Secretária Executiva  
Marilu Menezes - Coordenadora Programática  
Júlio César Zellmann - Coordenador Administrativo

## **Articulação Pacari**

### **Diretoria Geral**

Francesa Rodrigues Silva

### **Coordenação Executiva**

Jaqueline Evangelista Dias

### **Coordenação Técnica**

Lourdes Cardozo Laureano

Juliana Mazurana  
Jaqueline Evangelista Dias  
Lourdes Cardozo Laureano

# POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DO PAMPA

1ª. Edição



Porto Alegre - RS

Fundação Luterana de Diaconia  
2016

## **POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DO PAMPA | 2016**

### **Organização e redação**

Juliana Mazurana, Jaqueline Evangelista Dias, Lourdes Cardozo Laureano, Julia Rovena Witt

### **Revisão**

Susanne Buchweitz

Marivone Sirtoli

### **Fotografia**

Anderson Astor

Cristiano Sant Anna

### **Mapa ilustrado**

Alexandre De Nadal

### **Projeto gráfico**

Cristina Pozzobon

### **Realização**

Comitê dos Povos e Comunidades Tradicionais do Pampa

Fundação Luterana de Diaconia / Projeto Pampa

Articulação Pacari

### **Parceria**

Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia - CAPA

Conselho de Missão entre Povos Indígenas - COMIN

Associação para o Desenvolvimento Sustentável do Alto Camaquã - ADAC

Associação Pomersul

### **Apoio**

Pão para o Mundo - PPM

---

304:504(816.5)

M476p Mazurana, Juliana

Povos e Comunidades Tradicionais do Pampa / Juliana  
Mazurana, Jaqueline Evangelista Dias, Lourdes Cardozo Laureano -  
Porto Alegre : Fundação Luterana de Diaconia, 2016.  
224 p. : il.: fotografias ; 27cm.

ISBN: 978-85-93033-00-1

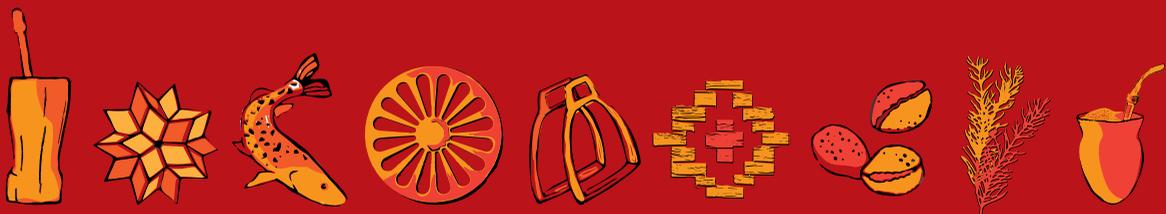
1. Povos e comunidades tradicionais - Pampas (Rio Grande do  
Sul. 2. Identidade social. 3. Diversidade cultural. 4. Diversidade  
étnica. 5. Biomas. 6. Desenvolvimento sustentável. 7. Direito  
consuetudinário. I. Dias, Jaqueline Evangelista. II. Laureano, Lourdes  
Cardozo. III. Comitê dos Povos e Comunidades Tradicionais do  
Pampa. IV. Fundação Luterana de Diaconia. V. Articulação Pacari.

---

Catálogo na publicação: Rosilei Grion Paixão - CRB 10/1729

# SUMÁRIO

|   |     |
|---|-----|
| Apresentação  | 7   |
| Bioma Pampa   | 9   |
| Comitê dos Povos e Comunidades Tradicionais do Pampa                                  | 11  |
| Paisagens e Territórios Tradicionais  | 15  |
| Benzedeiras e Benzedores  | 33  |
| Comunidades Quilombolas   | 47  |
| Pecuaristas Familiares  | 69  |
| Pescadoras e Pescadores Artesanais  | 101 |
| Povo Cigano   | 121 |
| Povos Indígenas   | 139 |
| Povo Pomerano   | 159 |
| Povo de Terreiro  | 177 |
| Uso do Chimarrão  | 203 |
| Principais Marcos Legais relacionados aos Povos e Comunidades Tradicionais            | 209 |
| Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais | 213 |
| Representantes dos Povos e Comunidades Tradicionais Participantes desta Publicação    | 219 |





# APRESENTAÇÃO

**N**o horizonte, o azul do céu se funde com os diversos tons de verde das pequenas e contínuas elevações no relevo, as coxilhas, e, às vezes, com os morros de pedra, chamados de cerros. Tantas outras nuances de cores e formas desenham as paisagens, que, em geral, são amplas, longínquas, permitindo sentir a vastidão do céu, a imponência do sol, a força do vento e da chuva. Assim é este lugar chamado 'Pampa' – palavra de origem indígena.

Para os Povos Indígenas, originários da região andina e falantes da língua Quéchuá – cuja influência chegou até o Rio da Prata –, o significado de 'La Pampa' – substantivo feminino – é planície, área extensa, sem limites.

São realmente vastas as áreas do bioma brasileiro chamado de 'Pampa'. Vasto, porém não homogêneo, tampouco monótono. Região pouco conhecida e pouco compreendida. Em cada metro quadrado de campo nativo, de capão de mata, de banhado ou outros ambientes, a exuberância se manifesta para quem sabe observar e contemplar. Saberes são mantidos por Povos e Comunidades Tradicionais ao longo de gerações.

Com a contemplação surge – ou se amplia – o respeito e o cuidado com todos os elementos da natureza, desde uma pedra ou o mais tenro capim, até um cerro ou a mais frondosa figueira. Valores, conhecimentos e práticas herdados de antepassados permitem que Povos e Comunidades Tradicionais percebam, valorizem e utilizem, de forma costumeira, os múltiplos elementos presentes em seus territórios tradicionais – em geral, áreas ainda bastante conservadas e representativas do bioma Pampa – e que guardam também valor simbólico, ancestral e espiritual.

O Pampa é reconhecido de forma muito particular por cada Povo ou Comunidade Tradicional que vive em seus diversos ambientes. *"Aqui é Campanha, porque se vê longe"*. Campanha, Fronteira, Colônia, Rincão, Comunidade, Ylê, Acampamento, Associação, Tekoá ou Aldeia, tudo isso é o Pampa. *"Rincão é isso que tu tá vendo,*

*é uma casa aqui, lá tem outra, pra frente tem duas ou três*". Não apenas as nuances de cores e formas do céu, do relevo e da vegetação desenham as paisagens, também as diferentes identidades culturais, seu modo de vida essencialmente comunitário e sua relação com o território tradicional redesenham estas paisagens.

Parte de seus territórios tradicionais, porém, está ameaçada pelo modelo de desenvolvimento que tem degradado e transformado de forma drástica o bioma Pampa, suas paisagens e sua biodiversidade. Esta degradação ocorre, principalmente através da conversão dos campos nativos em pastagens cultivadas, da silvicultura e de monocultivos – em especial, de soja e milho transgênicos –, além da irrigação do arroz, com impacto das bombas de irrigação, do uso de agrotóxicos, da introdução de espécies exóticas de flora e fauna como o capim-annoni e o javali, do manejo inadequado do solo, com ampliação da erosão e de focos de arenização, da drenagem de áreas úmidas, da mineração, do barragemamento de rios, da expansão imobiliária e grandes obras.

Terras, territórios tradicionais e modos de vida de Povos e Comunidades Tradicionais vêm sendo constante e intensamente ameaçados, configurando-se violações dos seus direitos consuetudinários e de direitos previstos por leis nacionais e acordos internacionais. A invisibilidade, o desconhecimento e a não valorização do bioma Pampa – e dos Povos e Comunidades Tradicionais do Pampa – pela sociedade em geral contribuem para agravar este cenário. Por outro lado, a caracterização e a visibilização da sociodiversidade esquecida do Pampa podem criar condições para o fortalecimento de suas identidades e garantir seus direitos.

Estas reflexões orientaram a elaboração coletiva desta publicação, que pretende ser um registro – embora parcial – da sociodiversidade do Pampa, incrivelmente viva, pulsante e produtiva! Pretende, também, ser um instrumento para que Povos e Comunidades Tradicionais reivindiquem a garantia de seus direitos, o que inclui, consequentemente, a conservação do seu território tradicional – a Pampa.

# BIOMA PAMPA

**B** iomas são regiões com condições geológicas e climáticas semelhantes e biodiversidade própria, identificadas em escala regional pela paisagem e vegetação nativa. No Brasil, são seis os biomas continentais: Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal e Pampa. Além dos continentais, há ainda a Zona Costeira e Marinha.

O bioma Pampa, reconhecido apenas em 2004, é o único bioma brasileiro que só ocorre em um estado, o Rio Grande do Sul, ocupando 178.243 km<sup>2</sup>, o que representa 63% da área do Estado e cerca de 2% da área do Brasil.

Na América do Sul, esta formação está presente no Uruguai, parte da Argentina, além do extremo sul do Brasil, totalizando cerca de 750.000 km<sup>2</sup>, e é considerada uma das áreas de ecossistemas de campo mais importantes do mundo, além de guardar um vasto patrimônio cultural associado à biodiversidade.

A vasta biodiversidade ainda é pouco conhecida. Há registros de cerca de 500 espécies de aves, 3.000 espécies de plantas, sendo que mais de 450 são de herbáceas. A presença de espécies de fauna e flora específicas, diversas espécies endêmicas – espécies que ocorrem apenas em uma determinada região – e ameaçadas de extinção são algumas das razões pelas quais cerca de 20% da área do bioma foi considerada com algum grau de prioridade para a conservação da biodiversidade pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA). Também no bioma Pampa está presente o Aquífero Guarani, uma das maiores reservas subterrâneas de água potável do mundo.

Entretanto, é o segundo bioma mais devastado do Brasil, perdendo apenas para a Mata Atlântica. Em 2008, restava cerca de 36% da área do bioma com cobertura original.



**COMITÊ dos  
POVOS e COMUNIDADES  
TRADICIONAIS do PAMPA**

# COMITÊ DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DO PAMPA

**P**ovos e Comunidades Tradicionais são “grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.” (Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais – Decreto 6040, de 2007).

A relação com os elementos da natureza e da biodiversidade presentes no território tradicionalmente ocupado se reflete em diversas características intrínsecas aos Povos e Comunidades Tradicionais: são guardiãs e guardiões das águas, do solo e do patrimônio genético, mantêm práticas culturais e espirituais próprias, mantêm sistemas de produção agrodiversos e culinária própria, visando a soberania e segurança alimentar, manejam de forma sustentável os ecossistemas, praticam uma medicina tradicional própria, possuem habilidade para utilizar elementos da biodiversidade na construção de suas moradias e na confecção de objetos e utensílios artesanais, possuem sistema próprio e tradicional de transmissão de conhecimentos e saberes e geram renda a partir do uso da biodiversidade.

O I Encontro de Povos e Comunidades Tradicionais do Pampa foi promovido pela Fundação Luterana de Diaconia em parceria com a Articulação Pacari, em outubro de 2015, para refletir sobre o contexto de ameaças ao Pampa e aos modos de vida tradicionais junto a representantes de Povos e Comunidades Tradicionais deste bioma. O Comitê de Povos e Comunidades Tradicionais do Pampa surgiu neste Encontro, sendo composto por representantes de diferentes identidades e regiões do bioma, para dar continuidade a esta reflexão coletiva e encaminhar ações de interesse comum, sendo a principal delas a construção de instrumentos políticos de defesa dos seus direitos, a exemplo desta publicação.

Perceber o Pampa como dimensão agregadora das várias identidades e a importância da conservação deste bioma como um direito, essencial para a manutenção



**I ENCONTRO DE POVOS  
E COMUNIDADES  
TRADICIONAIS  
DO PAMPA: O  
COMITÊ DE POVOS  
E COMUNIDADES  
TRADICIONAIS DO  
PAMPA SURTIU NESTE  
ENCONTRO.**

dos modos de vida tradicionais, foi um passo importante, iniciado no Encontro e aprofundado pelo Comitê. A partir da demanda apontada pelas representações presentes no Encontro e reafirmada pelo Comitê, foi realizado um trabalho de identificação de Povos e Comunidades Tradicionais presentes no Pampa, que certamente não envolveu toda a sociobiodiversidade deste bioma e, portanto, deverá ser complementado e aprofundado. Um intenso trabalho de campo foi realizado por uma equipe composta por representantes do Comitê, da Fundação Luterana de Diaconia e da Articulação Pacari no intuito de conhecer a sociobiodiversidade presente no bioma Pampa. A partir das orientações e indicações deste Comitê, foi traçado um roteiro de visitas e entrevistas, realizadas com a presença ou ciência da pessoa representante daquela identidade no Comitê.

As questões a serem abordadas e o roteiro metodológico foram construídos coletivamente pelo Comitê, Fundação Luterana de Diaconia e Articulação Pacari e envolveram: história, valores, religiosidade/espiritualidade, culinária tradicional,

medicina tradicional, expressões culturais (músicas, danças, festas, vestimentas, diversidade linguística, dentre outras), modos de fazer/ofícios, sistemas produtivos, renda familiar, territórios, ameaças e desafios. Cada um destes aspectos pôde ser desdobrado, abordando-se formas de expressão, objetos, processos e espaços utilizados, relações sociais, relações de gênero, relações com a natureza e com o território, formas de transmissão, formas de organização, espaços de participação e políticas públicas.

Entre os meses de novembro de 2015 e janeiro de 2016, foram percorridos 21 municípios do Pampa, viabilizando diálogos com centenas de pessoas representantes de Pecuaristas Familiares, Pescadoras e Pescadores Artesanais, Comunidades Quilombolas, Povo de Terreiro, Povo Pomerano, Povo Cigano, Povos Indígenas e Benzedeiros e Benzedoras em todas as fisionomias do bioma Pampa: litoral, Encosta do Sudeste, Serra do Sudeste, Depressão Central, Campanha, Missões e Planalto Médio. Foi a partir da autoafirmação das pessoas e dos grupos envolvidos que se evidenciaram estas oito identidades sociais, sem desconsiderar, porém, suas múltiplas identidades, já que uma única pessoa pode se identificar como mulher, quilombola, pecuarista, benzedora, parteira, além de agricultora e artesã, por exemplo. O objetivo – de conhecer as identidades e modos de vida de Povos e Comunidades Tradicionais do Pampa – foi explicitado sempre em momento anterior às conversas e solicitado à pessoa, ou grupo de pessoas, o consentimento para realizar anotações, gravação de voz e fotografar, como formas importantes de registro. A participação ativa do Comitê na intermediação entre as pessoas e grupos de diferentes identidades e a equipe de campo foi essencial para a compreensão da proposta.

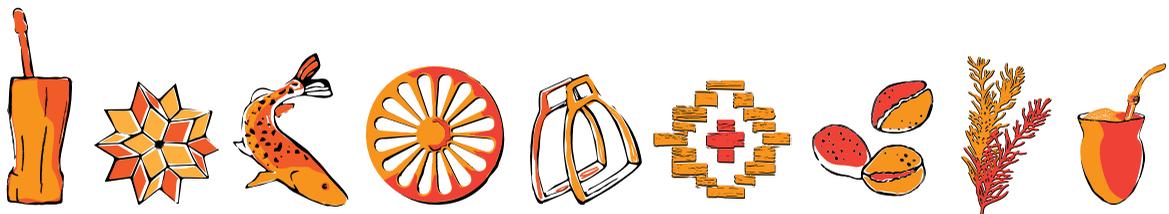
Este trabalho pode não ter alcançado algumas outras identidades sociais presentes no bioma Pampa, entretanto, ao apresentar este conjunto de oito identidades sociais de Povos e Comunidades Tradicionais, com presença muito significativa no Pampa, irá contribuir para ampliar a visão socioambiental e cultural sobre esta região e este bioma.

Reconhecer-se enquanto Povos e Comunidades Tradicionais do Pampa amplia o compromisso da sociedade e do Poder Público para com a conservação do bioma Pampa, necessária à revitalização dos modos de vida tradicionais, e para a garantia de seus direitos de acesso a territórios tradicionais, infraestrutura, inclusão social e fomento à produção sustentável, que são os principais eixos da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Povos e Comunidades Tradicionais.

Por outro lado, o autorreconhecimento enquanto Povos e Comunidades Tradicionais possibilita a reivindicação de direitos consuetudinários, ou seja, direitos costumeiros fundamentados na tradição, expressos por valores, princípios, regras, cosmovisões e práticas que são passadas de geração em geração, em um movimento vivo e contínuo.

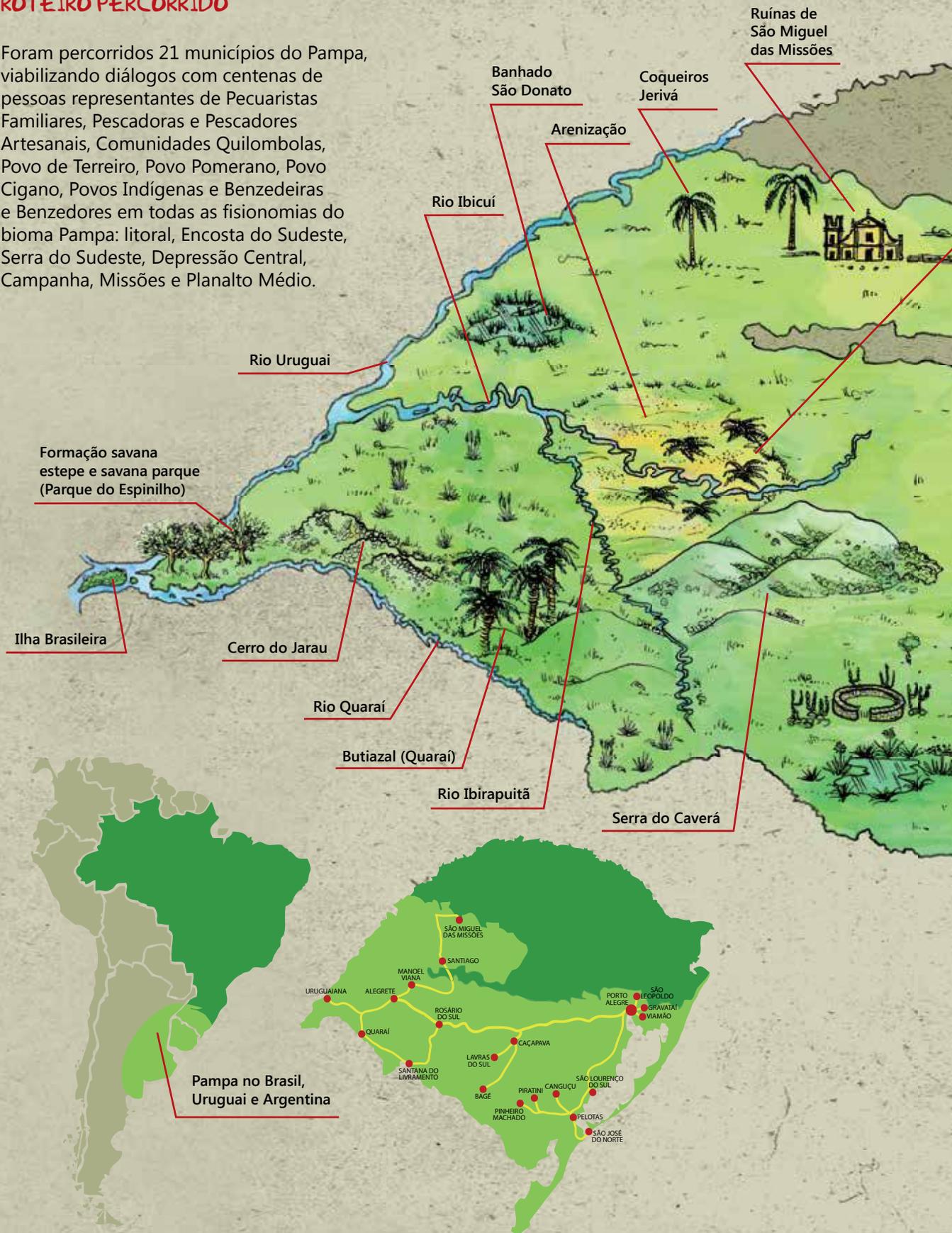


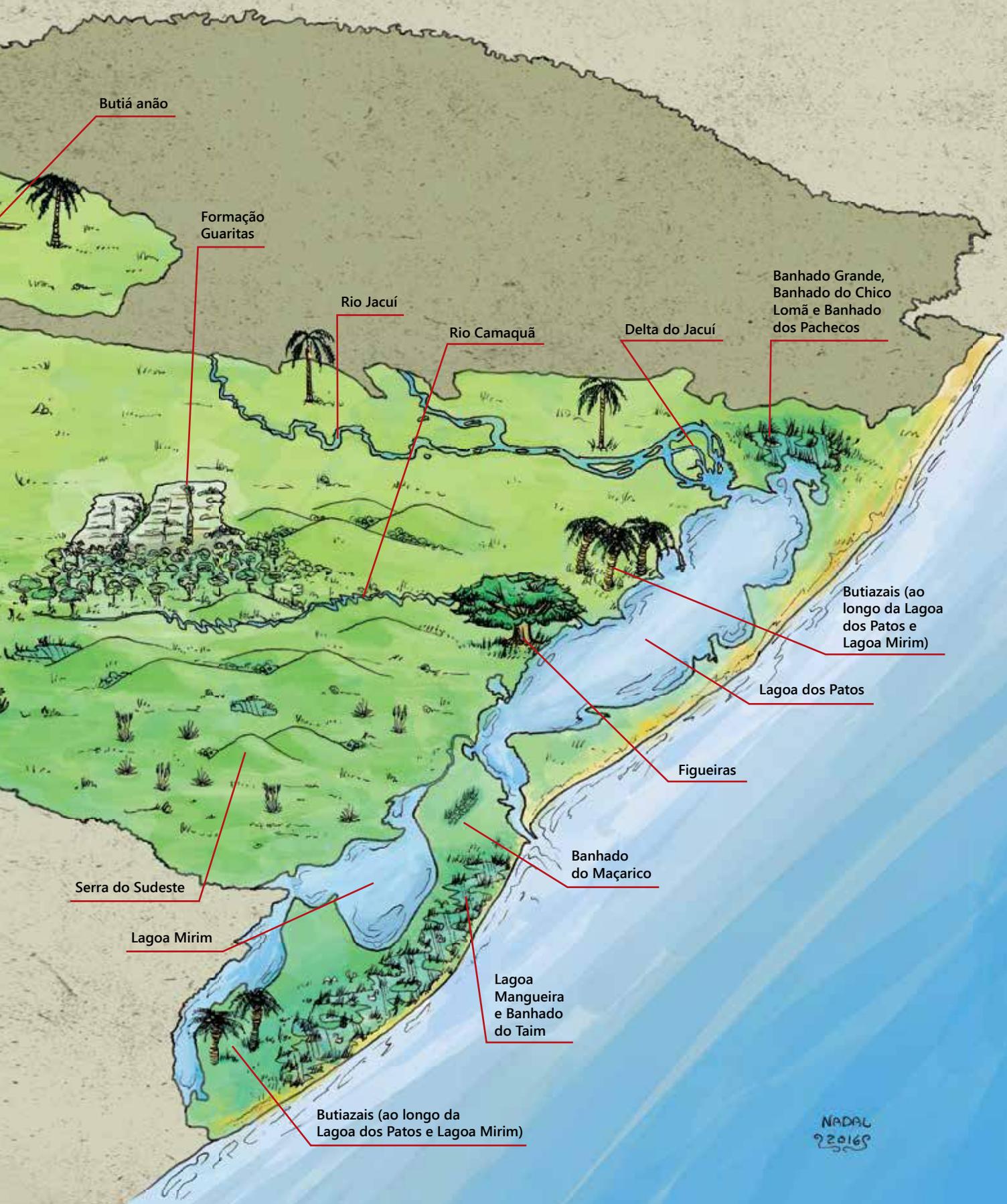
# PAISAGENS E TERRITÓRIOS TRADICIONAIS



## ROTEIRO PERCORRIDO

Foram percorridos 21 municípios do Pampa, viabilizando diálogos com centenas de pessoas representantes de Pecuaristas Familiares, Pescadoras e Pescadores Artesanais, Comunidades Quilombolas, Povo de Terreiro, Povo Pomerano, Povo Cigano, Povos Indígenas e Benzedeiros em todas as fisionomias do bioma Pampa: litoral, Encosta do Sudeste, Serra do Sudeste, Depressão Central, Campanha, Missões e Planalto Médio.





Butiá anão

Formação Guaritas

Rio Jacuí

Rio Camaquã

Delta do Jacuí

Banhado Grande, Banhado do Chico Lomã e Banhado dos Pachecos

Butiazais (ao longo da Lagoa dos Patos e Lagoa Mirim)

Lagoa dos Patos

Figueiras

Serra do Sudeste

Lagoa Mirim

Banhado do Maçarico

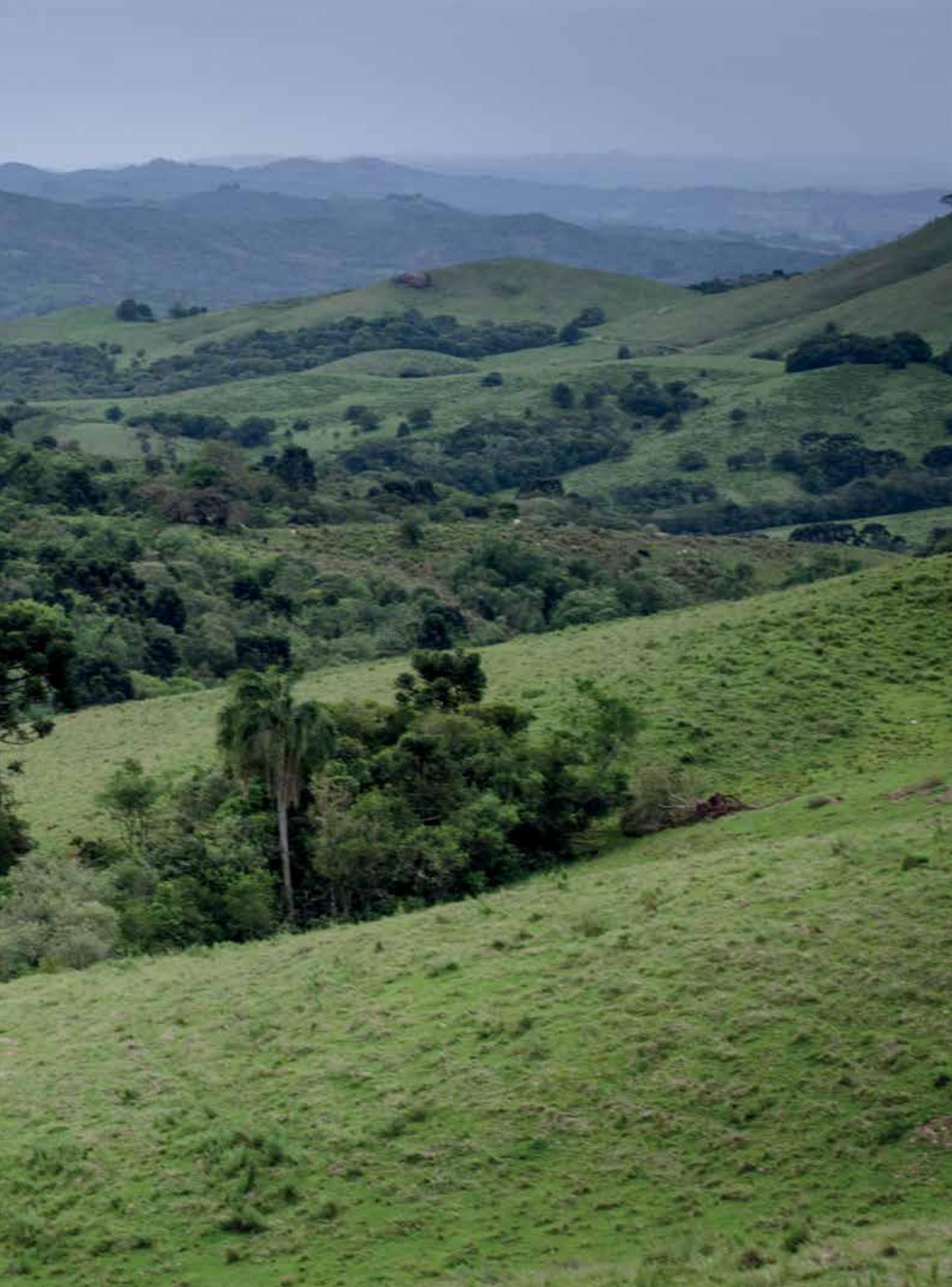
Lagoa Mangueira e Banhado do Taim

Butiazais (ao longo da Lagoa dos Patos e Lagoa Mirim)

NADAL 2016

## SERRA DO SUDESTE





## AREAL

Paisagem de solo arenoso, sem vegetação ou com a presença esparsa de espécies nativas adaptadas. A arenização é, provavelmente, um processo natural ocorrido pela ação das águas e dos ventos sobre depósitos arenosos. Por ocorrer em clima úmido, diferencia-se do processo de desertificação. O manejo inadequado do solo pode ampliar estas áreas.





## BUTIÁ ANÃO

Em região próxima ao rio Ibicuí ainda é possível encontrar populações de butiá anão associadas ao campo nativo, porém estas pequenas áreas vêm sendo reduzidas drasticamente pelos monocultivos, especialmente de soja transgênica.





## BUTIAZAL DE QUARAÍ

O butiazal – formado por palmeiras butiá em meio ao campo nativo – é uma das paisagens de comunidades de Pecuaristas Familiares que convivem também com diversos animais nativos do Pampa, os quais encontram – na diversidade destes ambientes – abrigo e alimento, a exemplo da ema, do jacu, dentre outros.





## GRAVATÁ DO BANHADO

O gravatá do banhado – presente em diversos ambientes do Pampa – é transformado por mãos habilidosas em peças artesanais. Poucas são as pessoas que detêm este saber, que envolve a identificação da planta, a coleta das folhas, o preparo e tratamento das fibras, a confecção da trança e da peça artesanal em si. A escassez desta matéria-prima artesanal, pela transformação e degradação das áreas de banhado e a falta de valorização das pessoas detentoras deste saber, pode comprometer a continuidade e a transmissão deste saber fazer tradicional.





## QUINCHA

Capim santa-fé, capim caninha, rabo-de-burro ou “cola-de-sorro” – encontrados nos campos nativos do Pampa – são espécies utilizadas para fazer a cobertura de casas e galpões conhecida como “quincha”. Através da observação e do fazer coletivo, este conhecimento tradicional atravessou gerações e está presente na memória e história de diferentes Povos e Comunidades Tradicionais do Pampa.





## LAGOA DOS PATOS







# BENZEDEIRAS E BENZEDORES

“EU BENZO, MAS QUEM DÁ A FORÇA  
É DEUS. NÃO TEM BONDADDE MAIOR DO  
QUE A DELE, QUE NOS DÁ A NATUREZA  
INTEIRA E A NOSSA VIDA.”







**A** pessoa que sabe benzer e pratica o benzimento é reconhecida como Benzedeira ou Benzedor. Uma Benzedeira pode também ser uma Pescadora Artesanal, pode ter origem Pomerana, pode ser uma Cigana, uma Pecuarista Familiar, ser Quilombola, ou Mãe de Santo. Mas na comunidade onde mora será sempre reconhecida como Benzedeira. O benzimento é praticado por mulheres e homens de diversas origens, que pertencem a diferentes grupos e identidades sociais. O ato de benzer é considerado um dom. *“É um dom muito importante, é a vontade de fazer o bem para as pessoas”*. Não sentem necessidade de dar explicações sobre o benzimento e o dom. *“Dom é ter pensamento positivo, e dar certo”*. E expressam o que naturalmente sentem sobre o significado de benzer. *“É um dom, eu faço, não sei dar explicação”*. Pode-se nascer com o dom, recebê-lo ou aprender o benzimento, através da vontade, da observação e da fé. *“Aprendi a benzer com Deus, porque eu aprendi sozinha, ninguém me ensinou”*.

O benzimento guarda uma relação com o divino e com o espiritual. *“Eu vou dormir, quando me acordo, eu sei a benzedura”*. Quando benzem, manifestam tranquilidade, espontaneidade e a certeza de que estão fazendo algo para o bem de outras pessoas. *“Quando benzo, vem a palavra naturalmente”*.

Acreditam que a manutenção e a restauração da saúde dependem de fatores distintos, com causas e consequências diversas. Esta percepção, associada à humildade – característica de Benzedeadas e Benzedores – faz com que reconheçam que o benzimento e outras práticas terapêuticas de Povos e Comunidades Tradicionais são complementares à medicina exercida por médicos. *“O que é pra benzedura a benzedura cura, o que é pra médico é pra médico. Quebranto, mau-olhado, mal-estar, ciúme, raiva, médico não tira. Sapinho, cobreiro, médico não cura”*. A pessoa que procura por benzimento é sempre atendida, pois não há nenhuma forma de discriminação ou exclusão. *“O que é pra um é pra todos. Benzedura minha é todos igual, só entre crianças e adultos que é diferente”*. A distância também não é empecilho para o benzimento, pois, em geral, benzem de longe, através do nome da pessoa, fotografia, roupa ou



outro pertence. A gratuidade do benzimento é outra característica, e sentem satisfação pelo fato de estarem contribuindo com pessoas que necessitam de ajuda. *"Eu não cobro porque é Deus que me dá, eu agradeço pra Ele"*. Eventualmente, porém, recebem presentes de pessoas que foram benzidas, que demonstram carinho e reconhecimento.

Para benzer, conversam com a pessoa atendida, perguntam o que a incomoda, o que sente, mas também utilizam de sua sensibilidade para apurar a causa da doença. *"Eu sinto quando a pessoa está carregada, com mau-olhado, aquebrantada, com uma perturbação. Chego na frente, me concentro, eu tenho que ir a fundo pra ver o que a pessoa tem"*. Benzem para estes males, que consideram males espirituais, mas também para males físicos e orgânicos. *"Eu benzo de erisipela, picada de aranha, de cobra, de escorpião, hemorragia, distensão, sapinho, cobreiro"*. O benzimento pode ser para um caso específico ou para uma proteção geral, para curar mais de uma doença. *"Quando eu benzo uma*



**O BENZIMENTO**

**GUARDA**

**UMA RELAÇÃO**

**COM O DIVINO**

**E COM O**

**ESPIRITUAL.**



*peessoa, benzo de tudo que eu sei, chamo por tudo*". Benzem pessoas de todas as idades, mas, em geral, muitas crianças. Além de sua habilidade em identificar a doença, Benzedoras e Benzedores também fazem o acompanhamento da pessoa que foi atendida, sempre que possível ou necessário. Um exemplo são os casos de sapinho `recolhido`. *"Recolher é quando tu pensa que tá fora, que ficou bom, aí amanhã a criança começa a vomitar, ter febre, diarreia, porque o sapinho está no estômago, aí vai benzendo e vai limpando"*. Para alguns tipos de benzimento, orientam benzer três ou mais vezes.

Quando ensinam a benzer, não o fazem para qualquer pessoa e a qualquer momento, e, às vezes - por diferentes motivos -, nunca chegam a ensinar. *"Diz que só depois de velha que se ensina a benzedura, senão tira a força, mas antes de morrer teria que passar para alguém"*. Quando repassam seus conhecimentos, o fazem para pessoas sensíveis e que já manifestaram esse dom, ou simplesmente deixam que estas pessoas observem as sutilezas do saber sentir e saber fazer. *"A minha avó, bem velhinha era Benzedora, aprendi com ela, eu prestava atenção, eu tinha muita fé"*. Há quem receba o dom ou os conhecimentos de pessoa falecida, que em vida benzia. *"Esse benzimento, a minha tia falecida me deu todinho"*. Essa transmissão pode acontecer em sonho e, em alguns casos, de forma psicografada, através de manifestações mediúnicas. *"Me tornei médico espírita na mesma época que me tornei benzedor. Fui despertado"*. É comum ter gerações de pessoas que benzem, pessoas idosas que são exemplo de bondade e serenidade, inspirando e orientando filhas, filhos, netas e netos, bem como outras pessoas da família ou da comunidade. *"A minha cunhada benzia muito bem, assim como minha avó, e tinha duas tias que benziavam muito bem também"*.

De uma forma geral, reconhecem que o benzimento só é possível a partir do poder de Deus. *"O que eu faço eu peço a Deus. O que acontece Deus é que faz"*. Dom, fé e concentração atuam em conjunto e se manifestam de diferentes formas. *"Eu escuto na minha cabeça o que eu tenho que fazer e dizer pra pessoa"*.

Possuem saberes e modos de fazer que foram aprimorados pela sensibilidade peculiar de cada Benzedora e Benzedor e pela prática constante. *"Se dá mau jeito no pulso, tem o costurado que é um pauzinho verde enrolado num paninho preto, agulha nova e linha preta nova. Ponho em cima do rendido e vou costurando em cruz"*. Entretanto, possuem na sua própria pessoa a essência do benzimento, e quando necessário, apenas o dom, a fé e a concentração são suficientes, substituindo qualquer objeto. *"Benzo com o que tenho, só com a mão"*.



**É COMUM  
TER GERAÇÕES  
DE PESSOAS  
QUE BENZEM.**

Há muitas semelhanças na forma de benzer, porém há muitas particularidades também. *"Ninguém benze igual, cada um benze de um jeito"*. Em geral, orientam sobre os dias e os horários em que costumam benzer. *"Ao meio-dia não se benze e nem depois das 18 horas, que é a hora da Ave Maria. Sábado e domingo eu não benzo, nem feriado nenhum"*. Há também quem benze a qualquer dia e horário, e, em geral, abrem exceção para casos graves. Utilizam diferentes objetos para benzer de acordo com sua cultura e com o que aprenderam ou receberam. *"Pra benzedura, uso tesoura, linha, ramo, que era a forma como minha mãe benzia"*. Em geral, são objetos simples e elementos da natureza como água, brasa, sementes e plantas, que estão à disposição ou são cultivadas para este fim. *"O sapinho eu benzo com nove grãos de milho, um pires com água, uma faca cortando"*. Benzedeiras e Benzedores acabam por se identificar com aquelas plantas que mais utilizam nos seus benzimentos. *"Eu gosto de benzer com arruda, guiné, quebra-tudo"*. Também o alecrim, a alfazema e ervas nativas do bioma Pampa são muito utilizadas nos benzimentos. Além da diversidade de plantas e objetos, há também uma diversidade de palavras e orações que são pronunciadas e se mantêm pela tradição oral. *"Cada benzimento tem palavras diferentes, a de hemorragia é uma, a de cobreiro são outras palavras e a de mau jeito começa com `carne quebrada..."* Benzem na língua de sua origem e cultura, e também nas demais línguas que dominam – português, pomerano, línguas ciganas ou utilizando palavras em yorubá que são de origem africana. Quando Benzedeiras e Benzedores dominam mais de uma língua, adotam aquela que pode ser compreendida por quem procura o benzimento – mesmo que em som muito baixo – como sinal de respeito e consideração à outra pessoa, e à sua cultura.

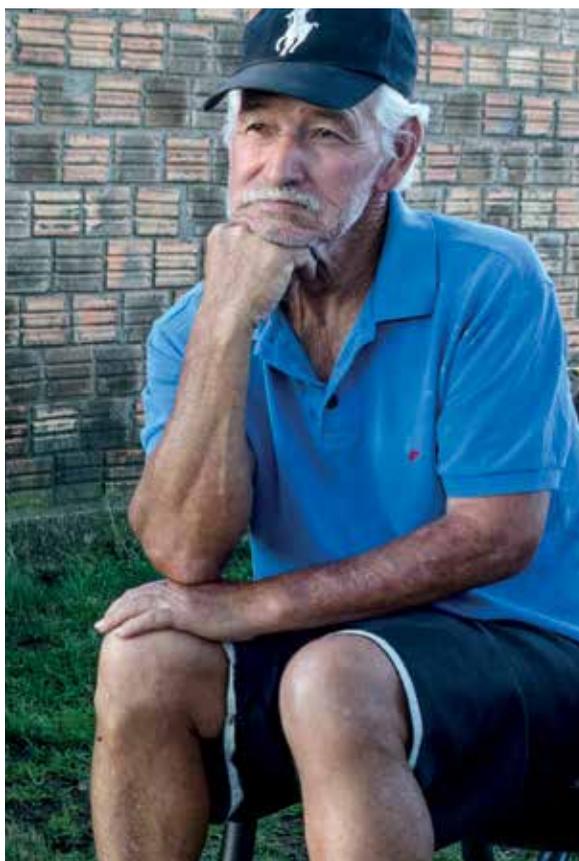
Para as Benzedeiras e Benzedores, o benzimento lida com a energia das pessoas que, em geral, procuram o benzimento com a intenção de se proteger, prevenindo-se de doenças do corpo e do espírito, quando estão com uma doença de difícil diagnóstico por médicos, ou quando são acometidas por determinados males que, tradicionalmente, são identificados por doenças que só se curam através de benzimento. Portanto, saber se proteger e manter a saúde requer saberes e fazeres próprios da cultura. Exige conhecimentos tradicionais e ancestrais. *"Tem que saber como despachar o negativo da pessoa"*. Desta forma, Benzedeiras e Benzedores conseguem lidar com muitas situações difíceis, cuidar das pessoas, cuidar de si mesmo e manter-se com disposição para seguir atendendo mais e mais pessoas. *"Eu mesma já me benzo. Quando termino de benzer a pessoa, eu descarrego o galhinho que eu benzi, aí já me descarrego"*.

Para alguns males e situações, utilizam também simpatias. *"Simpatia é diferente de benzedura: simpatia cura asma, bronquite... Benzedura é pra cobreiro, alergia de aroeira"*. Algumas plantas são





“É UM DOM MUITO IMPORTANTE,  
É A VONTADE DE FAZER  
O BEM PARA AS PESSOAS.”



**ERVAS NATIVAS  
DO BIOMA PAMPA  
SÃO MUITO  
UTILIZADAS NOS  
BENZIMENTOS.**

utilizadas em simpatias. *"A espada de São Jorge é pra fazer simpatia dentro de casa, pra chamar só coisa boa"*. Para evitar tempestades, há benzimentos e simpatias feitas há várias gerações. *"Quando se armava uma tormenta, pegava o machado e fazia uma cruz pra esparramar e enfraquecer a tormenta"*. Memórias da infância fazem lembrar das pessoas mais velhas como protetoras da família e da comunidade. *"A gente dizia: `não vai ventar muito, porque a vovó tá cortando o vento`"*. Seguem recorrendo a benzimentos e simpatias para amenizar tempestades, chuvas e ventanias, embora haja quem defenda que nada deve ser feito nestes casos. *"Pode estar desviando o problema pra outro lugar"*.

Animais domésticos também são benzidos por algumas Benzedoras e Benzedores. Em geral, não são todos os animais que são benzidos. *"Só benzo animal de pelo, de pena não, já benzi cachorro, gato, uma porção de vaca"*. A confiança popular na benzedura de animais continua forte mesmo por quem utiliza medicamentos veterinários e recursos modernos para o tratamento do animal. *"Às vezes, boto remédio no gado, mas ainda assim benzo"*. Benzem para cicatrizar, para bicheira, para engasgo e outros males que acometem os animais.



"O que eu corto?"

Sapinho!

Assim mesmo eu   
corto esse sapinho não  
há de aumentar,  
com a graça de Deus e  
de Jesus há de curar.

Em nome do pai,  
do Filho e do Espírito  
Santo. AMÉM"

Além de realizar benzimentos e simpatias, Benzedeadas e Benzedores podem desenvolver outras habilidades como a clarividência. *“Eu vejo coisas, eu sei o que vai acontecer”*. O conhecimento tradicional sobre o uso de plantas medicinais e a preparação de remédios caseiros exige prática e sensibilidade. *“As Benzedeadas sempre têm um xarope ou uma pomada”*. Algumas Benzedeadas atuavam também como parteiras, acompanhando a gestação, fazendo o parto e ensinando o ofício de parteira às mulheres mais jovens que quisessem aprender os cuidados do parto. *“Saía pra tudo que era lado, vinham buscar ela, era parteira de campanha e Benzedeadas”*. Atualmente, poucas parteiras ainda fazem partos, preferem se reservar. O atendimento de pré-natal e o parto são feitos através dos serviços públicos de saúde. No ambiente hospitalar, as grávidas são cada vez mais submetidas a cesarianas. Entretanto, em comunidades tradicionais onde ainda existem parteiras, em casos de emergência, estão sempre prontas para fazer o parto natural.

Se, por um lado, Benzedeadas e Benzedores são conscientes de que suas práticas tradicionais de prevenção e cura de doenças ainda não são reconhecidas por uma política pública específica, por outro lado, muitas pessoas que moram no meio rural e também no meio urbano, de diferentes idades, mantêm a tradição do benzimento. *“Ainda benzo às vezes, porque as pessoas da cidade querem benzer”*. Há quem procure o benzimento por orientação médica. *“Fizeram radiografia, exame de sangue e não tinha nada. O médico disse: ‘você acredita em Benzedeadas?’ ‘Acredito’. ‘Leva na Benzedeadas’... Ela benzeu 3 vezes e até hoje minha netinha não sentiu mais nada”*.

O Conselho Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais, recentemente instituído pelo Governo Federal, reconhece Benzedeadas e Benzedores como segmento social membro do Conselho. Esse espaço político de participação poderá servir para ampliar benefícios e assegurar direitos próprios de Povos e Comunidades Tradicionais, além de proporcionar maior visibilidade ao ofício de Benzedeadas e Benzedores, ressaltando a sua importância sociocultural e ancestral. *“Na nossa ancestralidade, a Benzedeadas era mãe de santo. Quem benze hoje não faz essa relação ou, se faz, não fala”*.

Algumas pessoas deixaram de benzer por restrições impostas por outras religiões e cultos que adotaram. Por esse e outros motivos, atualmente, há menos Benzedeadas exercendo sua prática do que no passado. *“Tinha muita Benzedeadas antes, agora não tem muito, vão morrendo, não vão ensinando, os jovens não se interessam mais”*. Há quem se esforce por incentivar a juventude, porém nem sempre com sucesso, pois é preciso muita fé e confiança. *“A pessoa tem que acreditar”*. O dom, porém, segue se manifestando, e, nestes casos, pequenas influências são de fundamental importância para manter viva esta identidade. *“O meu pequenininho tem 6 anos, ele gosta disso, é uma coisa forte. Ele tem o dom”*.



**“SAÍA PRA TUDO  
QUE ERA LADO,  
VINHAM BUSCAR  
ELA, ERA PARTEIRA  
DE CAMPANHA E  
BENZEDEIRA.”**





# COMUNIDADES QUILOMBOLAS

“SOU FELIZ EM SABER QUE SOMOS  
QUILOMBOLAS, ANTIGAMENTE NÃO SABÍAMOS.  
NOSSOS ANTEPASSADOS FUGIRAM, POIS  
NÃO SE SUJEITAVAM ÀQUELA REALIDADE,  
E ACHARAM ESSE MORRO AQUI.”







**S**ão muitas as Comunidades Quilombolas localizadas no bioma Pampa, tanto no meio rural como no urbano, resultado de um processo histórico em que a mão de obra das pessoas negras escravizadas era utilizada especialmente em grandes estâncias de gado – nas **lidas campeiras** e no trabalho doméstico – e nas **charqueadas**. As Comunidades Quilombolas se identificam pelo passado e pelo presente, buscando, lembrando e recontando histórias, memórias e sentimentos. “Um dos maiores legados que tenho é saber quem sou, quais minhas raízes, de onde eu vim”. O local que proporcionou refúgio, abrigo e sobrevivência aos seus antepassados tem importância fundamental na identidade Quilombola. “São cento e sessenta anos de existência e resistência aqui nessa área”. Esta identidade está diretamente relacionada aos conhecimentos adquiridos sobre os territórios, as paisagens, as plantas e os animais, através da transmissão de conhecimentos tradicionais entre as gerações. “*Planta nativa é muito importante preservar, ali tem o remédio, se um dia precisar*”. A força deste conhecimento ancestral e vivo faz com que as Comunidades Quilombolas se tornem cada vez mais conscientes da sua história, do valor da sua cultura e dos seus direitos. “*A gente quer o que a gente tem direito*”.

Lembranças contadas pelas pessoas mais antigas são versões não publicadas de uma história que faz cada vez mais sentido para a identidade Quilombola. “*Isso aqui começou com o meu pai, os avôs e os pais dele morreram na guerra*”. São detalhes de sofrimento e de esperança vividos e não esquecidos. “*Nossos antepassados fugiram de barco e depois a pé, caminhavam à noite*”. Em meio a tantos sentimentos, predomina o orgulho das gerações passadas, por sua coragem e por conhecimentos e saberes herdados. “*Nossa avó veio fugida. Ela foi a primeira moradora daqui e trouxe variedades de sementes*”.

A maioria das Comunidades Quilombolas está situada em locais de difícil acesso, como morros, serras e cerros, locais que antigamente foram desprezados para os assentamentos ou atividades produtivas, e que permitiram certa segurança para as Comunidades Quilombolas que ali se formaram. “*O morro aqui é um esconderijo, um*



*ponto estratégico, se enxerga tudo à volta*". O território de uso tradicional Quilombola guarda memórias e indícios de ocupação do espaço por gerações. *"Há lugares sagrados no território"*.

Um dos principais desafios enfrentados pelas Comunidades Quilombolas é a titulação de seus territórios tradicionais. *"A gente ainda não avançou nessa questão do direito ao território, mesmo com processo aberto no INCRA"*. Há ainda grande diferença entre os territórios registrados na memória e aqueles aos quais as Comunidades têm acesso. *"Tudo aqui era nosso, tenho isso na memória"*. As Comunidades, em geral, sobrevivem em áreas pequenas, com restrições para a agricultura e pecuária, com difícil acesso e precária infraestrutura. *"Aqui são 96 famílias em 36 ha, na média, não dá meio hectare por família"*. Interesses diversos sobre os territórios Quilombolas, especialmente de setores dos ramos imobiliário, turístico e do agronegócio, muitas vezes com conivência do Poder Público, ameaçam constantemente a segurança e o modo de vida de Comunidades Quilombolas. *"Perdi irmãos*



**SÃO MUITAS  
AS COMUNIDADES  
QUILOMBOLAS  
LOCALIZADAS  
NO BIOMA  
PAMPA.**



“OPAMPA TEM AS  
PLANÍCIES. TEM  
CAPIM CANINHA, COLA  
DE SORRO, SANTA FÉ  
TAMBÉM. TEM VEADO-  
CAMPEIRO, PILINCHO,  
QUERO-QUERO,  
TRINCA-FERRO,  
JOÃO-DE-BARRO.”

*assassinados. Sabemos quem fomentou o conflito”. As Comunidades Quilombolas, por outro lado, buscam sempre o diálogo e evitam qualquer tipo de confronto, sem deixar de reafirmar e buscar seus direitos. “Já tá delimitado, não queremos ampliar, mas também não abrimos mão de mais nada. São 120 famílias”. Além da preocupação com as famílias que estão atualmente nas Comunidades Quilombolas, há, também, uma preocupação em criar condições para que as famílias que saíram no passado, em busca de sobrevivência, possam retornar.*

Grande parte dos territórios tradicionalmente ocupados pelas Comunidades Quilombolas são, ainda hoje, áreas conservadas. *“Parte é mata nativa, capões que a gente quer preservar, não só por ser área de preservação, mas porque é memória, é história”. Natureza, memória e espiritualidade se fundem ampliando o significado e a importância do acesso a diferentes ambientes, conservados ao longo das gerações. “Dentro da mata tem uma lagoa que a gente utiliza pra parte da religião, e tem a pedreira desativada que pra nós é um espaço sagrado”. As particularidades de cada ambiente, encantamentos e benefícios para todas as formas de vida são valorizados, principalmente através de conhecimentos tradicionais sobre a diversidade de paisagens, como capões de mato, banhos, coxilhas, sangas, rios, lagoas, butiazais, e, principalmente, pela*

inter-relação existente entre plantas e animais. *“Eu acho bonito os animais viverem, eles ajudam... comem sementes, levam pra outros lugares, aí a própria mata se desenvolve e vai cruzando as diversidades”*. O conhecimento sobre a paisagem campestre do bioma Pampa se destaca por sua importância nos modos de vida das Comunidades Quilombolas. *“O Pampa tem as planícies. Tem capim caninha, cola de sorro, santa fé também. Tem veado-campeiro, pelincho, quero-quero, trinca-ferro, joão-de-barro”*. Para algumas Comunidades, a escassez de água faz com que o cuidado com as poucas fontes existentes seja dobrado. *“Sempre tivemos essa visão de preservar e cuidar da água. É uma questão importante pra nós na Campanha, em determinadas épocas chove muito pouco”*. Possuem conhecimentos tradicionais acerca dos ecossistemas e do microclima. *“O canto da seriema anuncia a chuva de manhã. Quando vai vir um temporal o gado se junta, fica de costas para o vento”*. Manejam os ambientes e conduzem suas atividades produtivas a partir da observação e do respeito às dinâmicas ambientais, que são consideradas cíclicas e orientadoras de ações. *“A canhada é onde tem muita umidade no inverno, e no verão é o lugar onde o gado fica porque ali é mais verdinho”*.

A degradação ambiental, porém, é uma das ameaças mais preocupantes que atingem as Comunidades Quilombolas. *“Em 1978, o arroio Caverá dava muito peixe, agora estão morrendo... são esses venenos que estão botando aí”*. Frequentemente,



**“... O ARROIO  
CAVERÁ DAVA  
MUITO PEIXE,  
AGORA ESTÃO  
MORRENDO... SÃO  
ESSES VENENOS  
QUE ESTÃO  
BOTANDO AÍ.”**



presenciam crimes ambientais cometidos nos seus territórios e em áreas do entorno. *“Tem uma invasão lá do outro lado daquele capão. Eles tão desmatando tudo... Já notifiquei o INCRA e o Ministério Público”*. Além da degradação dos recursos hídricos, do monocultivo e do uso de agrotóxicos, dos desmatamentos, perda dos campos nativos e paisagens, da expansão urbana e invasões, também sentem as consequências de projetos de mineração e turismo, da introdução de espécies exóticas – a exemplo do javali – e da disposição inadequada de resíduos sólidos. *“Faz 45 anos que jogam lixo aqui”*. Há mudanças nas dinâmicas hídricas, com redução da disponibilidade de água, já escassa em muitas Comunidades. *“A cacimba secou. Está sumindo as vertentes”*. As mudanças climáticas também já são sentidas pelas Comunidades Quilombolas. *“Mudou muito o clima. Faz frio no verão e calor no inverno. Não tem mais tantas geadas”*.



**“MEU AVÔ FAZIA  
CERCAS DE PEDRA.  
É UMA COISA QUE  
A GENTE NÃO  
QUER PERDER. ELE  
DIZIA QUE TEM  
QUE PROCURAR A  
VOLTA DA PEDRA,  
ACHAR A PARTE  
QUE ENCAIXA  
MELHOR.”**

Através da ocupação coletiva dos territórios e do uso sustentável da biodiversidade, as Comunidades Quilombolas desenvolveram diversos conhecimentos tradicionais, práticas e inovações, transmitidos através da oralidade e do próprio fazer coletivo. *“Pra lenha, usamos branquilho, aroeira, móio, chirca e arará, mas só os galhos secos. Pra cerca: o angico”*. Cercas de pedra e cercas de chirca são comuns nos territórios quilombolas onde há abundância destes recursos. *“Meu avô fazia cercas de pedra. É uma coisa que a gente não quer perder. Ele dizia que tem que procurar a volta da pedra, achar a parte que encaixa melhor”*. A tecnologia de fazer casas ou ‘ranchos’ de torrão ou pau-a-pique e cobertas com palha vem sendo conservada por algumas Comunidades. *“Pra fazer casa de barro, a barreada, eu saía a cortar capim com meu pai”*. Os conhecimentos adquiridos junto às pessoas mais velhas seguem sendo aprimorados ao longo das gerações. *“Meu pai faz esse tipo de quincha, eu peguei os detalhes e aprimorei, é uma coisa que a gente guarda pra sempre”*. A confecção de utensílios de madeira também é uma importante herança da tradicionalidade Quilombola, destacando-se o uso das madeiras de corticeira e caneleira para fazer gamelas e pilões. *“O pilão é uma das nossas referências”*. As gamelas já foram muito usadas como bacias para manipular alimentos ou para higiene de adultos e crianças. *“Tem um gamelão bem grande que se usava pra charquear carne”*. Além da madeira, outros recursos da biodiversidade são utilizados através de técnicas artesanais, principalmente para fazer cestarias. As Comunidades também utilizam tecidos coloridos, retalhos e ‘fuxico’ para confeccionar tapetes, colchas, roupas e bonecas negras, produtos da identidade Quilombola que contribuem para a geração de renda.





**"AS MULHERES  
TAMBÉM  
CAMPEREIAM: JUNTAM  
O GADO, CONTAM,  
LAÇAM, ENCERRAM  
NA MANGUEIRA."**

Conhecimentos adquiridos pelos antepassados de Quilombolas nas antigas fazendas de gado, nas charqueadas e nas regiões por onde viveram e sobreviveram, também foram transmitidos e aperfeiçoados através dos tempos, a exemplo das lidas campeiras. *"As mulheres também **campereiam**: juntam o gado, contam, laçam, encerram na mangueira"*. A carne, o couro, os chifres e a lã continuam sendo processados através de técnicas tradicionais. *"Pra fazer o **pelego**, tem que cuidar pra não rasgar quando tira da ovelha. Pendura e deixa bem esticadinho pegando sol na parte da carne"*. Com a lã, confeccionam peças como o **xergão**. *"Vendo xergão de lã escura, que é mais barata. Me dão tantos quilos de lã e eu dou um xergão pra usar no cavalo. Faço a troca"*. Antigamente, a lã de ovelha era **esquilada** e processada na Comunidade, mas atualmente esta prática tradicional vem sendo substituída pelo uso de equipamentos elétricos e o processamento em série por empresas especializadas. Algumas Comunidades Quilombolas, especialmente da região da Campanha, mantêm a atividade pecuária, seja



para o consumo alimentar ou complementação da renda familiar. Esta atividade é mantida com muitas dificuldades, principalmente pela falta de investimentos e pelo tamanho limitado das áreas de pastagens, fazendo com que algumas Comunidades manejem coletivamente o gado, como no passado, porém em áreas menores. *"O gado era tudo junto"*. Devido a estas dificuldades, e a partir de seus conhecimentos tradicionais, Quilombolas prestam trabalhos permanentes ou esporádicos em fazendas e propriedades da região. *"Sou alambrador desde os 15 anos. Alambrador é quem faz a segurança do gado na fazenda, faz cerca, porque a cerca é a primeira coisa pra ter segurança. Faço mangueira quadrada e redonda, galpão, balança"*.

A agricultura e a criação de pequenos animais, especialmente para o consumo familiar, é uma prática comum das Comunidades Quilombolas, principalmente por seu forte vínculo cultural com a terra. Antigamente – e em algumas regiões ainda hoje –,



**"EU PLANTEI DE  
TUDO: BATATA-DOCE,  
ABÓBORA, MILHO,  
MANDIOCA, UM  
POUQUINHO  
DE CADA COISA."**



**“OPILÃO É UMA  
DE NOSSAS  
REFERÊNCIAS.”**

plantavam em propriedades do entorno de suas Comunidades, num formato de parceria, onde entravam com a mão de obra. *“Minha família sempre viveu da agricultura, a gente tinha um pedacinho de terra, mas não era suficiente, então a gente plantava de meia com os colonos”*. Atualmente, o cultivo de alimentos e criação de animais é priorizado para a segurança alimentar através de estratégias aprendidas com seus antepassados. *“Era arroz, feijão, batatinha... Os bichos a gente criava pra ter carne, ovo. Nem tudo precisava comprar, ainda agora a gente cria um animalzinho pra abater pra ter em casa a alimentação”*. Outra importante característica é o cultivo diversificado, mesmo em pequenas áreas. *“Eu plantei de tudo: batata-doce, abóbora, milho, mandioca, um pouquinho de cada coisa”*. O cultivo diversificado de alimentos e a cultura afrodescendente permitiram o desenvolvimento de uma riquíssima culinária tradicional. *“A minha vó fazia rosca de farinha de milho, bolinho frito, mingau... A gente fazia canjica no pilão, fazia farinha de mandioca”*. Saberes e técnicas para o armazenamento

e conservação de alimentos também eram essenciais para as Comunidades, onde, apenas recentemente, chegou a luz elétrica. *"Não tinha geladeira, então a gente matava os porcos, fritava a carne e guardava na banha"*. Uma importante prática de conservação de alimentos transmitida entre as gerações foi a salga da carne, o **charque**. *"Até há pouco tempo, eu fazia charque, o charquezinho na gamela"*. Para cozinhar os alimentos e aquecer a água do chimarrão, o fogo a lenha permaneceu através dos tempos. *"Cozinhasse com fogo de chão, no gancho. Usava a chaleira de lata, chamada de cambona"*. Atualmente, usam o fogão a lenha, especialmente no inverno. Eventualmente, preparam um fogo na parte externa da casa, para o preparo de doces nos tachos, como doce de marmelo, pessegada e doce de pata de vaca. *"Pega pata de vaca e coloca a ferver. Leva leite, caldo da pata e açúcar"*. O consumo de carnes de caça era comum no passado, inclusive de ovos de aves, como da ema e da perdiz. Apesar desta riqueza cultural, em algumas Comunidades, a situação de insegurança alimentar é grave, mesmo com a inserção das famílias Quilombolas em programas sociais. Estes programas amenizaram a situação, principalmente da fome eminente, porém não solucionaram todos os problemas sociais, já que é uma questão complexa que perpassa diversos fatores, todos relacionados ao reconhecimento da identidade Quilombola e a regularização de seus territórios. Existem propostas de complementação dos programas sociais, como o Bolsa Família, com iniciativas que demonstram a possibilidade de superar a insegurança alimentar por meio do fortalecimento da cultura afrodescendente e Quilombola. *"Queremos ativar a cozinha comunitária porque temos todo um conhecimento tradicional da culinária: feijoada, mocotó, pães, bolos"*.

Atualmente, a agricultura tradicional das Comunidades Quilombolas passa por adversidades, principalmente pelas mudanças climáticas e a baixa fertilidade natural dos solos. *"Eram dois, três tipos de feijão: carioca, preto e mouro. Plantava um litro de feijão, colhia um saco. A natureza era perfeita"*. Entretanto, mesmo diante destas adversidades, o gosto pela agricultura continua presente entre as gerações mais novas, que observam e acompanham atentamente as pessoas mais sábias e experientes. *"Eu adoro ir pra horta com a vó"*. A ligação com a natureza e a terra, e o desejo de ampliar esta relação é evidente. *"Ser Quilombola é trabalhar na terra, na roça, no campo, alguém que procura ter a própria terra"*. A falta de território impede as Comunidades Quilombolas de exercerem a agricultura e a pecuária familiar como principal atividade econômica. Assim, Quilombolas utilizam suas habilidades e conhecimentos tradicionais para a prestação de trabalhos a terceiros, especialmente como diaristas e empregados em fazendas e granjas, e, em geral, sem carteira assinada,



com grande instabilidade e insegurança trabalhista. *"Às vezes, passa uma ou duas semanas sem termos trabalho, sem termos renda"*. Direitos trabalhistas são negados tanto por empregadores, como pela ineficácia ou indiferença dos órgãos públicos em reconhecer os Quilombolas como agricultores familiares. *"Uma coisa que a gente tem direito, mas não conseguiu ainda, é o Talão de Produtor, pra ter direito à aposentadoria"*. Para as mulheres, a situação é ainda mais complicada. *"Não tem oportunidade nenhuma para nós, mulheres. A gente ganha alguma coisa fazendo pão, rapadura, queijo"*. Apesar dos diversos conhecimentos e habilidades de mulheres e homens Quilombolas, em geral, as Comunidades não encontram as condições necessárias para exercer as atividades com as quais se identificam e que poderiam garantir um modo de vida de acordo com sua cultura e suas raízes. *"A maior parte das mulheres é doméstica e dos homens trabalha na construção civil, mas tem também motoristas, balconistas em loja, agentes de saúde. Alguns são aposentados, alguns recebem Bolsa Família"*.

Conhecimentos tradicionais sobre o uso da biodiversidade na medicina tradicional, sobre benzeduras e cuidados preventivos de saúde seguem sendo utilizados, transmitidos e adaptados ao longo das gerações pelas Comunidades Quilombolas.



*"Se está doente, tem um remédio, uma benzedura".* O aprendizado se dá no dia a dia, através da oralidade e do respeito às pessoas mais velhas. *"Eu aprendi com a vó: ela saía a caminhar com a gente e ia mostrando `isso aqui é chá, é bom pra isso', e a criança grava as coisas na cabeça".* A diversidade de plantas medicinais nativas do Pampa é conhecida e utilizada em chás, xaropes e outros preparados medicinais, como, por exemplo, a piriquiteira, cambará, erva de bugre, coronilha, chinchilho, pata-de-vaca, sabugueiro, carqueja, marcela, guaco, salsaparrilha, poaia, cabelo de porco, guaxuma e garupá. *"Usava arnica, casca de corticeira, raiz de carrapicho e erva de passarinho".* As plantas medicinais exóticas também são cultivadas no entorno das casas, como cidró e palma. Há uma consciência coletiva sobre a importância deste saber e também da necessidade de conservação dos ambientes onde as plantas nativas são coletadas: *"Aqui nós temos umas duzentas ervas, próprias da área mesmo, nativas".* Os conhecimentos tradicionais associados à biodiversidade vão desde a identificação de males e doenças, até as formas de preparo de remédios caseiros e indicações de seus usos, principalmente quanto às dosagens. *"Tem variedades, pra bronquite, alergia, intoxicação... A gente faz chá, xarope, pomada, banho quando tem ferida".* As gorduras de origem animal também são utilizadas no preparo de remédios caseiros.



**"A MINHA VÓ  
FAZIA ROSCA  
DE FARINHA DE  
MILHO, BOLINHO  
FRITO, MINGAU..."**

*"Meu pai usava a graxa da ovelha, fazia pomada". Em algumas Comunidades as plantas também são utilizadas em rituais religiosos. "Utilizamos as ervas pra parte da religião afrodescendente".*

A benzedura é muito valorizada pelas Comunidades Quilombolas e praticada por pessoas que possuem o dom. *"O dom é a pessoa saber as coisas sem estudar, vem de nascença mesmo".* Os relatos de cura são muito comuns. *"Eu benzia e quebrava impasse, dor de dente, cobreiro brabo, picada de inseto, de aranha... Curei muitos aqui".* Os animais domésticos também são tratados com ervas e benzimentos. *"Quando o gado fica bichado ou com mordida de cobra, a gente benze".* No passado, eram muitas as pessoas que benziavam nas Comunidades Quilombolas, atualmente é mais difícil de encontrá-las, mas ainda podemos encontrar três gerações de benzedoras em uma mesma família. *"Isso passa de mãe pra filha, pra neta".* Saber fazer partos também é um conhecimento tradicional aprendido através da observação e do convívio com as mulheres parteiras mais velhas. *"Minha vó e minha mãe eram parteiras. Minha vó fez o parto dos 10 filhos da minha mãe".* Transmitir tranquilidade e confiança durante a gestação é uma das sabedorias destas parteiras e algumas mulheres ganharam seus bebês sozinhas em casa. *"Eu fui parteira de mim mesma".*

A espiritualidade está muito presente nas Comunidades Quilombolas, expressa de distintas formas e através de diferentes religiões. *"Cada um tem a sua crença, tem a sua devoção".* Atualmente, as religiões cristãs predominam, às vezes com indícios de sincretismo. *"Somos devotos à Nossa Senhora Aparecida, o pessoal se identifica por ela ser negra, e Nossa Senhora dos Navegantes que tem uma relação com lemanjá".* As mudanças religiosas vêm acontecendo a partir de um passado muito próximo. *"Aqui na Comunidade, a tradição da religião Quilombola foi meio acabando, algumas rezas antigas eu lembro".* A ancestralidade se expressa através da memória. *"A família do meu pai era de terreiro. Eu me lembro que tinha uma salinha com oferendas".* À medida que as Comunidades Quilombolas aprofundam o conhecimento sobre sua história, criam meios para reviver também sua espiritualidade e ancestralidade. *"Estou descobrindo, querendo saber, porque não sabemos nada, foi suprimido, porque diziam que aquela religião não era do bem".* A vivência da espiritualidade acompanha as gerações e é expressa de diferentes formas na atualidade. *"A religião afrodescendente está nas raízes do nosso povo".* Não apenas a espiritualidade é revisitada quando as Comunidades Quilombolas olham para suas próprias histórias, mas também valores, práticas e expressões culturais. *"Eu achava que a cultura afro estava mais na Bahia, descobri que não,*





“SER QUILOMBOLA É TRABALHAR  
NA TERRA, NA ROÇA,  
NO CAMPO, ALGUÉM  
QUE PROCURA TER A PRÓPRIA TERRA.”



Summer  
**STRUTURA**  
STANDARD IN QUEL  
JEANS

que é no Rio Grande do Sul e que tem a ver com a nossa cultura... Pra mim foi um choque cultural". Festas e brincadeiras reuniam a Comunidade fortalecendo sua identidade cultural, a exemplo do baile de chão batido, terno de reis e do jogo de tava ou jogo do osso. "Faziam uma tava com o osso da vaca, uma cancha e jogavam". Crianças brincavam de pega-pega, bolas, bonecas e outros brinquedos de pano e madeira. "Tenho lembrança dos momentos de lazer que tínhamos na Comunidade". Reuniam-se para ouvir histórias contadas pelas pessoas mais velhas, inclusive de assombrações, mantendo viva a tradição oral.

As Comunidades Quilombolas que tiveram seus territórios reconhecidos conquistaram alguns serviços públicos. "Com o reconhecimento, a gente conseguiu trazer a luz e a água". Em geral, porém, estes serviços ainda estão aquém das necessidades das Comunidades. "Não tem posto de saúde próximo, dentista nunca teve. Também não tem escola próxima". Estruturas e serviços essenciais muitas vezes levam anos para serem implantados nas Comunidades ou nas regiões onde as Comunidades estão localizadas. "A gente tá tentando há 2 anos, com a Prefeitura, pra trazer uma creche". Algumas Comunidades têm a perspectiva de conquistarem serviços públicos orientados para a continuidade da cultura Quilombola. "A gente pensa numa creche Quilombola, pra preservar a cultura, dar continuidade na maneira que a gente foi criado". As consequências de sucessivas e massivas exclusões sofridas pelas Comunidades Quilombolas, devido principalmente ao preconceito racial da sociedade em geral, são evidentes. "Algumas escolas não aceitavam negros, por isso ainda tem analfabetismo". A impossibilidade de expressar sua cultura no passado tem reflexos até os dias atuais. "Não ter mais terreiro é muito triste". O reconhecimento como Comunidades Quilombolas possibilitou mudar um pouco este cenário, "Queriam fechar a escola porque tinha 63 alunos, conseguimos na justiça. Também o posto de saúde reabriram. Então, foi bom pra todo mundo, não só para os Quilombolas. Aí começaram a respeitar mais a Comunidade".

O reconhecimento da identidade Quilombola, a regularização dos territórios e a superação das dificuldades vivenciadas pelas Comunidades Quilombolas são conquistas diretamente relacionadas com o fortalecimento da organização local e regional. "Queremos formar um Comitê Quilombola no município". Aprofundar histórias individuais e coletivas e valorizar a cultura afrodescendente são desafios tão importantes quanto ampliar a articulação entre as Comunidades. "Precisamos ter um coletivo maior de Comunidades, conhecer a história e a realidade uns dos outros, porque a gente é uma família Quilombola".



AS COMUNIDADES  
TAMBÉM  
UTILIZAM TECIDOS  
COLORIDOS,  
RETALHOS  
E 'FUXICO'.



**CHARQUEADAS** – propriedades rurais presentes no extremo sul do Brasil, especialmente no século XIX, que recebiam o gado das regiões de campo do estado do Rio Grande do Sul para produção de charque, mantido exclusivamente através do trabalho escravo.

**CHARQUE** – mantas de carne, em geral bovina, salgada e estendida ao sol para secar, com o objetivo de mantê-la própria para o consumo por mais tempo. O ciclo do charque movimentou a economia brasileira até a Lei Áurea, que extinguiu a escravidão no Brasil, em 1888.

**QUINCHA** – cobrir o telhado de casas, “ranchos” ou outras estruturas com palha.

**LIDAS CAMPEIRAS** – um conjunto de atividades e ofícios para manutenção das propriedades rurais, relacionadas à criação, manutenção e reprodução de rebanhos animais, especialmente bovinos, ovinos e equinos, dentre eles: esquila ou tosa da lã de ovinos, feitura de cercas e aramados, confecção de artefatos e utensílios em couro, doma, campereada.

**CAMPEREAR** – percorrer o campo, em geral a cavalo, para cuidar do rebanho.

**ESQUILAR** – tosar ou cortar a lã de ovinos. Tradicionalmente feita de forma manual, com uma tesoura, chamada de “tesoura martelo”.

**PELEGO** – pele de ovino com a lã, utilizada sobre os arreios (acessórios de montaria) para tornar mais confortável o assento. Também utilizado para forrar cadeiras.

**XERGÃO** – peça retangular tecida com lã bruta, usada entre o lombo do cavalo e as demais peças do arreio (acessórios de montaria).



# PECUARISTAS FAMILIARES

“PECUARISTA FAMILIAR É QUEM TEM  
A VIVÊNCIA, ENTENDE E  
INTERAGE COM A NATUREZA, VIVE  
DALI, TIRA SEU SUSTENTO DALI.”



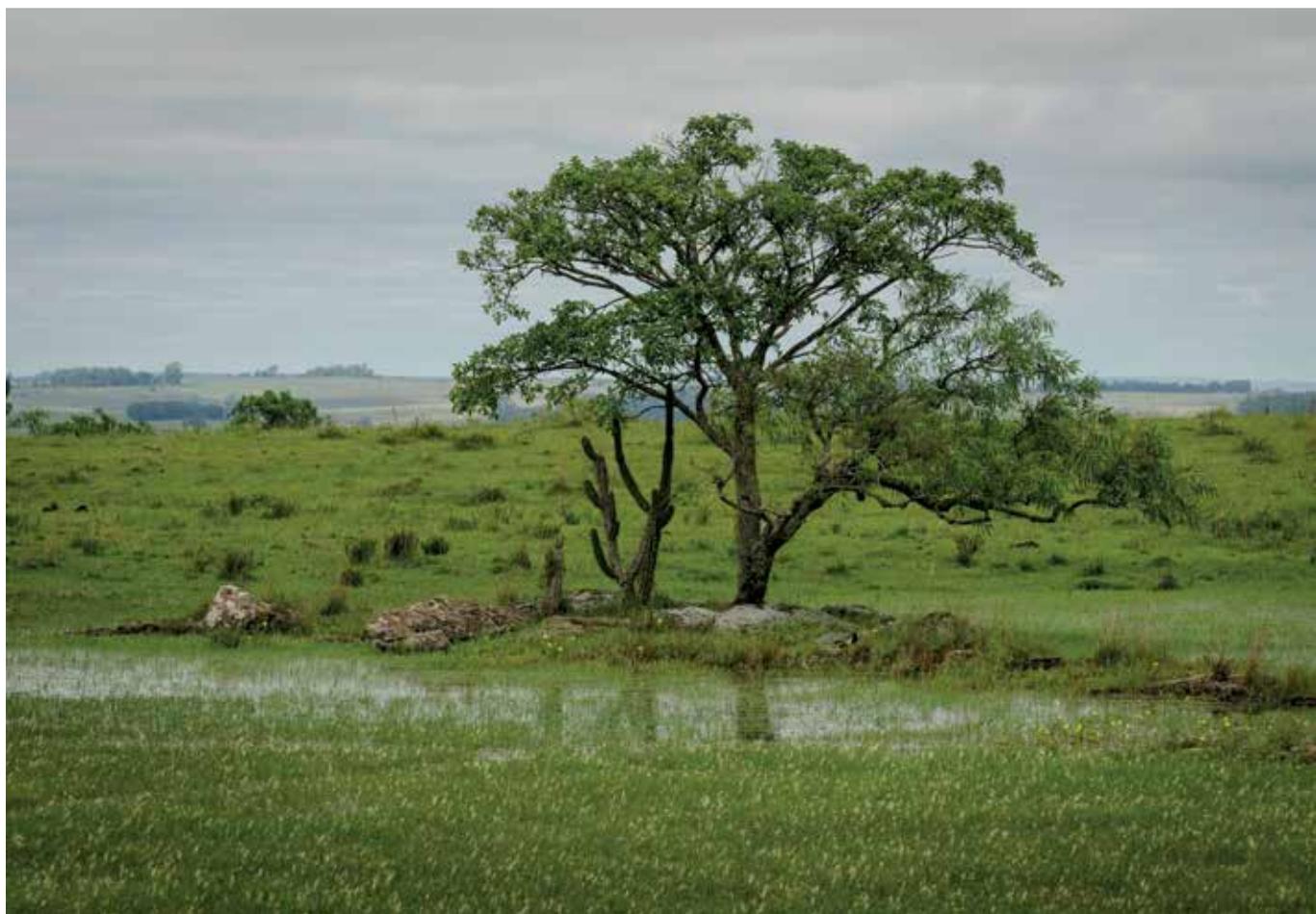




**S**er Pecuarista Familiar está além da atividade econômica desenvolvida, tem que gostar, observar, interagir e cuidar. Cuidar da terra, dos animais e do lugar onde se vive. É um modo de ser e de viver próprio, orientado pelos ciclos naturais, das plantas e dos animais. Através da pecuária, valoriza o campo nativo e não agride o ambiente e as paisagens. *“A gente mantém o campo nativo com toda a biodiversidade da região”.*

O convívio diário com os animais é uma característica e também é motivo de orgulho e prazer. *“É difícil o dia que não se lide com os animais, o dia que não lida com gado você lida com ovelha”.* Esse modo de ser é expresso também pelas mulheres, mas a divisão do trabalho historicamente construída ainda se impõe. *“Eu adoro! Se eu pudesse sair de manhã cedo e não atender nada dentro de casa, pegar um cavalo e sair pro campo, é o que eu queria”.* Esta intensa relação faz com que Pecuaristas Familiares conheçam os animais pelas suas características ou temperamento. *“Cada ovelha tem um detalhe, nenhuma é igualzinha, a gente nota a diferença”.*

A identidade de Pecuarista Familiar integra também a agricultura. *“Se planta e se cria, se faz a agricultura e a pecuária junto”.* A diversidade de animais e vegetais é ao mesmo tempo uma característica e também uma estratégia de segurança alimentar e geração de renda. *“A gente cria bovino, ovino, ave, porco, cavalo e planta um pouco de tudo”.* Esta pecuária associada ao policultivo é mantida através das gerações e pressupõe um conjunto de conhecimentos e modos de fazer tradicionais que são essenciais para a reprodução deste modo de vida. *“A gente aprende com a família, com os mais experientes, vendo e fazendo, no sacrifício, e o dia a dia vai ensinando”.* Da mesma forma, procuram repassar estes saberes para filhas e filhos. *“Lidar com animais vem de berço, meu avô e meu pai faziam isso, e a minha pequena adora”.* O regime de trabalho segue sendo familiar, com o envolvimento de todas as gerações nas **lidas campeiras** e na agricultura. A vida em comunidade continua sendo essencial para trocar conhecimentos e aperfeiçoar saberes, especialmente através da prática de ‘ajutório’, que é a troca de dias de serviço por pura amizade. *“Eu vou lá e trabalho dois, três dias com ele, ele vem e trabalha dois, três dias, isso ajuda bastante”.*



Pecuaristas Familiares se expressam culturalmente através da relação com o cavalo, utilizado nas lidas campeiras, através de vestimentas típicas como **bombachas**, botas, chapéus ou **boinas**, usadas tanto por homens quanto por mulheres, que, em ocasiões festivas, usam **vestidos de prenda**, se expressam também através das vestes e **apetrechos** de lã crua ou trabalhada, como **palas**, **ponchos**, boinas e xergões para compor os arreios, junto aos demais apetrechos de couro necessários para as lidas campeiras a cavalo. Dentre outros elementos, as poesias, a música e a literatura, assim como o tradicional **chimarrão** e um linguajar próprio, são expressões de sua identidade: *“Meu pai sempre usa a bombacha. Mesmo quando vai a Porto Alegre, usa bota, bombacha e, muitas vezes, um lenço no pescoço”*. Estas expressões culturais são manifestadas no dia a dia e também em momentos específicos como nas cavalgadas. *“Todo mundo gosta de montar a cavalo na fronteira”*. Dentre os **arreios** para montar a cavalo estão o **buçal com cabresto**, **cabeçada**, **rédea**, **xergão**, **carona**, **basto**, **cincha**, **peiteira**, **rabicho**, **pelego**, **badana**, **sobre cincha**, **estribo**, além da



**“AGENTE  
MANTÉM  
O CAMPO NATIVO  
COM TODA A  
BIODIVERSIDADE  
DA REGIÃO.”**



“TEM DIA  
QUE VOCÊ  
FAZ O  
CAMPEREADO  
BEM  
DEMORADO.”

**mala de garupa** ou **de poncho, relho** e o laço. Camperear, **esquilar** as ovelhas, trabalhar a lã e o couro, fazer o **charque**, preparar e tomar o chimarrão são também exemplos de expressões da cultura de Pecuaristas Familiares.

A campereada permite vivenciar o modo de vida tradicional, com muitos dos seus saberes e fazeres, além de ser essencial para cuidar dos rebanhos. Pode ser feita a pé ou a cavalo. *“Camperear é levantar de manhã cedo, tomar chimarrão, café, se faz a ordenha e dali segue a cavalo, pro campo. Se for em época de parição, tem que levar os animais pra lugares mais fáceis de parir e que eu possa olhar duas vezes ao dia, tratar o umbigo daqueles que estão nascendo, ver se tem animais doentes, ver a cerca que protege para não saírem pra estrada, fazer a contagem dos animais pra ver se falta algum, que pode ter caído na **sanga**, estar no mato, doente... Então, tem que conhecer as **picadas**, e até ter habilidade pra laçar e saber derrubar esse animal sozinho, sem machucar, sem fazer o animal sofrer”*. Exige muita sensibilidade e conhecimento dos rebanhos e da relação dos

animais com os diferentes ambientes, nas quatro estações do ano. *“Conforme a época do ano e a categoria dos animais, a campereada muda completamente”*. A campereada nem sempre tem a mesma duração. *“Tem dia que você faz o campereado bem demorado, tem dia que você só olha a grama do campo e passa o olho em alguns animais”*. Nestas lidas em geral, o cavalo é essencial. *“O cavalo é o dia a dia da gente”*. A relação histórica de Pecuaristas Familiares com o cavalo, associada ao temperamento, inteligência, destreza e funcionalidade deste animal, cria uma relação de afeto e lealdade. *“O pecuarista se apega muito ao cavalo, tem amor pelos animais”*. Outros animais, entretanto, também podem ser importantes no manejo da pecuária. *“O cachorro, se é bem ensinado, bem adestrado, ele trabalha igual a um **peão** campeiro, até mais, eles aprendem os comandos, se for mal usado, ele estressa o animal”*.

Cuidar dos rebanhos é, por si só, uma expressão cultural própria da identidade de Pecuarista Familiar, mesmo quando o manejo não é extensivo. O manejo rotativo em sistema de **piqueteamento** vem sendo adotado, ao longo dos últimos anos, por Pecuaristas Familiares que mantiveram, por várias gerações, a conservação de áreas de campo nativo, capões, matas, além de nascentes e banhados. *“Muitas coisas que aprendi do pai, dos parentes e dos ajudatórios sobre a lida, permanecem, mas já com bastante facilidade de manejo”*. A adoção do **pastoreio rotativo** promove a conservação e recuperação dos ambientes característicos do Pampa, melhora a produtividade do campo nativo, a sanidade e a produtividade animal, além de ampliar as perspectivas econômicas para a pecuária familiar. *“O manejo rotativo diminui a incidência de verminoses e diminuiu o carrapato”*.

Diversas expressões culturais estão associadas à ovinocultura, cuja lida, da criação até a confecção artesanal de uma peça em lã, exige saberes e modos de fazer específicos. Manejar os rebanhos para que se mantenham produtivos exige acompanhar a idade dos animais. *“Olhar a idade pelos dentes é uma tática campeira que a gente aprende. Quando a ovelha tá velha, o dente fica gasto, aí se tira estes animais de descarte pra vender e as jovens são deixadas como matrizes, pra tirar cordeiro”*. A tosa ou esquila é a retirada da lã ou **velo**, e continua sendo feita da forma tradicional, com a **tesoura martelo**. Em geral, é feita uma vez por ano e requer um bom manejo anterior. *“Pra tosquiá é importante o bem-estar animal, ele tem que estar com boa nutrição, boa água, boa sombra, bom pasto, isso reflete na produção da lã”*. Antigamente, era comum as comparsas de esquila. *“Era um conjunto de pessoas que trabalhavam em todo o processo, tinha um agarrador que era o cara que pegava a ovelha e trazia para o esquilador, o esquilador ia fazendo a esquila retirando o velo, o atirador atirava*



“PARA O ARTESANATO EM LÃ, A TOSQUIA A MARTELO É IMPORTANTÍSSIMA NA TRADIÇÃO.”



o velo para o embolsador, que ficava na bolsa e jogava a lã lá pra dentro". Atualmente, a esquila a martelo é feita pela própria família, ou como troca de serviço, ou por pessoas contratadas, nem sempre se configurando em uma comparsa, embora o processo continue sendo o mesmo. A arte de esquilar a martelo é repassada de geração a geração para mulheres e homens. *"Aprendi com meu pai... Com 6 anos, eu tosava. Várias mulheres também esquilavam"*. Embora possa parecer algo fácil, não é. *"Pra usar a tesoura, tem que aprender, tem que saber afiar, tem que cuidar e fazer devagar, leva tempo"*. Há diferentes formas de esquilar, conforme o conhecimento herdado e as habilidades desenvolvidas. *"Eu esquilo cordeiro maneado. Aprendi assim"*.

A esquila a martelo, feita de forma tradicional e cuidadosa, é fundamental para garantir a sanidade e o bem-estar do animal, a qualidade da lã e dos produtos confeccionados, mas também tem importância como expressão cultural da pecuária familiar. *"Para o artesanato em lã, a tosquia a martelo é importantíssima na tradição, porque representa toda aquela mão de obra familiar: extrair o velo, trabalhá-lo, preparar o fio, cardar e produzir a peça artesanal. Então, ela é parte desse processo, é o elemento cultural"*. O artesanato em lã guarda valores e saberes específicos, aprendidos pela observação do fazer das pessoas mais velhas, aprimorando-se com o passar dos anos. Reconhecem que é um trabalho exigente. *"Trabalho em lã é difícil, tem que gostar, quem cria ovelha é teimoso, é porque ama muito"*. Conhecem, apreciam e sabem trabalhar com os diferentes tipos de lã. *"A lã não é uniforme, tem a grossa, a fina... Todo o artesanal tem essa irregularidade"*. São várias as etapas necessárias para o processamento da lã: cardar, que é abrir a lã, fazer o fio da lã na **roca**, enrolar o fio no **fuso** até fazer o novelo. Os processos de lavagem, secagem e tingimento são distintos conforme os conhecimentos recebidos e aperfeiçoados por cada Pecuarista Familiar, que, neste caso, é também artesã ou artesão. Utilizam muitas plantas nativas do Pampa para o tingimento da lã. Para tecer, utilizam teares de vários tipos e tamanhos, confeccionando peças como xergão, poncho, manta, blusão, casaco, cobertor, tapete, boina, **pantufa**, acessórios e enfeites diversos, para uso próprio e também para geração de renda.

A arte de preparar e trabalhar o couro, conhecida como guasqueria, também é um saber mantido por alguns Pecuaristas Familiares que confeccionam apetrechos utilizados para lidar com o cavalo. *"O Pecuarista Familiar também é um pouco artesão: do couro, ele faz as suas rédeas, faz o laço, as peças do arreio, e, com a lã da ovelha, faz o xergão"*.





“TODA A NOSSA FAMÍLIA ESTÁ AQUI,  
BISAVÓS, TATARAVÓS.  
PARTE FOI HERDADA, PARTE FOI COMPRADA.  
A GENTE SE CRIOU AQUI.”



**“NO NOSSO  
CAMPO, O PASTO  
É RICO, É ONDE  
A GENTE CRIA  
OS BICHOS, ELES  
FICAM GORDOS.”**

A história dos antepassados de suas famílias, e de sua interação com o ambiente, se funde com a história da região, inclui batalhas, perdas e conquistas, embora pouco visibilizados na história oficial de constituição deste estado. *“Meu pai trabalhou muito com compra e venda de gado, **tropeava** a cavalo, levava gado pras **charqueadas** em Pelotas, levava dias”*. A maioria dos **tropeiros** era contratada, alguns eram peões de estância que trabalhavam cuidando do gado na fazenda, outros viviam só de fazer tropeadas, levando o gado das fazendas para as charqueadas da região, ainda existentes no início do século passado, por volta de 1914. Posteriormente, o destino das tropas de gado foram os frigoríficos. *“Antes, pra reunir os animais se chamava muita gente e existia muita gente, então era fácil fazer o **rodeio** do gado. Com a diminuição do pessoal no meio rural teve que haver uma adaptação, foi subdividindo os rebanhos, pra ficar mais fácil para aquelas poucas pessoas fazerem o serviço”*. O fogo era utilizado com conhecimento e precaução para manejo do campo, mas para isso também era importante contar com um grupo de pessoas. *“Quem botava fogo eram os antigos, tinha uma forma de controlar e com mais gente também”*.

As paisagens do Pampa guardam memórias do passado. *“Era por aqui que andavam as tropas de gado. O arroio enchia e as tropas tinham que parar até baixar as águas. Aqui era o mangueirão de taipa de terra”*. A dinâmica social e econômica de ocupação da terra e do território mudou ao longo dos anos, porém, o conhecimento do território por Pecuaristas Familiares continua sendo muito peculiar. A intensa relação com os ambientes e paisagens da região foi mantida viva, através da memória, dos saberes e dos fazeres. *“A natureza aqui tá preservada e a gente tá produzindo no meio dessa natureza já há anos”*. São campos nativos não homogêneos – embora, por vezes, predomine uma ou outra espécie de capim –, em geral, são formados por uma grande diversidade de espécies de fundamental importância para a alimentação dos animais, dentre elas, rabo de burro ou *‘cola de sorro’*, flechilha, capim caninha, grama forquilha, pelo de porco, pega-pega, trevo nativo e babosinha. *“No nosso campo, o pasto é rico, é onde a gente cria os bichos, eles ficam gordos”*. Os campos nativos são parte integrante da paisagem destes territórios e estão diretamente relacionados à identidade de Pecuaristas Familiares. *“Criar ovelha foi uma coisa que eu sempre gostei. Não imagino um campo sem ter uma ovelha no meio”*.

Cuidar dos animais no campo é estar em relação com o meio, valorizando e cuidando de todos os elementos da natureza. *“A gente sai no campo dia a dia, cuidando da ovelha, da vaca... A gente está envolvido ali com a natureza, até o ar que a gente respira é mais puro. Aqui nós somos ricos, dinheiro tem pouquinho, mas água tem bastante e boa”*. **Cacimbas**, vertentes, **canhadas**, banhados, sangas, arroios e rios compõem paisagens conhecidas, apreciadas e conservadas por Pecuaristas Familiares, junto a planícies, **coxilhas**, serras e **cerros**, acompanhadas de um mosaico de vegetação campestre, arbustiva e arbórea. Além das espécies herbáceas e forrageiras, conhecem arbustos e árvores que ocorrem na região: coentrilho, coronilha, aroeira, vassoura branca, vassoura vermelha, figueira, murta, ombú, e conhecem, também, suas características e usos. *“Tarumã aqui tem bastante ainda, a ovelha come”*. Brincadeiras de infância também evidenciam a afinidade com o território e com sua própria identidade. *“Fazia boizinho com o fruto verde do espinilho, cravava nele os espinhos pra fazer as patas e as **aspas**”*.

As paisagens conservadas são habitat de diversos animais nativos. *“Na campanha, a gente ainda vê tatu, capivara, mão-pelada, ema e todos esses animais fazem parte da nossa identidade”*. Esta intensa e profunda relação com o ambiente faz com que Pecuaristas Familiares saibam manejar os diferentes ambientes do Pampa, mesmo os ambientes rochosos, que apresentam maior



CACIMBAS,  
VERTENTES,  
CANHADAS,  
BANHADOS,  
SANGAS, ARROIOS  
E RIOS COMPÕEM  
PAISAGENS  
CONHECIDAS,  
APRECIADAS E  
CONSERVADAS  
POR PECUARISTAS  
FAMILIARES,  
JUNTO A  
PLANÍCIES,  
COXILHAS, SERRAS  
E CERROS.

dificuldade para a atividade de pecuária. Alguns locais possuem nomes dados por moradores e atestam a familiaridade com estes ambientes. *“Cada pedra tem um nome: essa daí é a pedra do Boi, aquela é da Erundina, que é onde morava a velha, a pedra do Jerivá tem um só pé de jerivá, mas se consegue ver ele daqui, essa é a pedra das Guaritas, lá adiante tem a do Aparador...”*. Os territórios ocupados por Povos e Comunidades Tradicionais do Pampa não se delimitam apenas pelo espaço de uso da terra e pelo manejo de animais em campos nativos, mas também por sua dimensão sociocultural e ancestral. Essa dimensão amplia o sentido de território, que é expresso pela diversidade de modos de vida, variados saberes e expressões culturais como as que caracterizam o modo de vida dos Pecuaristas Familiares e no qual se manifesta um profundo valor pela conservação das paisagens naturais e pelo uso coletivo e sustentável da biodiversidade local.

*“Na Fronteira o pessoal tem uma maneira de falar e se expressar, na região das Missões, por exemplo, é outra. A maneira de guiar o cavalo, de montar, de usar o pelego, em cada região que tu anda tu vê a diferença”*. Reconhecem e respeitam esta diversidade, mantendo uma relação muito forte com o seu lugar. *“Cada um gosta do seu canto. Eu não troco, eu gosto daqui”*. O significado do lugar e território perpassa gerações. *“Toda a nossa família está aqui, bisavós, tataravós. Parte foi herdada, parte foi comprada. A gente se criou aqui”*.

A atividade da pecuária integrada à agricultura é a base da economia de Pecuaristas Familiares. *“O Pecuarista Familiar vende animais uma ou duas vezes por ano pra tirar a renda pro resto do ano. Da agricultura, muito pouco que vende, mais é pra alimentação, às vezes pra galinha, pro porco. Faz parte do autossustento da propriedade, porque renda não é só aquilo que a gente ganha, é também o que deixa de comprar”*. Neste sentido, compram o mínimo possível de insumos, para manterem a renda. *“Planto o milho pra ter o porco e a galinha e uso o adubo natural que vem do rebanho”*. Valorizam raças e variedades crioulas e detêm o conhecimento sobre a seleção de sementes, seu armazenamento e manutenção. *“Tenho milho de várias cores, tem amarelo, tem vermelho, preto... do ano passado e, também, já tenho milho bem novinho. Guardo no paiol que é alto do chão, arejado e coloco folhas de eucalipto”*. Para fazerem esta agricultura, muitas vezes utilizam uma junta de bois de canga. *“É aquele boi que vai puxar o arado pra arar a terra, e, na época da colheita, vai puxar a carroça pra levar o alimento da **chácara** pra casa, é como se fosse o trator. Pra família é fundamental porque aqueles animais dão autonomia dentro da propriedade”*. Ter uma área destinada ao suprimento de lenha também gera autonomia para as famílias.



O cuidado constante com os animais mantém a renda familiar. *“Se faz de tudo para não perder um animal. Se tu perde um animal, tu perde, muitas vezes, um ano de trabalho”*. Portanto, a renda é garantida por todas as pessoas da família, de todas as idades. *“Ela levanta de manhã pra cuidar de galinha, porcos, cuidar dos animais, tirar leite... Ela que faz essa volta da casa toda, eu saio pra fazer um serviço mais longe”*. A entrada de recursos financeiros para a economia familiar, em geral, é sazonal e se dá pela criação e venda de bovinos, ovinos, caprinos ou outros animais. *“A pequena pecuária é considerada uma poupança pra hora que precisa, até por um motivo de doença, é o cofre que a gente lança mão”*. Além da finalidade da carne, a lã também é comercializada e, em muitas regiões, sua produção é mais tradicional do que a carne. *“Hoje, na nossa região, se procura um animal que dá a carne e dá a lã, mas continua a tradição da lã”*. Em geral, não possuem animais em quantidade que possibilite vender diretamente para um frigorífico. A venda é feita para vizinhos, para alguém que vai fazer o engorde ou para atravessadores que são compradores de ocasião, que pagam preço baixo ao Pecuário Familiar e vendem ao frigorífico por um preço maior. No caso da lã, algumas vezes vendem diretamente para a indústria. Na região conhecida



**“MEU PAI SEMPRE  
USA A BOMBACHA.  
MESMO QUANDO  
VAI A PORTO  
ALEGRE, USA BOTA,  
BOMBACHA E,  
MUITAS VEZES, UM  
LENÇO  
NO PESCOÇO.”**

como “Alto Camaquã” – região alta da bacia hidrográfica do rio Camaquã –, Pecuaristas Familiares organizados, de diversos municípios, estão aperfeiçoando a cadeia produtiva da carne e da lã, acessando um mercado diferenciado e apontando perspectivas para a pecuária familiar. Procuram aperfeiçoar o manejo, inclusive da reprodução, para ter oferta de animais o ano inteiro, e não apenas em uma determinada época do ano, buscando atender a demanda e gerar mais segurança econômica. *“Temos uma excelente demanda pelo produto, que é um produto agroecológico, um produto com a marca associada ao território e de uso coletivo dos Pecuaristas Familiares”*. Ações de valorização e fortalecimento da pecuária familiar como no Alto Camaquã são fundamentais, tendo em vista que há muita dedicação e trabalho envolvido no cotidiano de Pecuaristas Familiares, inclusive para manter o que herdaram dos antepassados. *“A propriedade estava caindo aos pedaços, meus pais não podiam cuidar mais, acabaram vendendo os animais que tinham. Graças a Deus, eu consegui recuperar”*. Em alguns casos passam a trabalhar nas estâncias, tanto nas lidas domésticas como nas lidas campeiras, de forma mais permanente ou eventual. *“Meu pai perdeu o pai dele muito cedo e como filho mais velho da família ajudou a sustentar os irmãos. Com 16 anos, foi*



*pra uma estância trabalhar pra trazer renda pra casa, ele era peão, depois passou a ser o capataz da estância". A prestação eventual de serviços é uma forma de incrementar a renda. "A gente faz muito serviço para terceiros quando sobra um tempo, porque a gente não tem um salário". Pecuaristas Familiares que trabalham nas estâncias ou prestam serviços são, em geral, detentoras e detentores de vários saberes. "Eu alambro, faço aramado também pra fora, o serviço campeiro, eu sei fazer de tudo um pouco, faz parte do ganho da gente". Outros saberes ainda muito presentes são o **casqueamento** e a doma. "A doma é difícil, tem que ter cuidado, não pode ser de qualquer jeito".*

Os hábitos alimentares e a culinária acompanham sua intensa rotina. "**Mateio** de manhã cedo, às cinco horas, com fogo feito". Nas casas, em geral pequenas e acolhedoras, o fogão a lenha é fundamental para manter aquecida a água do chimarrão, para fazer a comida e para aquecer a casa. "A base da alimentação da gente aqui é campeira. De manhã, é o café e o pão feito em casa, de meio-dia, é arroz, feijão, alguma verdura que a gente colhe e a carne". Verduras como repolho, cebola, beterraba são cultivadas pela família. "O que a gente planta é tudo natural, não tem veneno". Também procuram manter plantios de moranga, abóbora, batata-doce, mandioca e

milho, cultivos e gostos que preservam também na sua memória alimentar. *"Plantávamos o milho catete, colhia e fazia no pilão, pra fazer o bolinho de milho, fazer angu... fazíamos a canjica temperada com mel"*. Na região, havia moinhos de pedra, que transformavam o milho e o trigo em farinha para o consumo da família e em farelos que eram dados aos animais. Antigamente, faziam pão na pedra. *"Faz a massa e esparrama em cima de uma pedra quente"*. Consumiam frutas da época, abundantes nos pomares, além das frutas nativas. *"A gente tem as frutas nativas: a pitanga, o guabiju, o butiá..."*. Pequenos animais continuam fornecendo carne, ovos, leite e banha, com os quais também preparam queijos e embutidos. *"Eu uso banha de porco, eu produzo o próprio milho pra alimentação desse porco, pra ele engordar"*. A diversidade de alimentos é resultado do envolvimento de toda a família, porém, há um trabalho fundamental feito pelas mulheres nos cultivos, nas criações e no preparo dos alimentos saudáveis e culturalmente importantes. *"As comidas típicas da nossa região são ovelha com mandioca, cordeiro desossado, o churrasco, arroz e feijão"*. A carne tem importância fundamental na alimentação. *"A carne é prato principal porque é a fatura que nós temos, e de qualidade – é uma carne diferente"*. Sabem apreciar e diferenciar o sabor e a qualidade da carne de animais criados em campo nativo, com sombra, água fresca e dedicação da família. Guardam na lembrança estratégias comunitárias que garantiam o consumo constante de carne fresca e de qualidade. *"Antigamente se tinha uma tradição de **carnear** uma vaca e, pedaço a pedaço, você trocava, com o vizinho, com o compadre que, quando carneavam, devolviam"*. A carne fresca ou em forma de charque, produzida, carneada e preparada pela própria família, é hábito alimentar que acompanha Pecuaristas Familiares desde a infância. *"A gente salgava, não tinha geladeira"*. A luz elétrica, que chegou na maioria das comunidades muito recentemente, permitiu outras formas de conservação e armazenamento da carne, porém, o saber fazer o charque se manteve como expressão cultural ao longo dos anos, já que é muito apreciado pelas famílias. *"Quem salgava a carne era meu pai... botava numa gamela, que é uma bacia de madeira, deixa de molho um dia ou dois, vai salgando, e depois ela é pendurada"*. O charque de carne bovina é tradicional, e, na Serra do Sudeste, há também o de carne ovina. *"A literatura não cita esse costume que nós temos aqui na região ovelheira que é a produção de charque de ovelha"*. Feito com charque, o **carreteiro** faz parte da culinária típica de Pecuaristas Familiares, muito presente na sua memória e hábitos alimentares, assim como o churrasco e o chimarrão. *"Não tem coisa melhor do que servir um prato de arroz com charque... é tão gostoso... fui criado com isso"*.

Nos espaços de cultivo de alimentos, também há plantas medicinais como arnica, guaco e malva, em geral cultivadas pelas mulheres para cuidar da saúde da família. *"Remédio natural*





A DIVERSIDADE DE ALIMENTOS É RESULTADO DO ENVOLVIMENTO DE TODA A FAMÍLIA, PORÉM, HÁ UM TRABALHO FUNDAMENTAL FEITO PELAS MULHERES NOS CULTIVOS, NAS CRIAÇÕES E NO PREPARO DOS ALIMENTOS SAUDÁVEIS E CULTURALMENTE IMPORTANTES.



é muito importante, não precisa toda hora levar no médico". É um conhecimento repassado pelas pessoas mais antigas para as mais novas, de todas as idades, pois vivenciam a medicina tradicional no seu cotidiano. "A criança já conhece, e é importante conhecer, valorizar". Também as plantas nativas de matas, capões e dos campos são utilizadas. "Tem muita planta medicinal nesse campo, eu aprendi desde criança". Fazem coleta de plantas como erva de bugre, coronilha, amendoim do campo, capinzinho de porco, cambará do campo, alecrim do mato e alecrim do campo, com conhecimentos sobre a parte coletada, época do ano, fase da lua, horário do dia, condição da planta, dentre outros. Tanto as plantas nativas quanto as cultivadas são utilizadas em chás e remédios caseiros. "Meu netinho não sarava da gripe e atacava a asma, aí peguei agrião, guaco, poejo e mel e fiz um xaropinho pra ele e sarou. Até agora não gripou ainda".

Benedeiras da comunidade ou região também trabalham com remédios caseiros, além de benzeduras e simpatias. "Tem a vizinha que mora do outro lado da sanga e benze para mau-jeito, dor de cabeça... é meu pronto-socorro". Valorizam estes saberes e práticas que, muitas vezes, está presente na própria história familiar. "Minha avó e a minha bisavó eram benzedeiras". Apesar de não haver mais tantas pessoas que benzem, elas ainda são muito procuradas. "Mês passado eu estava com cobreiro, a mulher me benzeu e sarou". Parteiras também eram comuns antigamente. "Eu e todas as minhas irmãs nascemos em casa com parteira, a minha avó era parteira, a minha bisavó era parteira, eu não aprendi, é um dom".

Animais também recebem cuidados com ervas, benzeduras e acompanhamento no parto. "Nos animais eu não deixo usar carrapaticida, coloco o meu composto natural, feito com ervas, e ela fica bonitinha, não pega carrapato".

A cura é também buscada através da espiritualidade, seja através de alguma religião específica, ou não. "Eu não tenho religião, mas acredito em Deus. Tenho muita fé". Há várias formas de expressar e reconhecer a espiritualidade, seja através do dom, seja através da forte relação com o ambiente. "A fé em Deus é a relação com a natureza, é acreditar no bem maior que nos dá condição de vida, o alimento, a água, as plantas, os animais... Tem que ter essa ligação muito forte pra se manter no campo".

Manter-se no campo está cada vez mais desafiante. "A gente vive com muito sacrifício aqui, trabalha demais". O esvaziamento do meio rural é preocupação constante das famílias que permanecem nas comunidades rurais, já repletas de **taperas**.



"PLANTO O  
MILHO PRA TER  
O PORCO E A  
GALINHA E USO  
O ADUBO NATURAL  
QUE VEM DO  
REBANHO."

*"Faz vinte e poucos anos que resido aqui, hoje não chega a vinte por cento da população que tinha antes. Isso aqui vai virar um deserto, porque é difícil e a renda é pequena".* A permanência no campo é sustentada pela forte identidade e intensas relações sociais entre as famílias que reconhecem que ali a vida é mais coletiva, mais comunitária do que na cidade. *"Hoje, se a gente não se ajuda, não troca algum serviço... está muito difícil de conseguir uma mão de obra"*. Defendem que a juventude busque o estudo, mas consideram importante o seu retorno ao meio rural. *"Com exceção de algumas famílias que têm jovens, tá ficando só os aposentados"*. A educação acessada pelos jovens, porém, não orienta para a valorização da pecuária familiar e para perspectivas de sua viabilidade econômica. *"A educação, a escola e a academia estão muito ligadas às grandes empresas, e estão formando com essa visão de ir a campo aplicar o que uma grande empresa tá desenvolvendo"*.

O esvaziamento e o envelhecimento do meio rural, com a saída especialmente de jovens, são reflexos do abandono por parte do Poder Público, com sérias consequências sociais e ambientais. *"Muitos jovens, formados em escola técnica, vão trabalhar de vendedor de agroquímicos pra agricultura de estufa, soja, arroz, que estão ganhando o espaço da pecuária... Aí, aquele jovem vai embora, deixa sua família, e o campo vai virando uma monocultura"*. Com a falta de mão de obra, as famílias vendem ou arrendam suas terras, que, junto com outras áreas arrendadas ou compradas, vão se tornando grandes lavouras e grandes propriedades, descaracterizando totalmente o território tradicional da pecuária familiar, bem como o bioma Pampa. *"No momento que uma pequena propriedade for vendida pra uma grande fazenda, é bem possível que aquele campo vai se tornar um monocultivo, vai ser arado, vai perder aquela nascente, aquela planta que servia de lenha, se perde a fauna, a flora... Isso tem acontecido no campo"*. O avanço das monoculturas sobre o campo nativo tem sido intenso e devastador. *"De uns anos pra cá, a pecuária vem dando espaço para o eucalipto, em seguida, a soja começou a tomar conta"*. Além da conversão da vegetação original, do uso de variedades transgênicas e do intenso uso de água para irrigação e da aplicação de agroquímicos, há impactos subjetivos que agridem a própria identidade de Pecuaristas Familiares que resistem e permanecem no seu território, tendo que conviver com a mudança da paisagem natural. *"A monocultura do eucalipto está acabando com o que temos, tem um impacto emocional e social. Simplesmente tirou a visão do lugar onde me criei: tu olha e não consegue mais enxergar a casa do fulano, porque levantou uma parede. Essa paisagem natural, será difícil fazer ela retornar"*.



Comunidades rurais esvaziadas com conseqüente falta de mão de obra acabam por ter alterados seus ritmos sociais. Crianças acordam de madrugada para passar horas em um transporte escolar, pois as escolas foram nucleadas, ficando cada vez mais próximas da cidade. *“Todo dia, de segunda a sexta-feira, são mais de 50, 80 km pra ir a uma escola. Isso prejudica o aprendizado, mas o que fazer pra não se agravar ainda mais? Porque se não tem aluno, não vai ter escola”*. Manejos que tradicionalmente eram feitos observando-se os ritmos e os ciclos naturais – a exemplo da castração durante a fase da lua em que os animais sangram menos – correm o risco de não se manterem como prática corriqueira – embora vivos na memória – devido à dificuldade de conciliar este período com a disponibilidade de mão de obra. *“Pra tirar a madeira dos capões que a gente conservava, a gente observava a lua, tinha mão de obra”*. A esquila a martelo segue sendo feita e valorizada, pois, em geral, não se identifica com a esquila mecanizada. Além da importância como uma expressão cultural, é também uma relação própria estabelecida por Pecuaristas Familiares com o tempo, com o espaço, com os animais, e com sua própria identidade. *“Esquilar leva tempo, também é um momento que tu está em sintonia com aquele animal, com aquele ambiente”*.



**O ESAZIAMENTO  
DO MEIO RURAL  
É PREOCUPAÇÃO  
CONSTANTE DAS  
FAMÍLIAS QUE  
PERMANECEM  
NAS COMUNIDADES  
RURAS, JÁ REPLETAS  
DE TAPERAS.**



“A MONOCULTURA DO EUCALIPTO ESTÁ ACABANDO COM O QUE TEMOS, TEM UM IMPACTO EMOCIONAL E SOCIAL. SIMPLEMENTE TIROU A VISÃO DO LUGAR ONDE ME CRIEI: TU OLHA E NÃO CONSEGUE MAIS ENXERGAR A CASA DO FULANO, PORQUE LEVANTOU UMA PAREDE.”

Reconhecem a importância de ter o tempo necessário para observar e ressignificar o território e todas as inter-relações existentes. *“As cabras gostam de subir nas pedras. Quando tem vento, se abrigam nas cavernas das pedras, e se, ao invés de subir, ela desce, então é porque vai chover”*.

As mudanças nas paisagens ameaçam a biodiversidade do Pampa, que possui espécies de plantas e animais que só ocorrem neste bioma, algumas delas já ameaçadas de extinção. *“Antes era cheio de passarinho, mas agora... as abelhas também estão sumindo”*. O provimento de lenha, importante na economia da pecuária familiar, também depende de ambientes bem conservados e bem manejados, especialmente capões de mata. *“Tem que proteger, senão daqui a pouco vai faltar lenha”*. Espécies exóticas e invasoras de animais e plantas, como o javali, o capimannoni e outras pastagens introduzidas, comprometem a sociobiodiversidade. Pecuáristas familiares percebem os impactos de todos estes fatores nas dificuldades de reproduzir o seu modo de vida, inclusive devido às mudanças no microclima da sua região. *“Tinha muita geada aqui, branqueava tudo, agora cai às vezes e outras não... vem fora de época... Está tudo mudando e fica difícil controlar, o clima mudou muito”*. O frio fora de época e menos intenso em alguns anos, o aumento do volume das chuvas em determinada época do ano, a escassez de chuva em alguns meses e o aumento da temperatura, especialmente no verão, são as principais alterações sentidas nos últimos anos e que afetam a segurança alimentar e a economia de Pecuáristas Familiares. *“Está mudando o clima... abóbora, melancia, morreu porque veio o frio fora de época... Agora, o calor demais é que tá prejudicando”*. Na pecuária, também há consequências. *“A chuva judia muito da ovelha porque molha a lã, a mosca vem e dá problema, dá verminose. Ovelha gorda é quando falta chuva... A qualidade da lã é melhor, e no ano chuvoso não é tão bom pra nós”*.

Frente a tantas dificuldades, Pecuáristas Familiares sentem o descaso do Poder Público e a falta de políticas adequadas. *“Em termos de políticas públicas, essa região tem permanecido à margem”*. Poucas são as entidades de apoio que superam a abordagem técnica. *“Ninguém vem falar dos nossos direitos, dar palestra sobre isso”*. Também consideram importante que conhecimentos gerados pela academia levem em conta sua realidade e sejam compartilhados. *“Esse conhecimento precisa chegar, precisa complementar o que a gente já faz, precisamos valorizar mais o potencial do campo nativo com um manejo mais adequado”*.

Além da falta de atenção por parte do Poder Público, há a falta de compreensão e descaso sobre a sociobiodiversidade do bioma Pampa, evidenciado recentemente pelas discussões no estado do Rio Grande do Sul em torno do Cadastro Ambiental Rural (CAR). O governo deste Estado, influenciado por setores produtivos que são vinculados ao agronegócio, regulamentou o Cadastro Ambiental Rural desconsiderando especificidades do bioma Pampa como a relação intrínseca da cobertura vegetal nativa – o campo nativo – com a atividade pecuária, que mantém, e não suprime, a vegetação original. Desta forma, amplia o risco de conversão de campos nativos em monocultivos, pois considera que estes campos são áreas antropizadas e não remanescentes de vegetação nativa. Uma ação civil pública, movida pelo Ministério Público do Rio Grande do Sul contra o Estado em 2015, procura assegurar proteção jurídica ao bioma Pampa. Apesar disso, a predominância de uma vegetação campestre e de uma



**“A EDUCAÇÃO,  
A ESCOLA E A  
ACADEMIA ESTÃO  
MUITO LIGADAS ÀS  
GRANDES EMPRESAS,  
E ESTÃO FORMANDO  
COM ESSA VISÃO DE  
IR A CAMPO APLICAR  
O QUE UMA GRANDE  
EMPRESA TÁ  
DESENVOLVENDO.”**

paisagem cultural – mantida especialmente pela atividade de Pecuaristas Familiares – tão distinta de outros biomas, e a falta de uma legislação específica para o Pampa seguem gerando dificuldades de interpretação legal e de conservação ambiental. *“Nós temos uma preocupação enorme com as plantas autóctones do Pampa, porque o Cadastro Ambiental Rural diz que você não pode cortar aquilo que é superior a três metros de altura. Então, pra tornar mais produtivo, se poderia cortar tudo que é menor que três metros, mas aqui quase nada tem mais de três metros, a não ser os eucaliptos”*. Assim, além do risco de se suprimir um campo nativo, há o de se suprimir uma vegetação arbustiva, que, em geral, não recebe a mesma atenção – seja por parte do Poder Público, seja por parte da sociedade – do que uma mata, visualmente mais exuberante. Entretanto, cada ambiente e cada bioma possui uma diversidade e importância única, inclusive na relação com as pessoas que vivem e dependem daquele ambiente, e que, portanto, conhecem suas características e potenciais. *“No entorno do caraguatá está um dos maiores bancos de sementes que nós temos”*.

Há, entretanto, comunidades e associações que, articuladas, buscam formas de superar dificuldades, fortalecendo a cadeia produtiva da carne ou da lã. A Associação para o Desenvolvimento Sustentável do Alto Camaquã (ADAC) viabiliza o acesso à informação e formação, orienta para a qualificação do manejo dos animais e para a conservação do campo nativo, e busca formas de viabilizar a logística e a comercialização direta a partir de cadeias





curtas de valor que aproximem as pessoas que consomem às que produzem, e da estratégia de uma marca associada à identidade de Pecuaristas Familiares e ao território do Alto Camaquã, na Serra do Sudeste. *“Temos a preocupação de manter as pessoas no meio rural porque muita gente abandonou em função de não ter uma boa renda”*. Entretanto, são muitos os desafios para organizar estas cadeias produtivas. A escala de produção, a frequência da oferta, a distância e o acesso às comunidades têm mantido a presença de atravessadores na região. *“A ADAC pode melhorar a organização da cadeia, mas depende também de políticas públicas”*.

Políticas públicas e processos locais e regionais de organização e articulação que expressem demandas, direitos e propostas com base no fortalecimento da identidade e do território de Pecuaristas Familiares são essenciais. *“Deveria ter mais articulação e troca com o povo da cidade e também entre Pecuaristas Familiares de diferentes regiões”*. Apesar dos grandes desafios, o sentimento é de esperança. *“Eu me considero privilegiado porque eu estou aqui, fui criado na fartura”*.



**LIDAS CAMPEIRAS** - conjunto de atividades e ofícios para manutenção das propriedades rurais, relacionadas à criação, manutenção e reprodução de rebanhos animais, especialmente bovinos, ovinos e equinos, dentre eles: esquila ou tosa da lã de ovinos, feitura de cercas e aramados, confecção de artefatos e utensílios em couro, doma, campereada.

**BOMBACHA** - calças largas, abotoadas no tornozelo, típica da indumentária gauchesca.

**BOINA** - espécie de boné chato, redondo e sem aba, feito de lã e sem costuras.

**VESTIDO DE PRENDA** - traje típico da indumentária gauchesca feminina.

**APETRECHOS** - conjunto de acessórios utilizados para montar a cavalo e para lidas campeiras.

**PALA E PONCHO** - espécie de capa de lã grossa, de formato quadrangular ou oval, vestida pela cabeça e apoiada sobre os ombros. Pala e poncho se diferenciam quanto à forma da gola e acabamentos.

**ARREIOS** - conjunto de peças, em geral, de couro, e presas por fivelas de metal, usadas para preparar o cavalo para a montaria.

- **Buçal com cabresto** - conjunto de peças presas na cabeça do animal para o conduzir.
- **Cabeçada** - peça colocada na cabeça do cavalo para segurar o freio.
- **Rédea** - trança de couro, lã, crina ou algodão, que serve para governar o cavalo.
- **Xergão** - peça retangular tecida com lã bruta usada entre o lombo do animal e as demais peças do arreio.
- **Carona** - peça com duas abas de couro costuradas, que se coloca por cima do xergão.
- **Basto** - peça de couro colocada sobre a carona, com formato de assento para a montaria. Também conhecido por sela, ou selim, que é a sela de uso feminino.
- **Cincha** - serve para apertar os arreios sobre o cavalo. É composto por outras peças: travessão, barrigueira e látigo.
- **Peiteira** - peça que impede que os arreios "corram" para trás.
- **Rabicho** - peça que impede que os arreios "corram" para frente.
- **Pelego** - pele de ovino com a lã, utilizada sobre os arreios para tornar mais confortável o assento.
- **Badana** - peça de couro macio colocada sobre o pelego.
- **Sobre cincha** - peça de couro usada para firmar o pelego e a badana. Composta por travessão, barrigueira, látigo e sobrelátigo.
- **Estribo** - peça de metal utilizada por quem cavalga para apoiar os pés, além de auxiliar a montar e apear do cavalo.
- **Mala de garupa ou mala de poncho** - peça de couro levada na garupa do animal.
- **Relho** - pequeno chicote feito de couro.

**CHIMARRÃO OU MATE** - bebida preparada com erva-mate moída, colocada em uma cuia com água quente.

**ESQUILAR OU TOSAR** - cortar a lã de ovinos. Tradicionalmente feita de forma manual, com uma tesoura, chamada de "tesoura martelo".

**CHARQUE** - mantas de carne, em geral bovina, salgada e estendida ao sol para secar, com o objetivo de mantê-la própria para o consumo por mais tempo. O ciclo do charque movimentou a economia brasileira até a Lei Áurea, que extinguiu a escravidão no Brasil, em 1888.

**SANGA** - pequeno riacho ou córrego.

**PICADA** - caminho aberto em meio a capoeira ou mata.

**PEÃO** - que trabalha em estâncias ou fazendas, nas lidas campeiras.

**PIQUETEAMENTO** - dividir o campo, através de cercas, em parcelas chamadas de piquetes.

**PASTOREIO ROTATIVO** - sistema de manejo onde os animais passam alguns dias em cada piquete.

**VELO** - lã ovina (do cordeiro, ovelha ou carneiro).

**TESOURA MARTELO** - tesoura tradicionalmente utilizada para esquilar ou tosar. Possui esse nome devido ao barulho que faz ao ser manuseada.

**MANEAR** - prender o animal com manea (tira de couro com fivelas de metal), corda ou laço para que não corra.

**CARDAR** - escovar a lã utilizando duas cardas, que são pentes retangulares de madeira com cerdas de aço.

**ROCA** - instrumento de madeira utilizado para transformar as fibras de lã em fio.

**FUSO** - utensílio cilíndrico de madeira utilizado para fiação e torção das fibras da lã.

**PANTUFA** - calçado semifechado utilizado em ambientes internos para aquecer os pés.

**TROPEAR** - cavalgar fazendo barulho.

**CHARQUEADAS** - propriedades rurais presentes no extremo sul do Brasil, especialmente no século XIX, que recebiam o gado das regiões de campo do estado do Rio Grande do Sul para produção de charque, mantido exclusivamente através do trabalho escravo.

**TROPEIRO** - condutor de tropas de gado.

**RODEIO** - "fazer o rodeio" se refere a juntar o gado.

**ARROIO** - riacho ou córrego.

**MANGUEIRÃO DE TAIPA DE TERRA** - barreira feita com montes contínuos de terra, como se fossem muros, em altura que impeça a passagem do gado, como um grande curral.

**CACIMBA** - local em terreno úmido onde verte água, e onde pode ser construído um pequeno poço raso.

**CANHADA** - terreno baixo entre duas coxilhas.

**COXILHA** - pequena elevação no terreno, de forma ondulada, em geral com vegetação campestre.

**CERRO** - elevação geralmente pedregosa e isolada no terreno, maior que coxilha e menor do que uma montanha ou serra.

**ASPAS** - chifres, guampas.

**CHÁCARA** - roça, local de plantio de alimentos como mandioca, milho, moranga, também chamadas de "plantas de cercado".

**CAPATAZ** - pessoa que trabalha em estâncias ou fazendas, coordenando grupo de peões.

**CASQUEAMENTO** - procedimento feito no casco dos animais para corrigir imperfeições ou evitar doenças.

**MATEAR** - tomar chimarrão ou mate.

**CARNEAR** - abater o animal e cortar a carne em pedaços.

**CARRETEIRO** - prato típico à base de arroz e charque.

**TAPERA** - casa abandonada.



# PESCADORAS E PESCADORES ARTESANAIS

"ARTESANAIS PESCAM PARA  
VIVER, SÃO FAMILIARES, NÃO SÃO  
GRANDES... TEM MUITO PESCADOR,  
MAS SABER PESCAR É QUE É."







**A** identidade de Pescadoras e Pescadores Artesanais está diretamente relacionada à pesca, que, além de ser uma atividade econômica, é geradora de valores, saberes e práticas que constituem o seu modo de vida. Pescar é também uma arte, aprendida junto à família desde a infância, e, da mesma forma, é ensinada para filhas e filhos que, observando e vivenciando, geram e ressignificam conhecimentos acerca das práticas tradicionais. O conhecimento e a conservação dos diferentes ambientes existentes no território tradicionalmente utilizado fazem parte do jeito de pescar de Pescadoras e Pescadores Artesanais, assim como a dinâmica de pesca, que visa a manutenção do estoque pesqueiro. *“Artesanal não pesca menos ou peixes menores, mas pesca conforme a necessidade”*. A confecção, o uso e a manutenção dos seus instrumentos de trabalho também caracterizam o modo de pesca artesanal. *“O Pescador Artesanal sabe consertar o seu barco, o remo, a rede, o espinhel, mesmo quando está no mato, num acampamento”*. O regime de trabalho é familiar ou em pequenos grupos de vizinhança, já que a solidariedade é intrínseca à sua vida comunitária. *“Todo mundo é companheiro de todo mundo aqui, a gente se ajuda”*.

O saber sobre a confecção de redes, atualmente de nylon e plástico, se mantém ao longo de gerações e segue a mesma trama das antigas redes `ursa`. As redes ursa eram feitas principalmente por mulheres, usando linha de algodão, e depois estas redes eram tingidas e tratadas com casca de árvores, como a capororoca e a aroeira. O tingimento do algodão dava mais resistência à rede, que durava até seis meses. A chalana, a canoa ou o barco de pequeno porte nem sempre são feitos por Pescadoras e Pescadores Artesanais. Entretanto, sabem consertar e conduzir de forma segura, mesmo com as dificuldades impostas pelo tempo, como vento, frio, chuva e tempestade, pois conhecem o percurso das águas, dos cardumes e os perigos escondidos, como galhos submersos. Saber manejar o leme, lidar com o motor, esperar as ondas e saber como `cortá-las`, mantendo a tranquilidade frente a qualquer instabilidade, são habilidades próprias de Pescadoras e Pescadores Artesanais. *“O segredo da pesca é saber pilotar um barco, pegar um temporal e não se apavorar”*.





**A BACIA DO  
GUAÍBA INCLUI  
RIOS QUE NASCEM  
NAS ENCOSTAS DA  
MATA ATLÂNTICA  
E FORMAM O  
DELTA DO JACUÍ.**

A embarcação traz as marcas das dificuldades encontradas na navegação. *“Pescador navega muito porque tem que achar lugar pra pescar. Às vezes, tem que descer, puxar o barco; se tem barco novo não é pescador”*. Os barcos eram feitos com madeiras vindas de outros estados ou de áreas de transição com a Mata Atlântica, quando estas matas ainda estavam bem conservadas. *“Meu avô era pescador e fazia barco, subia o rio a remo, ficava meses para os matos, trazia a tora inteira, principalmente de timbaúva e cedro. Aqui ele cavava e fazia canoas pra vender para os pescadores. O remo ele fazia de pinheiro (araucária)”*. Muitas pessoas mantêm lembranças e saberes sobre a confecção de barcos. *“De uma só árvore, eu vi fazer três canoas, duas do galho, e do tronco fizeram outra canoa grande”*. Atualmente, alguns barcos são de chapas de ferro, que necessitam igualmente um saber fazer, consertar e manejar.

Acampar na mata ou restinga, próximo à barranca do rio, lago ou lagoa, seja por alguns dias, semanas, ou até meses, continua sendo uma prática costumeira, que evidencia a relação intrínseca com a natureza. *“Vai indo e só vai parar e acampar onde estiver pegando peixe. Às vezes, tu viaja 6, 12 horas dentro do rio e não consegue pegar nada. Aí, quando vê onde tem peixe, larga tuas redes e já procura um acampamento”*. Sentem-se bem em contato com



a água, a vegetação, as aves. *“Eu adoro acampar, acordar com os pássaros e nenhum barulho da cidade... Pescador tem um pouco disso, de não gostar muito de ficar em casa. Quando dá pra acampar, a gente vai”*. Superam com orgulho as dificuldades inerentes a este modo de vida, especialmente para mulheres e crianças. *“Mesmo chovendo, relampejando, eu estava lá no rio, junto com ele. Criei meus filhos assim”*.

Pescadoras e Pescadores Artesanais possuem como referência de território a bacia hidrográfica e seus diferentes ecossistemas. Conhecem as nascentes, banhados, afluentes, lagoas e rios, e procuram acompanhar todas as dinâmicas que ocorrem no território. A Bacia do Rio Uruguai leva o nome do rio que delimita a fronteira com a Argentina. A Bacia do Guaíba inclui rios que nascem nas encostas da Mata Atlântica e formam o Delta do Jacuí, o qual deságua no Lago Guaíba, que, por sua vez, deságua na Lagoa dos Patos. Lagoa essa que desemboca no mar e está inserida na Bacia do Atlântico. Seguindo o caminho das águas, transitam por diferentes paisagens e biomas. *“la pescar em tudo que é rio acima: Taquari, Rio Pardo, Rio Caí, Rio do Sinos, Gravataí... Eu já fui até o fim deles”*. Conhecem cada local dos cursos d’água, os quais são referências conhecidas entre Pescadoras e Pescadores Artesanais. *“Nós damos vários nomes aí pra baixo, onde vamos acampar: Sete Cachoeiras, Peral dos Cunha, Cachoeira do Bolão... Cada rio tem as suas referências”*. Conhecem e respeitam o território de pesca tradicional, assim como as dinâmicas envolvidas: a transparência e temperatura da água, onde a água é mais limpa ou poluída, os tipos de poluição, onde é mais profundo, onde é raso, conhecem as espécies de peixes de rio e de mar, de escama e de couro,

o percurso dos peixes e crustáceos como o siri e o camarão, locais e épocas de desova, o comportamento de cada espécie na estiação, na enchente e durante as estações do ano. *“Aqui na Ilha é só peixe de rio; do mar, só vêm o bagre e a tainha, que entram pra desovar aqui, depois, voltam para o mar com o cardume”*. Todas as condições e dinâmicas territoriais – meteorológicas, sociais, econômicas, dentre outras – são observadas e acompanhadas, pois interferem no seu modo de vida e na sua atividade econômica. *“Passando o período de chuva, a lagoa baixa, o vento sul empurra a água salgada do mar para a lagoa, é tudo que a gente quer nessa época”*. Algumas espécies típicas de água salgada entram no Estuário da Lagoa dos Patos, como o bagre, a tainha, a corvina, o peixe-rei, o camarão, o siri, para desovar ou se desenvolver, o que torna a Lagoa conhecida como um *‘berçário’*. Da mesma forma, conhecem as espécies e as dinâmicas específicas de peixes de água doce, que, embora em menor quantidade e tamanho, ainda são encontrados nos rios do bioma Pampa, como Uruguai, Ibicuí, Ibirapuitã, e nos seus afluentes: Caverá, Inhanduí, Pai Passo, Ibirocaí, dentre outros. Alguns destes rios estão inseridos na Área de Preservação Ambiental (APA) do Ibirapuitã, que é considerada, por Pescadoras e Pescadores Artesanais, de grande importância para a conservação desses ambientes e para o estoque de pescado. Conhecem as espécies e dinâmicas dos peixes de água doce, como o pintado, a traíra, o grumatã, o jundiá, o cascudo, o cará, a branca ou tambica, o birú, o dourado, o surubi, o muçum, dentre outros. *“Pesco e passeio ao mesmo tempo”*. Contemplar e vivenciar os diferentes espaços do território e a exuberância de suas paisagens são práticas constituintes desta identidade: banhado, juncal, sarandizal, barranca de areia, peral, praia são alguns dos lugares reconhecidos e valorizados. Manejam os ambientes visando sua conservação, a exemplo do plantio constante de junco em bordas da lagoa para conter a água sobre a praia. Nestes diferentes lugares do território, encontram espécies vegetais conhecidas, sendo algumas utilizadas como medicinais, para lenha e como isca para peixes, a exemplo de angico, mata-olho, coronilha, branquilha, além de animais silvestres como capivara, veado, tatu, paca, dentre outros, e uma diversidade de aves, como a garça, andorinha, saracura, jacu, marreco, martin pescador, seriema, socó, biguá, ema, dentre muitas outras. Há ainda lugares de trânsito restrito por serem assombrados ou sagrados. *“Já aconteceu muita coisa comigo, eu não tenho medo, mas respeito”*.

A Pesca Artesanal é praticada como atividade de sobrevivência, para segurança alimentar e geração de renda, especialmente através da venda direta e local. *“A gente chegava do rio, tirava o peixe da rede e já vendia tudo, era sempre peixe fresco, nem limpava, vendia o peixe vivo”*. Também comercializam o pescado fresco ou minimamente





CONHECEM AS NASCENTES, BANHADOS, AFLUENTES,  
LAGOAS E RIOS, E PROCURAM ACOMPANHAR TODAS AS  
DINÂMICAS QUE OCORREM NO TERRITÓRIO.



**A PESCA ARTESANAL  
É PRATICADA COMO  
ATIVIDADE DE  
SOBREVIVÊNCIA,  
PARA SEGURANÇA  
ALIMENTAR E  
GERAÇÃO DE RENDA,  
ESPECIALMENTE  
ATRAVÉS DA VENDA  
DIRETA E LOCAL.**

processado, em filés, postas ou porções de carne de siri congelada. As mulheres se envolvem em diversas etapas da Pesca Artesanal, desde a pesca propriamente dita, no manejo da embarcação, na manutenção de redes, no acampamento com filhas e filhos de todas as idades – que, em geral, apreciam os períodos de acampamento – na limpeza do pescado, na filetagem, no preparo da carne de siri, no armazenamento e comercialização. A definição legal de Pescadora e Pescador Artesanal não considera as diversas atividades intrínsecas à cadeia da pesca, que integra uma maioria de mulheres, mas considera nesta categoria apenas a pessoa que extrai o peixe da água. Esta definição legal as impede de tirar o registro geral como pescadoras, mas apenas como trabalhadoras de apoio, com isso, excluindo-as de benefícios sociais como o benefício previdenciário e o seguro defeso.

Algumas mulheres também trabalham com artesanato em escama, couro e osso de peixe, preparando e tingindo este material. Na Semana Santa é quando vendem o maior volume de pescado para as comunidades locais, já que o consumo de pescado não é um hábito nestas regiões. Por falta de incentivo na cadeia produtiva da Pesca Artesanal, muitas vezes, acabam tendo que vender ao atravessador, sempre com valor bem inferior. A renda familiar tradicionalmente provém da pesca. *“No meu caso, eu sobrevivo da pesca: pago água, luz, tudo da pesca”*. Porém, atualmente há situações em que necessitam assumir outras atividades para complementar a renda obtida



VENDE-SE  
PEIXE FIZES



“EU ADORO  
ACAMPAR,  
ACORDAR COM  
OS PÁSSAROS  
E NENHUM  
BARULHO DA  
CIDADE...”

com a pesca, que não é uma constante. *“O pescador não tem salário fixo, o que o mar dá é o que ele tem... às vezes, é 20 kg por semana, e, às vezes, é 100”*. A época do defeso – quando a pesca de determinadas espécies em uma determinada região é proibida visando sua reprodução – varia conforme a espécie e a região hidrográfica. Há também espécies que estiveram ameaçadas de extinção e, por isso, sua pesca foi proibida, como o dourado. Para a maior parte das Comunidades Pesqueiras Artesanais do bioma Pampa, e para a maior parte das espécies de pescado, o período do defeso ocorre de outubro a janeiro. Durante estes meses, recebem um benefício social chamado seguro defeso. *“Antigamente, não existia o defeso da piracema... pescava o ano todo e sempre deu peixe”*.

Além de gerar renda, o pescado representa segurança alimentar. *“Muitas vezes, tinha o feijão e não tinha o arroz, mas o peixe sempre tinha: era peixe no café, no almoço, na janta”*. Representa também segurança nutricional. *“A alimentação de peixe é tão saudável que os nossos antigos passaram de cem anos... eu perdi a minha vizinha com cento e quatro anos, sempre comendo peixe”*. É um alimento com valor cultural, expressão de seu modo de vida. *“Saímos para pescar e comemos peixe a semana inteira. Todo mundo gosta, não enjoa”*. Consideram que ter o peixe na mesa, para oferecer para a família e para os vizinhos, é de grande valor. Sabem limpar o pescado e prepará-lo de diversas



formas. *"Todo domingo tem... é peixe frito, assado, ensopado, com arroz, com massa".* Há pratos tradicionais que requerem conhecimento e habilidade para o preparo. *"O peixe assado na taquara é uma tradição".* A culinária tradicional guarda características comuns, porém possui peculiaridades de acordo com as práticas e a memória de cada comunidade, dinâmicas e características de cada espaço territorial e época do ano. *"O jundiá é pra ensopado no inverno, com batata, cenoura e cebola".* Preparar o pescado e alimentar-se dele é um prazer. *"Eu gosto de comer o siri quentinho... abro ele e começo a comer de colherzinha".* Antigamente, utilizavam gelo para conservar o peixe por algum tempo ou faziam a salga para comer no inverno, atualmente existe a possibilidade de congelar, porém valorizam o peixe fresco. *"Não gosto do peixe muito tempo congelado, gosto de pegar o peixe, preparar e já fazer".* A tradição alimentar se mantém com algumas adaptações. *"Eu fritava o peixe com a própria banha dele, não comprava óleo e era mais gostoso... agora, ninguém mais quer gordura".*

A medicina tradicional também é um recurso utilizado para a manutenção da saúde nas Comunidades de Pesca Artesanal, repassada de geração em geração. O uso de ervas em chás e remédios caseiros se mantém atual. *"Eu faço um remédio à base de ervas pra mordida de cobra, o anticoral, pra usar como primeiros socorros, porque às vezes estamos muito longe, são horas de viagem até o hospital".* Antigamente, existiam muitas benzedoras nestas comunidades, além de parteiras. Atualmente, há benzedoras de referência procuradas pela comunidade, pois benzem para mau jeito, sapinho, encalho, espinhela caída, mau-olhado, dentre outros males. Procurar pelo benzimento e exercer a benzedura são também expressões de fé, de espiritualidade e de esperança.



... PEDEM  
PROTEÇÃO  
QUANDO SAEM  
PARA PESCAR.  
TÊM MUITA  
FÉ EM DEUS E  
DEVOÇÃO À SUA  
PADROEIRA, NOSSA  
SENHORA DOS  
NAVEGANTES.

Pescadoras e Pescadores Artesanais pedem proteção quando saem para pescar. Têm muita fé em Deus e devoção à sua padroeira, Nossa Senhora dos Navegantes. Muitas vezes, mantêm uma imagem dela próxima à saída das embarcações, local onde acendem velas e fazem procissão, pedindo e agradecendo. A Festa de Nossa Senhora dos Navegantes ou Yemanjá é a sua principal celebração cultural. Frequentam Igrejas Cristãs, mas também Terreiros, alguns deles nas próprias Comunidades Pesqueiras. *“Tem que ter fé, tem que acreditar, agradecer por esse dia, pelo alimento, pela saúde, por seus filhos estarem aqui, por ter uma casa, por tudo”.*

É com essa esperança que enfrentam as dificuldades atuais. *“Agora, a dificuldade é que não tem mais peixe... sumiram... Acho que faz uns 30 anos que o peixe escasseou”.* Lembram com saudades da fartura de antigamente. *“Naquela época, dava peixe de monte e não faltava no rio. A gente pegava piavas de 3 kg pra mais, mas agora...”.* Antigamente, a pesca era orientada para as espécies que estavam mais abundantes naquele período. *“Na época da corvina, todo mundo pegava só corvina, nem dava bola pra tainha, linguado, agora não, porque o peixe diminuiu”.* Viver da Pesca Artesanal tem se tornado cada vez mais difícil. Entretanto, diversas Pescadoras e diversos Pescadores Artesanais usam de estratégias para repovoar e manter os estoques pesqueiros, motivados pela



preocupação com a conservação dos ambientes e com o futuro da pesca como perspectiva para filhas e filhos. *"Busquei conhecimento e comecei eu mesmo a fazer a desova e ensinar os filhos"*. Pescadoras e Pescadores Artesanais, especialmente de mais idade, também se mantêm vigilantes junto às pessoas que pescam em época de defeso ou com materiais não permitidos e transmitem valores intrínsecos a esta identidade *"O pessoal novo aí bota na água a redinha miudinha e pega aqueles peixinhos, aí o peixe desova e não chega a crescer... tem que usar a malha graúda..."*. O cuidado é com todo o território de pesca tradicional. *"A gente vai em lugares aí e se apavora da quantia de árvores derrubadas, da quantia de lixo, e não é pescador, porque os pescadores todos que eu conheço, no mínimo eles limpam o acampamento"*. Consideram a conscientização sobre o cuidado com o ambiente fundamental para todas as pessoas, inclusive Pescadoras e Pescadores Artesanais, considerando-se guardiões destes ambientes. *"Porque, se nós vivemos do rio, como nós vamos sujar?"*.

Percebem os desafios atuais com muita lucidez. *"Aqui ocorrem quatro situações: primeira, a poluição; segunda, a mineração; terceira, o desregramento dos canais de irrigação que não são fiscalizados, e, quarta, a pesca predatória"*. Também os agrotóxicos e adubos químicos afetam diretamente a qualidade da água e o



**"COLHIAM  
AREIA NO LUGAR  
ONDE OCORRIAM  
AS DESOVAS E  
ALI MORRIAM  
MILHÕES DE  
PEIXINHOS  
NATIVOS."**



**"NAQUELA ÉPOCA,  
DAVA PEIXE DE  
MONTE E NÃO  
FALTAVA NO RIO.  
A GENTE PEGAVA  
PIAVAS DE 3 KG  
PRA MAIS,  
MAS AGORA..."**

pescado. *"Tudo que é lugar tem granja. Eles botam muito veneno, e dali vai pra água"*. A conversão de áreas de mata ciliar em áreas de lavoura e a drenagem de banhados também afetam a atividade pesqueira.

O cultivo de arroz irrigado nas várzeas próximas às áreas de pesca artesanal tem impactado a reprodução do pescado, uma vez que a água dos rios é captada através de bombas de sucção – em geral, sem telas de proteção, exigidas por lei, ou com malhas inadequadas nos canos de sucção e durante a época do defeso –, matando milhões de alevinos e peixes.

A pesca industrial ou predatória, além de reduzir drasticamente o estoque pesqueiro, impacta negativamente todo o ambiente e o modo de vida de Pescadoras e Pescadores Artesanais. *"O pescador comercial não respeita nada, passa arrastão, não respeita o peixe. Vem em barcos de grande porte, passa a rede de arrasto, é rápido: um segura de um lado e o outro do outro... Isso durante todo ano e também na piracema"*. Ocorre tanto na Lagoa dos Patos como nos rios. *"São pescadores de mar, mas também alguns empresários que têm um suporte financeiro. Quando tem peixe de água doce, eles vêm de lá pra cá, com dois, três barcos, com caminhão frigorífico, em 24 horas eles pescam toneladas de peixes"*.

A mineração, atividade exercida há muitas décadas nos rios do bioma Pampa, além de destruir matas ciliares, margens, e causar o “desaparecimento” de praias, tem afetado diretamente a fauna aquática e a atividade de Pescadoras e Pescadores Artesanais. *“Colhiam areia no lugar onde ocorriam as desovas e ali morriam milhões de peixinhos nativos; e hoje não está melhor”*. Muito impactante também é a construção de barragens que alteram a dinâmica dos rios e conseqüentemente dos peixes, especialmente no rio Uruguai. Essas preocupações não são ouvidas nos processos decisórios de construção de barragens. *“As barragens aí em cima estão mudando o rio, não está mais vindo água, e o peixe não se adapta na fundura”*. Outras ameaças são a presença de espécies exóticas, a exemplo do mexilhão, e o aumento de todas as formas de poluição. *“Tem empresas colocando produtos químicos na água e não são fiscalizadas”*.

Este conjunto de ameaças ao modo de vida e à atividade econômica de Pescadoras e Pescadores Artesanais poderia ser controlado se existisse uma fiscalização eficiente. *“Pra nós, o que mais faz falta é fiscalização, porque quem anda certo não tem nada a temer”*. Associam a todas estas situações a atual escassez de peixes. *“O peixe diminuiu, tem mais pescador grande e que usam sonda, tem poluição, muita porcária na água”*. Percebem estes impactos quando transitam por regiões mais e menos conservadas do território. *“O rio Uruguai faz fronteira com a Argentina e a gente só pode pescar do canal pra cá, mas na parte Argentina a gente pega mais peixe, não tem lavouras, poucas pessoas moram na beira do rio, a poluição é menor e a fiscalização é muito maior. Do canal pra cá, é outra água por causa da poluição nossa mesmo, do esgoto, do veneno da lavoura. Antes se pegava peixe e hoje não se pega”*.

As mudanças climáticas já são percebidas por Pescadoras e Pescadores Artesanais. *“O que mais nos prejudica é o sol, tá mais forte, tem dias que não se aguenta”*. Mudanças no regime das chuvas e na temperatura afetam as dinâmicas do pescado e da sua reprodução. *“Se não houver temperatura de 22°C dentro da água, não ocorre a desova, aí fica uma desova tardia só para o próximo ano”*. As Políticas Públicas, porém, não têm acompanhado as realidades específicas de cada território de pesca tradicional, considerando-se todas as situações que impactam negativamente as dinâmicas sociais e ecológicas. *“De uns anos para cá, os peixes mudaram a época da desova. Eu acho que é até por causa do clima, então, na verdade, o nosso defeso tá fora da época”*.

Reconhecem a necessidade de promover e fortalecer Políticas Públicas para a Pesca Artesanal. *“Fui a primeira mulher a fazer carteira de pescadora”*. Apontam para a necessidade de maior controle da documentação por parte do Governo Federal. *“Uma ameaça é a pesca por não pescadores, com os mesmos direitos”*. Preocupam-se com a falta de assistência técnica e de incentivo à juventude. *“A pesca precisaria de uma entidade de apoio, assistência técnica específica, orientando, motivando filhos de pescadores que vão iniciando”*. Iniciativas de processamento e comercialização carecem de acompanhamento e incentivo. *“Se a cooperativa tivesse funcionando, a realidade seria outra”*. De uma forma geral, não acessam as Políticas Públicas de abastecimento alimentar, através das quais poderiam entregar o pescado fresco ou processado, sem atravessador, tendo o seu trabalho valorizado com a ampliação de perspectivas.



**“QUASE METADE  
DAS PESSOAS QUE  
VÃO EMBORA  
RETORNAM,  
PORQUE LUGAR  
PARA MORAR  
QUE NEM AQUI  
NÃO TEM!”**

A recente extinção do Ministério da Pesca aponta para a visão equivocada do Estado sobre estas Comunidades Tradicionais e seus direitos, bem como sobre a relevância da Pesca Artesanal para a manutenção de ecossistemas e da biodiversidade do bioma Pampa.

As Comunidades Pesqueiras passaram por muitas mudanças ao longo do tempo, porém conservaram a solidariedade. *“Era só pescador que morava aqui, depois foi chegando gente, fazendo casas... Agora, acho que tem mais de 10 mil habitantes, mas poucos são pescadores”*. O acesso à luz elétrica, ao transporte e aos serviços públicos foram direitos conquistados – em alguns casos, apenas recentemente –, que alteraram as dinâmicas sociais. *“Com a luz elétrica, muitos pescadores retornaram à Comunidade”*. Porém, o que também promove este retorno é o reconhecimento de sua identidade de Pescadora e Pescador Artesanal e o vínculo comunitário. *“Quase metade das pessoas que vão embora retornam, porque lugar para morar que nem aqui não tem!”* É nas Comunidades Pesqueiras que Pescadoras e Pescadores Artesanais têm a base de toda sua resistência. O fortalecimento de suas formas de organização e articulação é essencial para o acesso a direitos e para a gestão compartilhada e participativa da Pesca Artesanal.



BEM VINDO  
A ESSA  
ENTIDADE

IANA. FUNDADA EM 29.06.1997  
ASI NA PBSCA ARTESANAL  
DE PEIXE  
AL





# POVO CIGANO

"CIGANO GOSTA DO CONTATO  
COM A NATUREZA, DE  
ANDAR DESCALÇO, FICAR  
À VONTADE, SENTIR O VENTO."







Uma das principais características do Povo Cigano é o seu modo de vida itinerante, especialmente dos grupos étnicos presentes no bioma Pampa. “Quando chega o dia da gente viajar, quando a gente carrega o auto da gente, é a maior alegria”. Prezam lugares abertos, a possibilidade de ir e vir, de sentir o vento soprar. Este modo de vida é mantido através de muita união na família e também entre as famílias de um ou mais acampamentos, que seguem as regras estabelecidas pela sua cultura. *“Cigano sempre casa com cigano, é da cultura”*. As roupas, as músicas e danças são características do Povo Cigano, guardando particularidades conforme cada etnia. Sobrevivem através de relações de comércio de produtos e serviços com a sociedade não cigana. Apreciam metais preciosos, em especial o ouro. *“Cigano sempre gosta de ouro. É pulseira de ouro, corrente de ouro, brinco de ouro, dente de ouro”*. São falantes de línguas ciganas. *“A nossa língua é cigana mesmo”*. Através da oralidade, das expressões culturais e da vida em comunidade transmitem saberes, práticas e valores aprendidos com os antepassados. *“O valor que tem a pessoa é o caráter da pessoa, pode ser o rico, pode ser o pobre”*.

A região de origem, as atividades praticadas pelos antepassados, a língua, as vestimentas, demais expressões culturais e regras internas definem as diferentes etnias do Povo Cigano existentes no Brasil, conhecidas como Rom, Calon e Sinti – assim como seus subgrupos, clãs ou nações –, mantendo porém, características comuns muito semelhantes. *“Os Rom têm os Calderash, Boiash, Xoraxane, Moldowaia, Matchuaia, Sibiaia... O idioma é um pouco diferente, mas nós, Rom, nos entendemos entre nós”*. A identidade de cada grupo está fortemente vinculada à atividade tradicionalmente praticada pelo seu grupo étnico: confecção de painéis e tachos de cobre, característica dos Calderash, arte circense e touradas, características dos Boiash, cartomancia, característica dos Moldowaia, Matchuaia e outros grupos Rom – além de grupos Calon e Sinti. O trabalho com ervas medicinais é característico dos Calon. *“Nosso povo trabalha com ervas, vende remédio, oferece nas ruas”*.

As regiões tidas como origem dos grupos ciganos contemporâneos, como Índia, Egito, Romênia, Hungria, Sérvia, Espanha e Portugal, dentre outros países da Europa, especialmente do Leste Europeu, bem como os processos históricos vividos, não



estão tão presentes na memória de ciganas e ciganos, havendo inclusive dúvidas e divergências a respeito. *“Tem quem diz que a nossa origem é da Romênia, mas nós mesmos não sabemos”*. Aparentemente, não têm acesso a registros e referências sobre os movimentos migratórios, perseguições e sobre as diversas diásporas vividas ao longo dos séculos, incluindo o “holocausto do Povo Cigano”, durante a Segunda Guerra Mundial. *“Só isso que a gente sabe, que somos Calon. O que a gente sabe de Cigano é muito pouco”*. Entretanto, comunicam-se com pessoas ciganas em outros países e continentes, através do uso da tecnologia. *“Esse ciganinho é lá dos Estados Unidos, ele liga pra nós e nós pra ele, mas se ele falasse em inglês nós não ia entender, só na nossa língua”*. Em geral, porém, memória e oralidade remetem a um passado mais recente e a regiões geográficas mais próximas, que são fundamentais para o fortalecimento de sua identidade sociocultural e a manutenção de seu modo de vida na atualidade. *“Os antigos da nossa família vieram do Mato Grosso e um pouco de Tenente Portela no Rio Grande do Sul”*. Apesar de os



**“NÃO É UMA  
BARRACA COMPRADA.  
BARRACA DE  
CIGANO É FEITA,  
É DIFERENTE,  
PROTEGE BEM  
DA CHUVA.”**



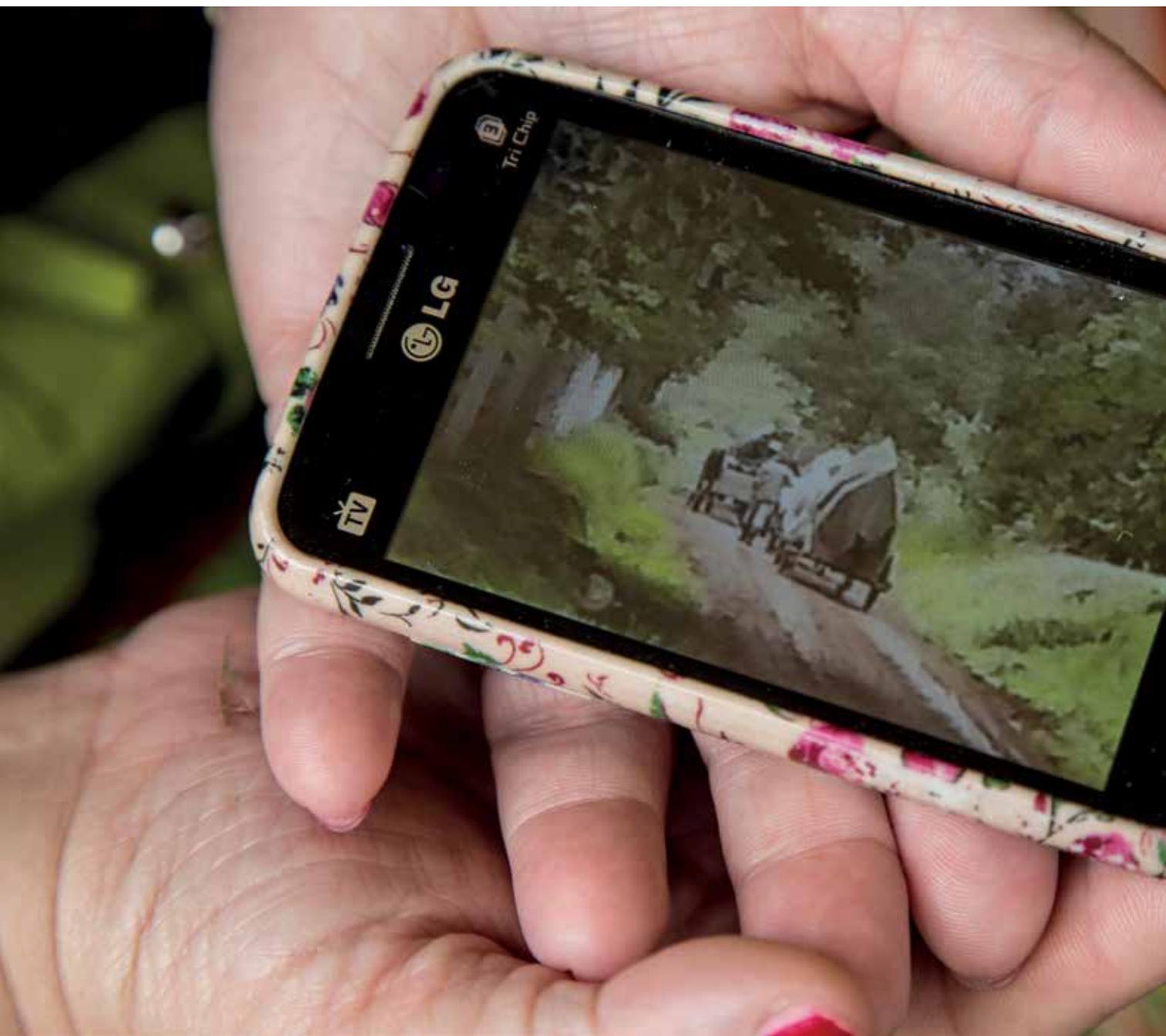


grupos em geral estarem distantes e dispersos em acampamentos, comunicam-se e possuem informações sobre a situação e as condições dos demais grupos ciganos. *“Que pertencem à nossa assinatura, já dá mais de duas mil pessoas, fora os outros que têm outra assinatura”.*

O modo de vida itinerante é também descrito como ‘nomadismo imposto’, pois nem sempre foi motivado pela cultura e pelos costumes, mas por perseguições que obrigaram este Povo a migrar para garantir a própria sobrevivência. *“O Povo Cigano andava de carroça antigamente, com lona em cima. Armava aquelas tendas na beira das estradas. Aí tinha que criar o cavalo também”.* A roda de carroça com dezesseis aros se transformou em símbolo do Povo Cigano, representando o movimento cíclico da vida e os valores deste Povo. Atualmente, o cavalo e a carroça foram substituídos por automóveis que são importantes meios para transportar os pertences da família e as mercadorias para vender. Têm municípios como referência, com locais onde o seu grupo, ou outro grupo cigano, já acampou. *“Quando a gente viaja, a gente já tem conhecimento sobre uns lugares onde os prefeitos já sabem da gente, onde tem uma área própria que é só pra acampamento, que é pra cigano, é pra circo, é pra parque”.* Não se limitam a estes locais, pois faz parte do seu modo de ser, andar, procurar e se estabelecer – apenas por determinado tempo – onde se sentem bem e livres. *“Se não tem referência de nada,*



**“A CULTURA  
NOSSA É METAL  
PRECIOSO, PRATA  
E OURO. É A  
CULTURA DOS  
ANTIGOS, ELES  
GOSTAVAM.”**



"O POVO CIGANO ANDAVA  
DE CARROÇA ANTIGAMENTE,  
COM LONA EM CIMA."



*nós vamos andar até achar um lugar que deixem nós acampar". A solicitação de um local para acampar e a negociação junto à pessoa proprietária do terreno ou à Prefeitura é feita pelos homens. "Ficamos com os carros carregados na beira de um lugar, de uma praça. Aí eles vão pedir pro dono. Se ele aceitar, a gente fica, senão vamos pra outro lugar". Em geral, os ambientes dentro e fora das barracas são mantidos bem organizados e cuidados durante todo o período de acampamento e também no momento em que deixam o local. "A gente chega e vai embora, mas deixa o lugar bem limpinho". Lugares, cidades de referência e rotas percorridas formam mosaicos dinâmicos de ocupação física e simbólica do espaço que incluem o Pampa e os demais biomas brasileiros, países da América Latina – como a Argentina, o Uruguai, o Peru, dentre outros –, além de países em outros continentes, sem limites explícitos de territórios.*

A vida familiar e coletiva acontece nos acampamentos. As barracas, em estilo próprio e muito resistentes, são confeccionadas pelas próprias pessoas ciganas. *"Não é uma barraca comprada. Barraca de cigano é feita, é diferente, protege bem da chuva".* As barracas ciganas, no seu interior, possuem características semelhantes. *"Barraca de cigano é bem organizada, bem caprichada, com muito tapete".* Apreciam viver em barracas como os antepassados faziam e projetam essa forma de viver e conviver também para suas filhas, filhos, netas e netos. *"A nossa cultura, o resto da nossa vida vai ser assim, na barraca. Olha como é bom o vento que tá aqui".* Algumas famílias acabam residindo em casa na periferia das cidades. As condições do local, as relações de vizinhança, a possibilidade de realizar o comércio e o acesso a serviços públicos determinam o estabelecimento de residências fixas, em geral, próximas a uma área ou terreno desocupado, que é eventualmente utilizado por grupos ciganos para estabelecer acampamentos temporários. *"Aqui é um lugar onde tu pode criar teu filho solto ainda, não tem bandidagem, pode deixar o carro aberto, tem vizinha que vem aqui e eu vou lá, tem molecada e um rio pra eles brincarem, ficam livres, isso é importante pra nós".* Adquirir casa e morar em residência fixa é algo raro na região do bioma Pampa, e, quando acontece, as casas mantêm determinadas características e são organizadas internamente de forma a criar um ambiente semelhante ao de barraca. *"Pelo jeito da casa – bem aberto pra entrar ar, porque a gente não consegue ficar abafado – pelos tapetes e os carros na frente de casa, já se sabe que é casa de cigano".* As casas, porém, são moradias para alguns meses do ano, quando não estão viajando e residindo em acampamentos em outras regiões e municípios. Viver em acampamentos e não ter residência fixa é, para a o Povo Cigano, uma forma de manter viva sua cultura. *"A gente tem poder de ter uma casa, mas a gente não se adapta, não é costume da gente, e quem vai pra uma casa, deita no chão ou acaba botando uma barraca no fundo da casa, porque a*

*gente sente falta*". Mantêm um estilo de vida com o qual se identificam, mesmo que inclua algumas privações. *"A vida nossa é simples, a gente não liga a luz, não é aquela vida de chuveiro, o banho é na bacia. A gente gosta, se sente bem"*.

Exercer a solidariedade é uma característica do Povo Cigano que é percebida entre as famílias nos acampamentos, entre diferentes grupos e acampamentos ciganos, e também na relação com não ciganos, nos bairros onde possuem residência fixa. Apoiam-se em situações difíceis. *"Quando um vai internar, todo mundo vai junto, aquela tropa, as famílias, não deixamos ninguém pra trás"*. Da mesma forma, gostam de se encontrar e conviver para festejar casamentos, batizados e outros acontecimentos. *"É bastante gente, vem de fora, de longe, vem gente de Santa Catarina, vem do Paraná, vem do estado do Mato Grosso, lá da fronteira do Uruguai, da Argentina... A gente chama pra fazer festa junto"*. Durante diversos dias, festejam e celebram a cultura cigana, fortalecendo seus princípios e valores, como a solidariedade. *"Festa do Povo Cigano é 10 a 15 dias. A dança é dança cigana mesmo, e é música cigana. Todo mundo sabe dançar"*. Para alguns grupos étnicos, esses momentos são importantes para a organização e tomada de decisões coletivas. *"Todo acampamento cigano tem um comandante, e, nas festas, a gente faz reunião, discute sobre as festas, qual lugar que vai, qual lugar que não vai, tudo"*.

Os períodos de festividade são importantes também para manter o sistema de casamento que é orientado e acompanhado pela família. *"Cigano casa cedo, aí pelos 13, 15 anos. Aí, quando casa, ela já vai ter a barraca dela"*. As regras sociais, dentre elas o casamento, possuem variações conforme o grupo étnico. *"A aliança da cigana é o lenço na cabeça quando é casada, quando é solteira não tem lenço, usa quando vai nas festas"*. As roupas e acessórios usados tanto no cotidiano como nas festividades também possuem particularidades de acordo com o grupo étnico. *"As mulheres Calon usam vestido de sete babados e nós não"*. Apesar de algumas diferenças no modo de se vestir, o uso de lenços, vestidos estampados ou coloridos e bombachas são alguns trajes tradicionais. *"A nossa roupa cigana é a nossa cultura"*. Também há diferenças no uso de acessórios, especialmente de ouro, exposto por alguns grupos étnicos, inclusive nos dentes, e que atualmente tem sido usado de forma mais discreta por outros grupos. *"Nós conhecemos pelos dentes, de longe já se vê"*. Entretanto, fazem menção aos metais e ao ouro como importante referência de sua identidade. *"A cultura nossa é metal precioso, prata e ouro. É a cultura dos antigos, eles gostavam"*.



**"A NOSSA  
ROUPA CIGANA  
É A NOSSA  
CULTURA."**

Falar um idioma próprio é uma importante expressão de identidade cigana. A linguagem, de uso cotidiano, é mantida ao longo das gerações, e é transmitida oralmente. *"As crianças nascem*





*sabendo, porque a linguagem é prática do dia a dia*". A grande maioria das ciganas e dos ciganos não lê nem escreve, e quando o fazem é a partir da pronúncia, pois até recentemente o idioma conhecido como Romani, ou Romani Chib, mantinha-se ágrafo. *"A língua nossa se escreve com o alfabeto do português porque a do cigano é só falada"*. Propostas de grafia ainda carecem de padrões e normas gramaticais, pois há uma grande diversidade linguística. *"Eu falo cigano Calon. A nossa língua é cigana mesmo, é chib. Dentro do chib tem 60 dialetos"*. O domínio da língua portuguesa ocorre na infância, paralelamente ao domínio da língua cigana, pelo uso cotidiano, sem que seja ensinada. *"O português é natural, aprendemos rápido, porque a cultura carrega as duas línguas, pra sobreviver"*. Utilizam o português para evitar algumas situações, quando percebem que pessoas podem desconfiar erroneamente de seus diálogos. *"Às vezes, a gente tá falando e acham que estamos xingando, mas não é, é nosso jeito, entre nós mesmos"*. Embora as línguas sejam aprendidas naturalmente, sem ter um processo formal de ensino, princípios e regras que orientam a cultura do Povo Cigano são transmitidos às crianças, aos adolescentes e aos jovens, em um processo educativo que ocorre no ambiente familiar e coletivo dos acampamentos e nas residências fixas. *"Cigano sabe dar educação em casa. Eles aprendem tudo aqui"*. Em alguns casos, e até certa idade, frequentam escolas, porém encontram diversas dificuldades para se manter em instituições formais de ensino.

A culinária do Povo Cigano valoriza a simplicidade. *"O cigano come o que tem na mesa, arroz, feijão, carne"*. Apreciam comidas `pesadas` e bem temperadas. *"O modo de fazer é mais forte, é carne de porco, arroz, feijão, carreiro, aipim, é comida forte mesmo"*. Quem prepara os alimentos, tradicionalmente, são as mulheres. Além da alimentação, o uso de ervas medicinais é uma prática cultural para a proteção e tratamento da saúde nos acampamentos ciganos. *"Quando dá leite pra criança, dá junto*



*um chazinho*". Também fazem uso tradicional do benzimento, embora benzedeiros ciganos não estejam mais presentes em todos os acampamentos. *"Benzedeira ainda tem, pra rendimento, pra curar as crianças pequenas, curar umbigo, com agulha, madeirinha, pomada"*.

Os partos eram realizados nos locais de acampamento por parteiras ciganas até recentemente. *"Minha mãe pariu as crianças perto da charrete dos cavalos, eram as ciganas velhas que faziam os partos"*. As mulheres preferem o parto normal, porém, atualmente, muitas recorrem a hospitais, onde nem sempre suas opções são consideradas. *"Toda mulher que usa a cesárea não fica normal, fica com dor nas costas, a barriga incha muito"*. Difícilmente procuram a medicina convencional e priorizam estratégias, tratamentos e práticas culturais de cuidado e atenção à saúde. *"Esse conhecimento tradicional vem dos antepassados, dos ciganos velhos, antigos mesmo"*.

Vivenciam a espiritualidade de diferentes formas, em geral, fazendo relação com a natureza. *"O cigano tá muito ligado na natureza, tem a ligação espiritual"*. As crenças e devoções variam conforme grupos étnicos e grupos familiares. *"O Povo Cigano é muito devoto da Nossa Senhora Aparecida"*. Para alguns grupos, Santa Sara Kali é uma referência importante. *"Santa Sara é uma protetora dos Calon, é santa cigana nossa mesmo. Ela usa vestido*



**"A GENTE QUER  
QUE O POVO  
EM GERAL  
POSSA SABER  
QUE SOMOS  
PESSOAS DIGNAS,  
TRABALHAMOS,  
TEMOS CRIANÇAS,  
APENAS É  
UMA CULTURA  
DIFERENTE."**



*de sete cores, cheia de babados. Ela foi uma cigana*". A morte é vivenciada com muita dor e também com diversas restrições durante o luto. *"Velório de um cigano não é um velório normal é outra situação, é mais forte"*.

O Povo Cigano é detentor de diversos saberes e práticas. *"A gente comprava folha de cobre, batia assim pra fazer panela"*. Atualmente, alguns conhecimentos são adaptados e aplicados frente aos novos contextos. *"Nós vendia muito tachinho, mas parou porque o cobre tá muito caro e não compensa mais fabricar, mas vendemos facas que nós mesmos fabricamos"*. Os saberes que foram aprendidos na convivência com as pessoas mais velhas são fundamentais nas comunidades. *"Ler a mão vem de geração, de família, já nasce com o dom. Só as mulheres que leem mão e cartas, avisa coisa boa, coisa ruim, evita coisas"*. Conhecem em detalhes as práticas tradicionalmente desenvolvidas pelo seu grupo étnico. *"Nós conhecemos 64 tipos de ervas. A dose pra criança, pra adulto, a gente sabe, e tudo isso é uma responsabilidade da gente"*.

Seus costumes influenciaram e continuam influenciando o mundo ocidental, a exemplo da música, dança e da invenção do circo, com malabarismos e palhaços. Atualmente, entretanto, algumas atividades não são mais exercidas ou perderam importância econômica, sendo que a grande maioria das famílias ciganas gera renda a partir da comercialização de bens como colchas, lençóis, cortinas, tapetes, roupas, celulares, facas, carros, outros itens como ervas medicinais e alguns serviços. *"Povo Cigano mexe com vendas, não adianta, é a cultura nossa desde menino, já vem no sangue, de negociar"*. Gostam de viajar pra vender, pois preferem oferecer nos locais onde não estão residindo, seja em casas ou acampamentos. Vender é atividade apreciada por todas as pessoas na família, incluindo as mais jovens. *"A gente conversa, é bom, é legal"*.

O preconceito, porém, dificulta este modo de ser e as próprias atividades econômicas dos grupos. *"Às vezes, a gente chega numa cidade, vai falar com o prefeito e ele diz: 'Aqui, vocês não podem acampar, porque o pessoal daqui não gosta de cigano'"*. Ideias preconceituosas dominam o senso comum. *"O povo comenta que cigano rouba, cigano engana, não é verdade... Só convivendo com nós pra ver"*. Também em hotéis e postos de combustíveis onde eventualmente param os carros para descansar das longas viagens, suas famílias são impedidas ou mesmo insultadas. *"Tem hotel aí que não aluga quarto pra cigano"*. Não são raras as situações em que se obrigam a levantar acampamentos recém instalados. *"Às vezes, mandam nós embora, por isso a maioria tá se obrigando a comprar uma casinha agora"*. Sentem a discriminação na maior parte dos locais por onde circulam e também a partir de comentários ofensivos nas redes sociais. *"O caráter, a honestidade é um valor nosso, mas falam que nós não temos"*.

Além do preconceito das populações dos municípios e de estabelecimentos comerciais, o Povo Cigano sofre com a repressão e violência policial. *"Têm lugares onde a gente não é bem recebido, não tanto pela população, mas pelos policiais, eles são bem ignorantes com o Povo Cigano"*. Discussões acaloradas entre pessoas ciganas não são raras, e, em alguns grupos étnicos, as pessoas mais velhas, sábias, é que resolvem e decidem o que deve ser feito, a partir do diálogo e de acordos entre as partes. *"Se um cigano grita um com outro, xinga um com outro, vem muita polícia, agora, quando tem vizinho que não é cigano, que dá tiro pra lá e pra cá, pode ligar que não vem uma viatura"*.

As gestões públicas municipais desconhecem os espaços de discussão e de inclusão que estão sendo construídos por Povos e Comunidades Tradicionais em nível nacional, como o Conselho Nacional de Povos e Comunidades Tradicionais – recentemente instituído pelo Governo Federal –, que reconhece o Povo Cigano como povo tradicional. Também não implementam políticas públicas locais vinculadas aos novos marcos legais estabelecidos.

Conhecer e participar de espaços como o Conselho Nacional de Povos e Comunidades Tradicionais pode ser uma estratégia para assegurar os seus direitos de acesso a hospitais e escolas públicas, por exemplo. *“Os hospitais também implicam, reclamam: ‘Eles falam alto’, não gostam... e nós falamos alto mesmo”*. As famílias que procuram inserir as crianças nas escolas encontram muitas dificuldades por falta de políticas públicas que considerem sua cultura, em especial o fato de serem itinerantes. *“Em cada cidade que nós ficávamos, por exemplo, se ia ficar 15 dias, a gente botava nossa filha 13 dias na escola”*. Apesar deste esforço, as famílias em geral desistem rapidamente em função do preconceito. *“Nenhuma mãe quer ver seu filho sofrendo ou ser humilhado dentro de uma escola”*. O modo de vestir, o assédio para que as crianças leiam a mão e outras formas de violência e constrangimento por parte de colegas, profissionais da educação e comunidade escolar, alimentados pelo imaginário de que o Povo Cigano rouba crianças, criam ambientes de desconforto, medo e insegurança, além de ser uma violação de direitos das famílias ciganas. *“Isso é uma dificuldade que a gente enfrenta, nesse mundo”*. Encontrar uma escola acolhedora pode ser determinante para definir o local de residência fixa. *“Antigamente, não arrumava vaga pra criança cigana. Aqui foi o único lugar de todos que rodei que trataram meus filhos com carinho. Se todas as escolas fossem como essa daqui, muitos ciganinhos tinham estudo”*. Muitas famílias acreditam que frequentar a escola é fundamental para fortalecer a identidade e os direitos do Povo Cigano, mais do que um espaço de “educar”. *“Não é da educação que cigano precisa, porque cigano sabe dar educação em casa, é a instrução que a gente precisa, mas aí tem o preconceito”*.

O Povo Cigano é um povo itinerante presente em diferentes regiões do planeta, sem reivindicar um território específico. Reivindicam o reconhecimento como cidadãos e cidadãos dos países onde vivem – no caso do Brasil, estão aqui desde o século XVI –, reivindicam respeito ao seu modo de vida, sua cultura e seus valores, dentre eles, a liberdade de transitar, fazendo das rotas, locais de passagem e espaços ocupados, o seu ‘território tradicional’. *“A gente quer que o povo em geral possa saber que somos pessoas dignas, trabalhamos, temos crianças, apenas é uma cultura diferente”*. Para manter viva esta cultura nos dias atuais, porém, necessitam da garantia de uso de alguns espaços com condições mínimas. *“Também não queremos ficar jogados longe, tem que ter mato, água, luz, algum mercado perto... Pra nós esse campo aqui é uma benção, faz 8 anos que estou cuidando”*. Há uma busca constante por locais que tenham estas condições em ambientes onde o preconceito e a ação de policiais não sejam limitantes. *“Tem um lugar que eu estou tentando pra que seja uma parada, pra gente conseguir fixar lugar lá”*. A inexistência desses espaços ou as suas condições inadequadas têm consequências no saneamento e na saúde, na segurança alimentar, na educação, e na segurança do Povo Cigano. *“A gente sabe que o Povo Cigano*



*existe, mas, ao mesmo tempo, não vê, porque é invisível". Ainda são poucas as famílias que recebem atenção adequada ou que estão inseridas em políticas sociais, além de haver uma carência de profissionais com preparo para atender esta população, levando em conta suas particularidades.*

Se o Povo Cigano é mesmo invisível, ou se a sociedade e o Poder Público fecharam os olhos para esta cultura, é algo que merece reflexão. Fato é que se deixou de enxergar e valorizar importantes referências deste Povo para a vida em sociedade: a união, a colaboração e a solidariedade, o respeito às pessoas mais velhas, o cuidado com as crianças, a alegria de viver, de estar com outras pessoas, de cantar e dançar, e, acima de tudo, o apreço pela vida simples e pela liberdade. *"Eu acho que o que mais mete medo no pessoal é a liberdade de tá aqui na natureza, com o vento... isso eles querem... Ou não podem, ou não têm coragem pra fazer o que cigano faz, então, eles acabam ficando com medo".*



**"BARRACA DE  
CIGANO É BEM  
ORGANIZADA, BEM  
CAPRICHADA, COM  
MUITO TAPETE."**



# POVOS INDÍGENAS

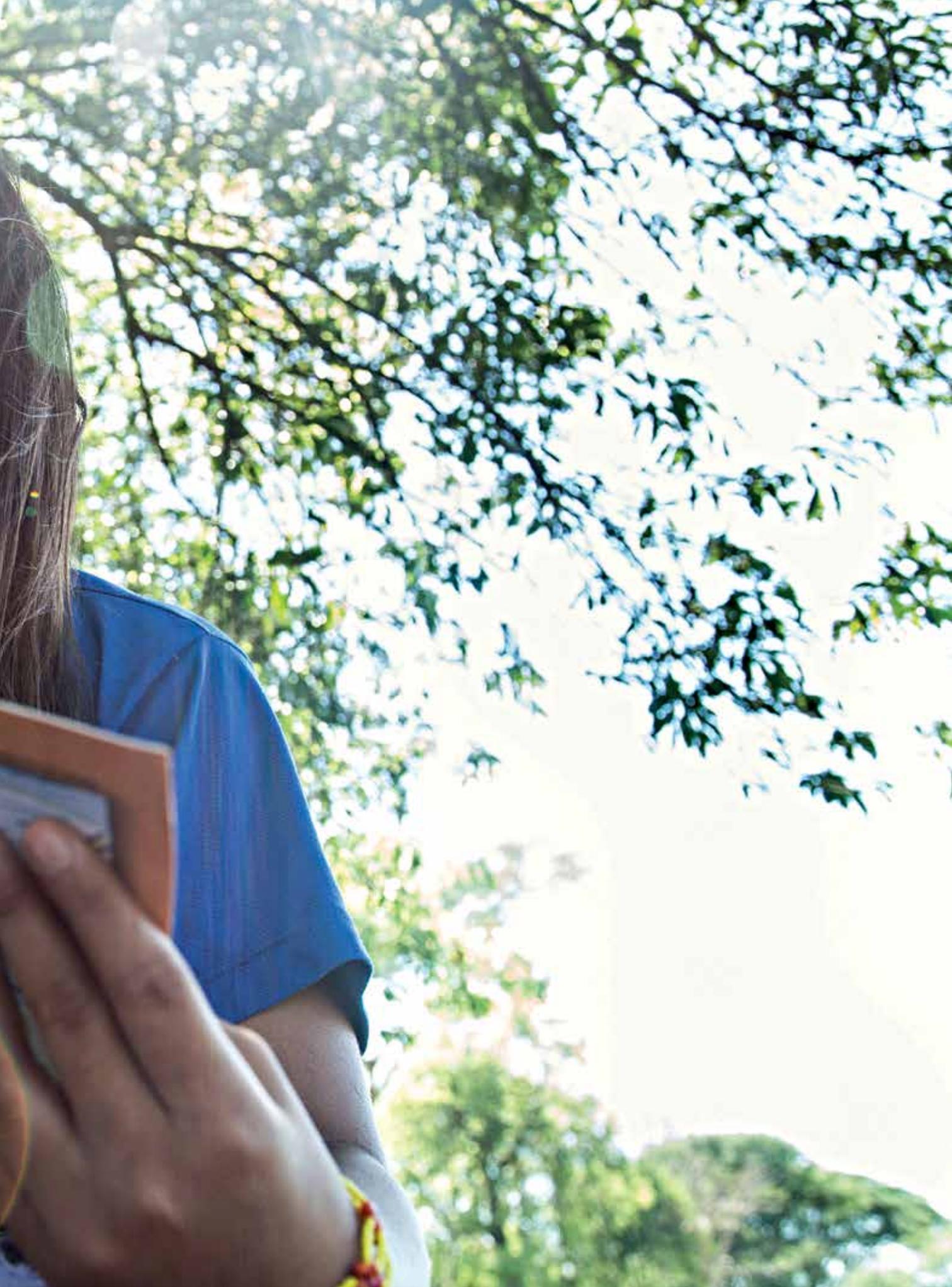
“OS NOSSOS ANTEPASSADOS  
DIZIAM QUE HAVIA AQUI UMA  
PROMESSA DE VIDA PERFEITA. A VIDA  
PERFEITA É A NATUREZA.”





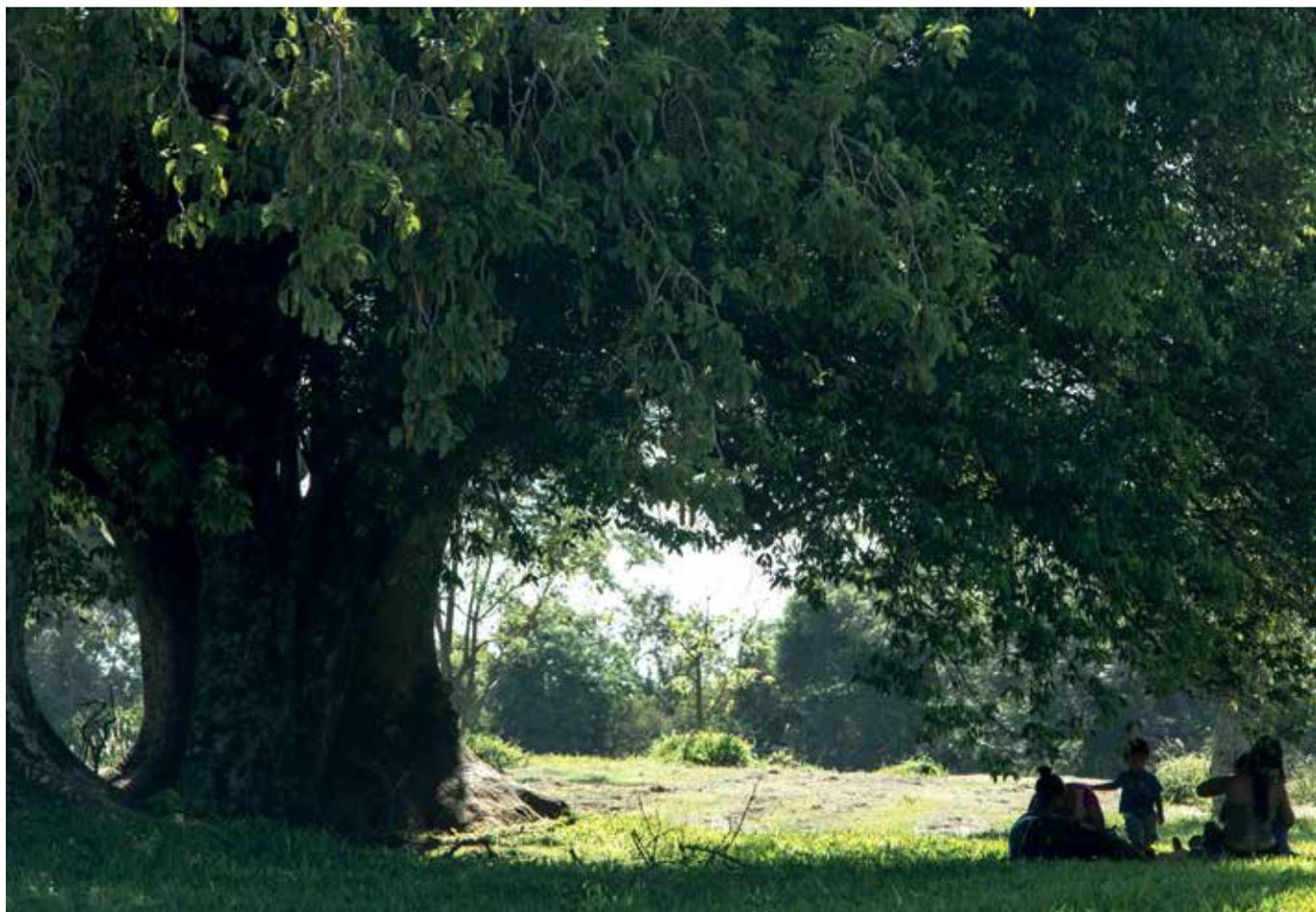
MODO DE VIDA GU

MBYA GUAT



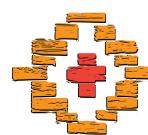
**O**s povos originários da América – e de todos os biomas brasileiros – são os Povos Indígenas. Na região do bioma Pampa, vivem indígenas das etnias Guarani, Kaingang e Charrua. Milhares de anos de convívio e interação com o território promoveram uma cosmovisão muito profunda e própria, de acordo com cada etnia. O respeito a este território, por toda a natureza, pela vida, é expresso na sua forma de viver, de se expressar e interagir. *“O povo Guarani é muito religioso, tem muito respeito com a natureza, com os animais, porque acredita que tudo que vem de Nhanderu deve ser respeitado”*. Compreendem os ciclos e os processos naturais através da contemplação e observação permanente. *“Tudo que tem vida tem sua linguagem, a árvore tem uma linguagem. A humanidade hoje perde em não observar os animais, porque os animais sabem o que vai acontecer”*. Percebem-se, integrando estes ciclos e processos, como parte da natureza, que é perfeita, completa e sábia. *“Tu faz parte da árvore, dos rios, dos animais, da atmosfera. Tu nunca tá separado das coisas”*. Relações de cooperação, baseadas na observação das dinâmicas naturais, são estabelecidas com a terra, as plantas e os animais, em um movimento de regeneração e manutenção da vida e do modo de vida nos territórios. *“Os animais fazem o mesmo serviço que nós. Eles vivem da natureza e recuperam a natureza, plantando uma árvore, sempre colhendo uma semente, trabalhando todo dia”*.

A reciprocidade é inerente ao seu modo de ser e está presente nas relações cotidianas com a natureza, entre indígenas e, também, com não indígenas. É um princípio regulador da vida comunitária nos aspectos socioculturais e políticos. Entre os Kaingang, os clãs Kamé e Kanhru – conhecidos como metades clânicas – orientam relações de reciprocidade e rituais. *“É das linhas clânicas Kamé e Kanhru que sai a organização da família. O Kaingang sempre leva a marca do pai. Todos os Kamé são irmãos, parentes, e todos Kanhru são irmãos, parentes”*. A língua é elemento muito forte de identidade dos Povos Indígenas, falada desde criança. No bioma Pampa, muitos indígenas falam o português além de sua língua própria, mas há quem fale apenas a sua língua original. Entre os Guarani, é comum falar o espanhol. *“A maioria dos Guarani fala três línguas. Os pais e a comunidade já ensinam”*. O papel das



peças mais velhas na comunidade ou aldeia é essencial para a manutenção do modo de ser e da cosmologia. Práticas e vivências, orientadas por pessoas mais velhas e lideranças espirituais, se complementam com a arte de ouvir seus ensinamentos. É através da oralidade que são reafirmados e transmitidos valores como a língua, as histórias e os mitos. *“A maior parte da minha vida foi com os sábios, os mais velhos. Conheço o pensamento das lideranças antigas”.*

Manter o modo de vida indígena, seus conhecimentos, sua língua e suas expressões culturais, é primordial. Além das dinâmicas tradicionais de transmissão de valores e conhecimentos, também encontram outras formas de fortalecimento da sua identidade, inclusive junto à juventude indígena. *“Fazemos encontros pra valorizar a bebida tradicional, a reza, o batismo, a comida tradicional, e também pra debater a educação, a sabedoria indígena”.* Cada singularidade de sua cultura é percebida positivamente. *“O povo Guarani é um dos povos mais ricos em cultura,*

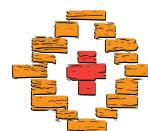


**“TU FAZ PARTE DA  
ÁRVORE, DOS RIOS,  
DOS ANIMAIS,  
DA ATMOSFERA.  
TU NUNCA TÁ  
SEPARADO  
DAS COISAS.”**

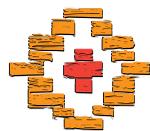


porque ele é um povo muito misterioso, mas, ao mesmo tempo, se abre". Reconhecem também a importância da sociodiversidade, de outras cosmologias, saberes e práticas. "Todos os Povos têm valor se mantêm sua cultura, se mantêm a língua, o saber". É no território tradicional que expressam todos os aspectos de sua cultura, e onde cada saber ou prática tem um sentido maior, mais complexo e mais profundo. "Por onde o Povo caminhava foi desenhando o território". É nesse espaço geográfico e simbólico que se estabelecem as relações com antepassados, com a história narrada pelas pessoas mais antigas e com a mitologia. "Quando se fala em território, não é somente um lugar ou país". É onde sua identidade foi construída e transmitida ao longo do tempo, e que continua sendo essencial para a manutenção de sua cosmologia e modo de vida. "Hoje em dia fazemos o mesmo caminho que os antepassados faziam". Não há divisão nesse território, ele é único, entretanto, a relação com o espaço geográfico e a divisão política é atualmente feita para explicitar sua localização e dimensão. "Eles fizeram essa caminhada em direção ao Sol, ao fogo: o Caminho do Peabirú. Era um local de muita riqueza, que muitos iam pra caçar, pra pegar fruta, então, todo esse caminho vinha de São Paulo ao Rio Grande do Sul, passando pelo Uruguai, Argentina, Paraguai, até a Bolívia... e isso tudo marca o território Guarani". O ambiente percorrido pelos antepassados de cada etnia mantinha determinadas características, as quais estavam também diretamente relacionadas à cosmologia, ao modo de vida e às estratégias de sobrevivência. "Onde tem mato preto, mata de araucária, marca o território Kaingang... Quase não cruzava o rio Uruguai pra lá, ficava desse lado de cá, aí vinha margeando pra cá. Onde tinha Mata Atlântica, onde tinha mata nativa, era o território que o Kaingang usava". A presença ou a memória de determinadas paisagens, da ocorrência de determinadas espécies vegetais ou animais são indicadoras de território tradicional indígena. "O jerivá é importante pra nós, é uma planta de localização. Meu pai falava que onde um Guarani chegasse e visse que tinha palmeira sabia que ali tinha habitado um povo". Além dos Guarani e dos Kaingang, outros Povos Indígenas ocupavam as paisagens da Região Sul do Brasil e dos países vizinhos. "Tinha o Minuano, o Carijó, o Charrua... Tinha indígenas que viviam aqui na beira do mar, que viviam do siri, que viviam da pesca. Tinha os Tamoios também, e tinha outros... Uns usavam mais o campo nativo, eram cavaleiros, usavam também o mato, tinham o território deles".

Conservam um conhecimento específico acerca das peculiaridades de seu território, onde sempre coletaram, caçaram e cultivaram seu alimento, seus remédios naturais, o material para o artesanato, para a construção das casas e para outras expressões culturais. "Uma área para o Guarani viver tem que ter



**A LÍNGUA  
É ELEMENTO  
MUITO FORTE DA  
IDENTIDADE DE  
POVOS INDÍGENAS,  
FALADA DESDE  
CRIANÇA.**

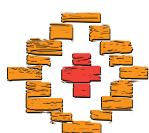


"POR ONDE O POVO CAMINHAVA  
FOI DESENHANDO O TERRITÓRIO."



*material pra fazer artesanato, e um lugar plano pra plantar, com rio. E que tenha animais no mato". A biodiversidade é utilizada de forma respeitosa, criativa e diversa por cada Povo Indígena, que conhece seus detalhes e suas características. "Cada região tem um tipo de cipó. O cipó tem muitas qualidades, mas só umas oito qualidades que dá pra fazer cesto, que é uma fibra boa, que mesmo depois de seco ele não quebra. Tem o cipó São João, o cipó branco, o cipó amarelo, o cipó borracha, o cipó marronzinho". A reivindicação de Terras Indígenas, sua demarcação e homologação, bem como a situação das Terras Indígenas existentes – pequenas, fragmentadas ou que sofreram processo de degradação ambiental – é uma realidade vivida por estes Povos no bioma Pampa. O acesso ao território tradicional, para além das Terras Indígenas, encontra inúmeras dificuldades, o que alterou a dinâmica socioeconômica destes Povos. "Nós vivíamos sem dinheiro aqui. Pra quê dinheiro? Comprar o quê? Nós tínhamos tudo. Tinha água, comida, remédio, espaço, frutas, sementes, verdura, carne, tinha tudo". Atualmente, é através do artesanato que conseguem gerar renda para suprir necessidades que antes eram atendidas através de seus saberes e fazeres no território tradicional. Nem sempre, porém, encontram áreas conservadas ou com as espécies que costumam utilizar. "Tem taquara, mas não o tipo que nós fazemos, que é um tipo específico. Também usamos o Guimbé".*

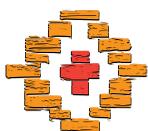
Parte da alimentação era obtida na mata, nos capões, nos campos e rios, que eram também locais de provisão de alimento para os animais que ali viviam. *"O pinhão fica pendurado, e daí, quando cai no chão, debulha, espatifa. E o bicho também come: o porco do mato, o quati, o cateto, a cutia, a paca. É a época que o bicho vai ficar gordo".* Animais, como mamíferos, aves, répteis, peixes, insetos, dentre outros, são importantes na alimentação e também estão presentes na mitologia. Valorizam também sua beleza e sua presença – essencial – nas dinâmicas naturais do território. *"A gralha azul planta o pinhão, a gralha picaça também ajuda, ela é branca e preta".* Conhecem o comportamento das espécies, as técnicas de colheita e sua armazenagem, e, também, entendem de caça e pesca, que, antigamente, promoviam uma dieta suficiente, nutritiva e que acompanhava os ciclos naturais. *"O nosso pinhal chamava-se mato preto, porque ele era preto, era só pinheiro. São três qualidades: o vermelho, o amarelo e o branco. Colhíamos o pinhão – o vermelho amadurece primeiro –, deixava na tuia, botava a folha e a taquara pra não carunchar. Botava num jirau pra não apodrecer, pra não carunchar, e passava de um ano pra outro comendo pinhão".* Detêm conhecimentos específicos sobre o preparo de pratos tradicionais, saberes e sabores de um tempo de abundância. *"Comia o pinhão assado,*



**“SÓ UMAS OITO  
QUALIDADES DE  
CIPÓ DÁ PRA FAZER  
CESTO, QUE É UMA  
FIBRA BOA, QUE  
MESMO DEPOIS  
DE SECO ELE NÃO  
QUEBRA.”**

*comia o pinhão cozido, socava no pilão o pinhão e fazia com torresmo, com carne de porco, fazia sopa de pinhão, fazia farinha de pinhão, fazia tudo que era coisa com pinhão”. Também têm importância fundamental os alimentos cultivados, como o milho, o feijão, a mandioca, a batata-doce e a moranga. “O feijão dava quase dois metros de altura, acamava depois, de tanta vagem que dava. Batia com o manguá. Fazíamos umas cuias de taquara e a semente nós colocávamos ali junto com a taquara mansa, botava um pouco da folha do próprio feijão também. Daí, passava de um ano pra outro”. Há alimentos cultivados para rituais e não apenas para a alimentação, como variedades de milho indígenas. O tamanho das aldeias e suas características ambientais, muitas vezes, impossibilita o cultivo de alimentos, especialmente no sistema de pousio a cada dois ou três anos, como era praticado. “O sistema de coivara seria importante, mas não convém, porque a aldeia já é muito pequena”. Atualmente, a alimentação depende das condições sociais, econômicas e ambientais de cada grupo ou aldeia. “Mais é feijão, arroz, massa, farinha de fubá,*





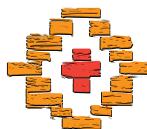
ATUALMENTE, É ATRAVÉS DO ARTESANATO  
QUE CONSEGUEM GERAR RENDA PARA SUPRIR  
NECESSIDADES QUE ANTES ERAM ATENDIDAS  
ATRAVÉS DE SEUS SABERES E FAZERES  
NO TERRITÓRIO TRADICIONAL.



*frango, banha de porco, servidos também na merenda da escola indígena". A culinária tradicional tem extrema importância para a manutenção da saúde. "A base da medicina indígena é a alimentação boa, saudável, sem agrotóxicos, sem poluição, sem química nenhuma – comida de verdade. Comida voltada para o ser humano e não comida feita em laboratório, que não se sabe de que origem é. E também a água limpa e oxigênio puro. Essa é a base da prevenção para não deixar ficar doente". A culinária indígena e a medicina indígena são expressões culturais diretamente relacionadas à necessidade de recuperação e conservação do ambiente dos territórios tradicionais. "Destruíram tudo. Agora, tem que trabalhar pra reflorestar".*

São vários os fatores que promovem a saúde indígena. A espiritualidade, a alimentação, o uso de espécies medicinais e rituais fazem parte da medicina tradicional que está diretamente associada ao conhecimento e uso da biodiversidade. *"Noventa e nove por cento das folhas do mato é remédio. Todas as frutas são remédio, quando come tá prevenindo. As caças são remédio porque a caça come as plantas e frutas do mato, então a carne é remédio".* Conhecem as espécies, como preparar e utilizar. *"Toda árvore é remédio. Agora, tem que saber pra que é, porque o remédio também é veneno".* Preparam e utilizam remédios caseiros feitos a base de plantas medicinais, conhecimento transmitido ao longo de gerações. *"Nós conhecemos mais de 200 plantas medicinais. Tomamos um monte de remédio de ervas, daí, o organismo fica muito forte".* Essencial também para a saúde indígena, física e espiritual, individual e coletiva, é a presença e a atuação de lideranças espirituais, curandeiros, Kujã, Karai ou Kunhã Karai.

Estes saberes e práticas têm sido trabalhados nas escolas indígenas, especialmente por professoras e professores indígenas, através do uso de sua própria língua, de forma oral e escrita, algumas vezes, com material didático elaborado pelo próprio Povo Indígena. *"O livro sobre o modo de vida Guarani foi feito por nós".* A educação indígena, entretanto, não ocorre na escola, ou apenas na escola. Ocorre nas interações diárias com o ambiente, com outras pessoas, indígenas e não indígenas. A reciprocidade é vivenciada a todo momento. *"A gente pede um pouquinho mais de merenda na escola porque os irmãozinhos vêm também. É costume em casa tirar comida do mesmo prato e comer igual, as crianças compartilham. Isso acontece em casa, não é que estão com fome".* Mais do que a escola, é a dinâmica comunitária e familiar que mantém a cultura viva. *"Meu pai falava: 'Busquem nos mais velhos, que eles são um livro que tá ali, mas eles não tã ali pra sempre'. A gente tem que buscar esse aprendizado pra passar*



AS ARAUCÁRIAS  
PRESENTES  
EM ÁREAS DE  
TRANSIÇÃO ENTRE  
O BIOMA PAMPA E  
MATA ATLÂNTICA,  
ASSIM COMO OS  
CAMPOS NATIVOS,  
MATAS CILIARES E  
CAPÕES DE MATA  
COM JERIVÁ,  
TAQUARA, E  
DIVERSIDADES DE  
CIPÓS PRESENTES  
NO PAMPA, ESTÃO  
DANDO LUGAR  
ESPECIALMENTE  
À SOJA  
TRANSGÊNICA.

*pros nossos filhos. Eu ouvia muito do meu avô, da minha vó". É, em geral, ao redor do fogo que a transmissão e a construção de saberes acontecem. São momentos, práticas e processos pedagógicos muito particulares e sutis, que não ocorrem na educação formal, mesmo que indígena. "Nossa educação é à noite, das 21h até às 4h da manhã, porque o movimento do fogo faz a memória funcionar". As áreas do conhecimento também são abordadas a partir de lógicas próprias, segundo sua percepção do mundo. "A matemática Kaingang é bem diferente em termos de números, quantidade, massa, tempo. Tá muito no nosso olho nu, não existe coisa exata, tudo é aproximado, ou é pouco, menos da metade, ou é quase todos, mais da metade". A matemática dialoga com a história, com a psicologia, com a filosofia, num pensar único e integrado. O mundo é percebido de forma sistêmica. "Se tu não pensar no passado, traz coisa ruim no futuro. O pensamento do tempo circula como a terra. O passado vem para o presente. Passado é ontem, já passa a ser história, ponto de referência, que é o que deu certo, pra seguir... Pra trabalhar a matemática, então, tem que se referenciar ao tempo, e a unidade do tempo é sempre hoje".*

Os Povos Indígenas sofreram um processo intenso de perseguição e dizimação, além de terem seus territórios tradicionais ocupados e destruídos. "Quando a gente discute o extermínio, a colonização, o preconceito, o desrespeito e a dívida do país com estas pessoas, têm que estar junto os representantes dos Povos. Tem que entender o pensamento do nosso Povo, porque sinto coisas diferentes de vocês". O passado guarda lembranças e histórias – ainda pouco divulgadas – das injustiças vividas pelos Povos Indígenas, inclusive no sul do país. Muitas injustiças perduram até os dias atuais, dentre elas, o preconceito. "Nós fomos muito discriminados e ainda somos discriminados pela sociedade, pela nossa cultura, pela nossa maneira de viver". A ameaça aos direitos inclui a ameaça à própria vida. "Também tem ameaça física, de morte. Quando a gente retornou pro lugar que era nosso, se formou uma revolta muito grande, porque lá é tipo uma montanha grande onde tem vista pro mar, e eles estavam querendo fazer um local turístico". Há preocupações também com a influência de meios de comunicação e com o uso da tecnologia, especialmente junto à juventude indígena. "A tecnologia tava invadindo muito a aldeia e muitas coisas estavam se perdendo, muitos estavam deixando de ir pra casa de reza pra ficar em casa assistindo TV". Fazem uso da tecnologia, inclusive para defender seus direitos e fortalecer sua identidade, porém, se preocupam com o uso, especialmente entre os indígenas mais jovens. "A internet tem o lado bom e tem o lado ruim. E tem muita gente que pega o lado ruim".



A dificuldade de acesso ao território tradicional se dá por vários motivos, dentre eles, a falta de políticas nacionais específicas que respeitem e considerem os modos de vida e os territórios das populações originárias, a falta de efetividade de gestão da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e a falta do cumprimento de marcos e acordos internacionais, dos quais o Brasil é signatário. *“Quando nós vamos pra Argentina, quem não tem documento tem dificuldade de cruzar a fronteira. Essas simples coisas nos impedem de fazer visitas para os parentes. Porque antigamente não era chamado Brasil, Paraguai e Argentina, era simplesmente o outro lado do rio”*. O acesso ao território, à terra, à água e à biodiversidade vem, cada vez mais, sendo comprometido pelo avanço da propriedade privada, dos monocultivos, de grandes obras, da expansão urbana e especulação imobiliária. *“Até os anos 60, não tinha tratores na agricultura. No começo dos anos 70, os fazendeiros que criavam gado, cavalos e ovelhas, que viviam do campo, só da agropecuária, venderam os animais, compraram tratores e começaram a*



*agricultura motorizada, industrializada. Dali pra cá, foi um despejo de índio, de branco, de negro, de tudo que era qualidade de gente que era pobre, que vivia no interior... tiveram que vir para a cidade". As araucárias, presentes em áreas de transição entre o bioma Pampa e a Mata Atlântica, assim como os campos nativos, matas ciliares e capões de mata com jerivá, taquara e diversidades de cipós presentes no Pampa, estão dando lugar especialmente à soja transgênica. "Onde tem um pouquinho de mata, é na nossa aldeia, está tudo soja". A degradação e a contaminação ambiental, além de ferirem um direito constitucional dos Povos Indígenas, impedindo-os de viver segundo seus usos, costumes e tradições, trazem consequências para toda a vida do planeta. "Hoje é um risco pescar nestes rios: o peixe tá doente, a água tá doente". Possuem o sentimento de que é urgente a restauração ambiental e que isso deveria ser compromisso de todas as pessoas. "Eu tenho certeza que neste momento, para o presente e para o futuro, nós temos que reflorestar o planeta, nós temos que despoluir os rios, as águas, nós temos que voltar a ter uma agricultura voltada para o ser humano e não voltada só pra encher os bolsos de dinheiro, matando os outros, os animais e levando tudo pela frente". A preocupação dos Povos Indígenas vai além da manutenção do*



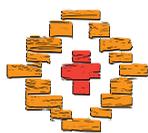
seu território, do seu modo de vida e da sua cultura, é uma preocupação com os valores da sociedade não indígena que impactam todas as pessoas e o planeta.

Alterações climáticas são percebidas ao longo dos últimos anos. *“Aqui nevava neve de capucho, como se viesse uma lã aberta do céu, mas dos anos 70 pra cá foi aquecendo”*. Reconhecem aspectos importantes e específicos na conservação das diferentes paisagens, inclusive na relação com o clima. *“Toda espécie de árvore é especial para nós, mas o campo também é importante porque é uma composição da natureza. Os antepassados diziam que a grama captava muito mais o oxigênio e a umidade do que o próprio mato, porque tinha grama que dava até de um metro de altura, acamava, dava proteção”*. Apontam para a importância de uma relação de cuidado e de responsabilidade para com o planeta. *“Nós temos que cuidar, é uma responsabilidade de todo mundo”*. Visualizam formas menos destrutivas de presença humana neste mundo e consideram tudo o que a natureza oferece. *“O Sol nunca vai terminar, é uma fonte inesgotável de energia. O vento também, e não precisa prender a água”*.

Soma-se a todas estas ameaças o não cumprimento de acordos internacionais, como a Convenção da Diversidade Bio-



**“UMA ÁREA PARA  
O GUARANI VIVER  
TEM QUE TER  
MATERIAL PRA  
FAZER ARTESANATO,  
E UM LUGAR PLANO  
PRA PLANTAR,  
COM RIO. E QUE  
TENHA ANIMAIS  
NO MATO.”**



**“CADÊ A  
DEMOCRACIA QUE  
FOI TRATADA  
NA CONSTITUIÇÃO  
FEDERAL DE  
OITENTA E OITO?  
CADÊ OS DIREITOS  
IGUAIS? CADÊ  
OS DIREITOS  
HUMANOS?”**

lógica, a Convenção do Clima, a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) que dispõe sobre direitos de Povos Indígenas e Tribais. *“A OIT é uma lei muito importante, mas nós queremos que saia do papel para a prática”*. Conquistas alcançadas são constantemente ameaçadas. *“Nós conseguimos colocar na Constituição Federal de oitenta e oito os nossos direitos, mas a PEC 215 queria tirar os direitos originários”*. Percebem a violação de direitos não apenas com os Povos Indígenas, mas para com os direitos fundamentais de todas as pessoas. *“Cadê a democracia que foi tratada na Constituição Federal de oitenta e oito? Cadê os direitos iguais?”*.

Como perspectivas, defendem uma sociedade mais justa e transparente, que respeite a diversidade sociocultural, ambiental, e os direitos costumeiros. *“A gente quer um planeta melhor, despoluído, saudável, bom para vivermos, sem guerra, sem disputa”*. Possuem propostas para uma educação indígena diferenciada e para uma maior atuação de indígenas no cuidado à saúde comunitária. *“A gente quer fazer a nossa saúde aqui dentro”*. Lidam com muitas ameaças e algumas perspectivas, o que tem feito com que os Povos Indígenas desenvolvam estratégias próprias de resistência e de fortalecimento da sua identidade. *“Procuramos ficar nesse êxtase com Nhanderu, pra ter essa vitória sempre no final”*.







# POVO POMERANO

"POMERANO PENSA MUITO  
EM TRABALHAR. OS MEUS AVÓS,  
DESDE MUITO CEDO, ENSINAVAM  
A DAR VALOR PRA TERRA."







**A** relação com a terra através da agricultura e pecuária familiar diversificada caracterizam o Povo Pomerano. Desde muito cedo, acompanham mãe, pai e avós nas lidas da colônia. *"Eu cresci na zona rural. Com 10, 11 anos, arrancava batata, feijão, dava milho pras galinhas, e tudo mais"*. Além do trabalho na terra, a língua é central na identidade pomerana, tendo resistido a épocas de opressão e censura que desprezavam a diversidade cultural brasileira. As famílias seguem priorizando o uso de sua língua própria e, portanto, as crianças aprendem o pomerano em casa, muitas vezes, antes de aprender a língua portuguesa. *"Eu aprendi tarde a falar, levei mais de vinte anos a falar português bem"*. Através da oralidade, os conhecimentos são transmitidos de geração a geração. Preservam um modo de vida comunitário, em torno de valores comuns e da espiritualidade. As famílias e as comunidades desenvolveram um sentimento de proteção para se defenderem de imposições que sofreram durante os processos de diáspora e migração. *"Pra poder entrar nas casas, até convencer, não é fácil... talvez pela história de sofrimento"*.

O lugar de origem, a Pomerânia, é uma referência diretamente relacionada com a história de negação vivida pelo Povo Pomerano, e, por isso, ainda é pouco presente no relato das famílias. Há, porém, quem guarde na memória histórias contadas sobre esta região de origem e os primeiros tempos no Brasil. *"A Pomerânia, hoje, não existe mais... hoje, é na região da Polônia"*. Preservar e resgatar estas memórias tem sido de fundamental importância para o fortalecimento da identidade deste Povo. O Povo Pomerano, localizado no território da Serra dos Tapes, no RS, chegou ao Brasil, a partir do ano 1858. *"No Brasil, tem pomeranos no Rio Grande do Sul, Espírito Santo e Rondônia"*. No Rio Grande do Sul, estão mais localizados na região da Serra do Tapes, no bioma Pampa, estando presentes também em outras regiões do Estado, mas não de forma tão concentrada. *"São grupos familiares que vivem nesta região, que é bem distinta da região da Campanha"*. O Povo Pomerano teve que comprar terras para poder se manter e trabalhar, pois, quando chegaram ao Brasil, já vigorava a Lei de Terras de 1850. *"Eram terras devolutas, terras que os fazendeiros não desejavam pra produção de gado"*.



*na região Sul, e, então, foi vendida pra colonização". Conseguiram se manter na terra, mesmo tendo famílias relativamente grandes, através de muito esforço. "Não herdei terra, saí para morar de sócio, depois morei com meu cunhado numa tapera, e fui comprando terra aos poucos, trabalhando e lutando pra juntar dinheiro pra comprar essa terra de 18 hectares e meio".*

A região onde há terras do Povo Pomerano é chamada de colônia. *"Colônia, onde vivem os pomeranos, é onde não é cidade, onde um vizinho é amigo do outro, se conhecem".* Ali cultivavam milho, feijão, batata, batata-doce, abóbora, criavam galinha, porco e algumas vacas para leite. Tudo para o consumo da família. O excedente era vendido. *"A gente levava o milho no moinho, era de pedra, movido a água".* Toda a família se envolvia no cultivo da terra. *"Um ia plantando milho com pica-pau e o outro vinha com a enxada, no entrevão dos pés, plantando porongo, e então ficavam aqueles montes de porongo, nos costados, nas roças e nos banhados".* Os porongos eram usados para carregar água,



**OPERTENCIMENTO  
A UMA IGREJA  
E COMUNIDADE  
DEFINE UM  
TERRITÓRIO.**



especialmente quando se ia trabalhar na lavoura. *“Não tinha termica, aí levava a água dentro de porongo e ficava na sombra”*. Também era usado para fazer casa de passarinho, para embelezar e manter as aves por perto. *“É um modo de vida com uma relação muito intensa com as coisas da terra e com o cuidado de saber usar o que a natureza oferece”*. O uso de animais para preparar a terra para o cultivo era muito comum; mais do que junta de bois, os Pomeranos costumavam usar uma parelha de cavalos tordilhos. *“O Pomerano cuida bem do cavalo, da junta de cavalos, que representa o trabalho”*. Carroças também estavam muito presentes no seu cotidiano. Muitas pessoas se dedicavam à atividade de ferreiro, fazendo e consertando arados, ferraduras para cavalos e carroças – uma herança dos serviços prestados pelos Pomeranos na Europa Medieval. Essa atividade se mantém através de uma ou outra pessoa detentora destes saberes, embora com pouca demanda por seus serviços e conhecimentos. O uso de carroças e implementos de tração animal se mantém, porém em menor escala, pois muitas famílias utilizam tratores atualmente. A atividade principal do Povo Pomerano, do Pampa, ainda é a agricultura, entretanto, o policultivo e a criação de pequenos animais foi reduzida, quando, há algumas décadas atrás, o cultivo do fumo foi incentivado. *“Trabalhamos 36 anos com o fumo. Nossa principal atividade agora é gado de leite, pasto pras vacas, galinha, plantar pra alimentação, pra família”*. Apesar de terem ocorrido mudanças no sistema de produção nos últimos anos, importantes estratégias para permanecer na colônia são mantidas, a exemplo da conservação de sementes de variedades crioulas. *“Crioulo é mais duro, não entra bicho, o outro entra bicho”*.

As casas pomeranas são bem semelhantes entre si, com arquitetura específica. *“Tem um jeito de fazer amarramento do telhado, medindo o esforço das madeiras e colocando escoras”*. A cozinha, com fogão a lenha, era construída separada do resto da casa, evitando o risco de incêndio em toda a casa. *“Na época era fogão de tijolo, botava chapa em cima”*. As casas, com madeira talhada, têm as portas no meio e janelas dos lados. *“A cor das portas e janelas era sempre azul ou verde. Tudo que era de madeira era azul ou verde”*. As salas, grandes, eram usadas em casamentos e velórios. A pintura nas paredes internas e o tipo de móveis e sua disposição são muito particulares na cultura pomerana. *“A organização da casa, da mesa, do fogão a lenha, do calendário na parede, é tudo igual nas casas pomeranas”*.

O trabalho na lavoura tomava quase todo o tempo, o que fez com que o artesanato fosse pouco expressivo na cultura. *“Não tinha tempo para o artesanato... fazia mais quando chovia”*. Utilizavam o crochê e o bordado para confeccionar itens de



**A ATIVIDADE  
PRINCIPAL DO POVO  
POMERANO, DO  
PAMPA, AINDA É A  
AGRICULTURA.**



“...A GENTE TRABALHA COM O REGISTRO DA MEMÓRIA  
E DA HISTÓRIA, EM RELAÇÃO À COMIDA,  
MODOS DE FAZER, O TRABALHO, A VIDA RURAL, FESTAS,  
CELEBRAÇÕES, FOTOGRAFIAS...”



decoração da casa ou de uso pela família, como panos de parede e colchas. Também faziam bonecas de lã. Apesar do artesanato não ser central na identidade do Povo Pomerano, a estrela, feita de retalhos costurados, é uma referência cultural. *“A estrela foi feita para dar uso aos retalhos”*. Era deixada em determinada posição, no centro da sala, quando iam receber visita. A posição em que era deixada a estrela, demonstrava se a família estava ou não receptiva à visita. Atualmente, tornou-se símbolo representativo no movimento identitário.

A culinária é simples e diversificada. *“No café, comemos pão, bolachinha, às vezes linguiça. No meio-dia, é feijão, arroz, verdura que a gente planta, batata, pato, carne de rês. De tarde, é pão, cuca, schimia de melancia, limão com laranja e bergamota, também a Kässchimier”*. Dominam o processamento caseiro de alguns alimentos, que preparam para seu próprio consumo, a exemplo da linguiça defumada. *“Põe fogo embaixo e deixa a fumaça pegar na linguiça e no toicinho”*. O pêssego é colocado no sol para fazer doce, ou para preparar arroz com pêssego desidratado. *“O milho pra farinha era misturado com batata-doce porque o pão ficava mais macio”*. A farinha de milho ainda é utilizada – porém, não é mais processada em moinhos de pedra movidos a água –, tendo sido incorporada a farinha de trigo. *“Eu faço pão em forno que fica do lado de fora de casa, o pão é mais gostoso”*. Plantavam também para o consumo dos animais. *“Fazíamos canjica, dava para os animais, a gente tratava com sabugo, quirela”*.

Utilizam-se ainda hoje da medicina tradicional, especialmente, chás e xaropes. *“Fazemos chá de guaco, de folha de laranjeira, xarope de laranja com folha de limão”*. O uso de uma diversidade de remédios caseiros permanece na memória. *“Fazia xarope também com o fruto do gravatá”*. Também os animais são tratados com ervas. *“Para os terneiros, usamos chá de macela... também a folha de goiaba pra diarreia”*. Benzedeiras pomeranas ainda são referência, inclusive para a população não pomerana, já que atende a todas as pessoas, sem diferenciação. Através do dom e da fé, benzem quebrante, vermelhidão com feridas, insolação, sapinho, dentre outros males. O contato e a relação direta com a terra, a água e as plantas – possibilitados pelo convívio no meio rural – promovem um ambiente calmo, considerado importante para o benzimento. Antigamente, parteiras pomeranas eram bastante procuradas.

Apesar de uma vida com muito trabalho, havia tempo reservado para encontros, trocas e festividades, onde pratos típicos, músicas e danças tradicionais estavam sempre presentes.



"O MILHO PRA  
FARINHA ERA  
MISTURADO COM  
BATATA-DOCE  
PORQUE O PÃO  
FICAVA MAIS  
MACIO."

*"Antigamente, fazíamos sopa na lata, a dança das cozinheiras... Era uma festa... os músicos vinham...".* Acontecem diversas festas pomeranas, brincadeiras e jogos – a exemplo da Penca de Carreira –, que são relatados com detalhes pelas pessoas mais antigas. As festas familiares e os ritos de passagem – especialmente, batizados, confirmações e casamentos – ocorrem como uma forma de celebração da vida. A festa de casamento é organizada pela família e dura três dias, com diversos momentos que demarcam a passagem para a vida em comunidade.

A forma organizativa das comunidades pomeranas orienta-se de acordo com a sua religião: Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), Igreja Evangélica Livre (IL) e a Igreja Evangélica Luterana Independente (IELI). *"Nós temos as Igrejas Livres, as Independentes, temos as Sinodais. Temos pastores escolhidos pela comunidade e temos pastores formados. E isso tem uma diferença, são coisas distintas".* Esta forma de vivenciar a espiritualidade tem origem na autonomia das comunidades da Pomerânia antes da influência e imposição germânica iniciada no século XI. *"Eram comunidades consideradas pagãs, ditas assim porque eram*





*dos 'pagos', eram livres, tinham uma religiosidade própria e foram convertidas ao cristianismo".* Entretanto, ainda hoje muitas pessoas têm dificuldade de se identificar com uma ou outra instituição religiosa. *"Muitos pomeranos, do ponto de vista de tradição, de religiosidade, se negam a fazer parte de qualquer rótulo"*. Quando há esta identificação, ela envolve todas as pessoas da família, que procuram estar vinculadas à mesma Igreja. *"É comum trocar para a Igreja do marido quando se casa. Uma exceção é quando casam na Igreja da esposa, aí o marido vai para a Igreja da esposa e mora na comunidade dela"*. O pertencimento a uma igreja e comunidade define um território, mais simbólico do que geográfico, pois em uma mesma localidade pode haver mais de uma igreja e, portanto, mais de uma comunidade religiosa e organizativa. Próximo às igrejas, estão os cemitérios. Os mais antigos têm os túmulos de costas para a estrada, pois acreditavam que assim se evitaria qualquer vontade, por parte das pessoas falecidas, de retornar a este mundo. Crenças e rituais tradicionais do Povo Pomerano foram mantidos através



da memória, mas também foram ressignificados e continuam presentes na sua vida espiritual.

A língua pomerana está presente na vida cotidiana. Muitas pessoas da região falam o pomerano, o hunsrückisch e o português. O hunsrückisch é uma variante do alemão, na região chamada de 'alemão fino'. Atualmente, a língua pomerana continua sendo aprendida no cotidiano familiar, desde a primeira infância. *"Lembro que eu cantava uma canção em pomerano quando eu nanava as crianças"*. Em geral, as famílias preferem que as crianças aprendam o pomerano primeiro, pois aprenderão o português na escola. *"As crianças pomeranas têm o costume de falar só pomerano em casa"*. É um idioma prioritariamente oral, tendo a sua escrita e seu estudo linguístico sido propostos apenas recentemente, os quais têm sido adotados por algumas escolas. *"Escrever em pomerano a gente não escreve"*. Este fato contribuiu para a consolidação da língua alemã e portuguesa em detrimento da língua pomerana. *"Como não tinha escrita antes, os materiais eram em alemão"*. Embora a língua e a oralidade sejam centrais na identidade do Povo Pomerano, nem todas as pessoas falam o pomerano, resultado de um processo de opressão e proibição, inclusive nas escolas públicas onde, a partir de 1938, o português tornou-se a língua oficial. Para manter sua identidade, o Povo Pomerano teve que falar sua



**"NÓS ESTAMOS  
IMPLEMENTANDO  
UMA POLÍTICA  
BILÍNGUE.  
DENTRO DE  
LITERATURA E  
EXPRESSÃO, A  
GENTE INSERIU  
A LÍNGUA  
POMERANA."**



**“A ESTRELA FOI  
FEITA PARA DAR  
USO AOS RETALHOS.  
ATUALMENTE,  
TORNOU-SE  
SÍMBOLO  
REPRESENTATIVO  
NO MOVIMENTO  
IDENTITÁRIO.”**

língua de forma escondida em determinada época da história, assumindo características e comportamentos com os quais não se identificavam. *“Às vezes, a gente falava alemão fino, mas não era a nossa língua”*. O receio em falar livremente em pomerano esteve presente até recentemente. *“Tinha muito preconceito, então a gente não falava mais, tinha vergonha”*. Em meio a tantas opressões e dificuldades, a resistência pomerana conseguiu manter, ao longo das gerações, um dos seus principais valores. *“O que caracteriza o nosso povo é a língua... Perder o pomerano seria uma tragédia”*.

Atualmente, há um movimento de reconhecimento e valorização dos saberes e fazeres deste Povo, dentre eles, a língua. *“Porque não era para falar em pomerano, e agora está mudando, estão incentivando”*. As escolas são espaços fundamentais para a implementação de projetos e ações que valorizem a identidade pomerana e a diversidade sociocultural. *“Na nossa escola, somos 26 professoras e 250 estudantes, e 98% da escola são pomeranos”*. No contexto atual, ser Povo Pomerano não significa necessariamente ser falante da língua pomerana. Uma das estratégias que vem sendo adotada é o acolhimento das crianças nas séries iniciais por aquelas professoras que falam pomerano. *“Os alunos*

*vinham só falando pomerano e se era uma professora que não soubesse falar o que eles falavam, não tinha diálogo, não tinha ensino, dava uma choradeira*". Outra estratégia é o ensino da língua oral e escrita. *"Nós estamos implementando uma política bilíngue. Dentro de literatura e expressão, a gente inseriu a língua pomerana"*. Além da valorização do idioma, outros aspectos da sua cultura que correm o risco do esquecimento devido ao contínuo processo de negação têm sido resgatados e fomentados pelas escolas. *"O projeto principal da escola se chama PomerVida, dar vida à cultura pomerana. Anualmente, acontece um evento temático. Os pais vêm e participam do evento referente à sua identidade, à sua cultura"*.

A identidade pomerana, aos poucos, passa a ser percebida e valorizada nos contextos rurais e urbanos. *"Agora, nas lojas, farmácias, estão pedindo quem fala pomerano porque tem muita idosa que só fala pomerano"*. O trabalho realizado por educadoras e educadores em algumas escolas tem demonstrado a necessidade de reconhecimento do Povo Pomerano, respeito à sua língua, seus costumes e modo de vida por parte do Poder Público, bem como a necessidade de ampliar o trabalho junto às demais escolas. Olhar para outros Povos e Comunidades Tradicionais tem sido um importante desafio neste processo de reconstrução da sua identidade, percebendo as demais culturas que integram a sociodiversidade do bioma Pampa. *"Temos a preocupação de não enfatizar só pomerano na escola, pra conhecer e valorizar outras culturas. Os quilombolas são muito antigos aqui"*. Um exemplo foi o I Seminário Estudantil de Comunidades Tradicionais, realizado pela rede municipal de ensino de São Lourenço do Sul, em 2016.

Também iniciado por escolas, com envolvimento da comunidade escolar, foi o registro coletivo da memória e a visibilidade da cultura pomerana, através de diferentes estratégias, entre elas, a de um museu, inicialmente itinerante. *"Desde 2008, a gente trabalha com o registro da memória e da história, em relação à comida, modos de fazer, o trabalho, a vida rural, festas, celebrações, fotografias..."*. Professoras pomeranas consideram o conjunto das ações que estão sendo realizadas fundamentais para o fortalecimento desta identidade. *"É importante para a autoestima, passam a se reconhecer e se valorizar"*.

O modo de vida de grande parte do Povo Pomerano está atualmente ameaçado pelo modelo de desenvolvimento do meio rural, baseado no incentivo ao agronegócio, em especial, o cultivo do fumo, com alto uso de agrotóxicos e adubos químicos. *"De 1995 pra cá, entrou fortemente o tabaco nessa região, aí a família fica dependendo da empresa que financia a produção, compra o produto e paga quando quer"*. O Povo Pomerano e seu modo de vida, baseado na diversificação de cultivos e criações para subsistência e para gerar alguma renda, não foi considerado em programas e políticas de governos. *"Nunca teve uma política pra produção de hortifrutigranjeiros, que é o que costumamos plantar... feijão, abóbora, batata... aí, a empresa chegou... então, cada pedacinho de terra que dava pra plantar fumo era plantado, isso causou muito desmatamento também"*. É um trabalho muito exigente em termos de mão de obra, envolvendo praticamente todas as pessoas da família durante todo o ano, sobrando pouco tempo para outras atividades na propriedade. *"O trabalho no fumo é todo manual, no máximo, o trator pra transportar"*. A agricultura e a pecuária realizadas pelo



Povo Pomerano guardam, além de conhecimentos e técnicas específicas, estratégias de soberania e segurança alimentar que foram e estão sendo ameaçadas pelo agrogócio. *“Antigamente, a gente plantava arroz, quando os filhos eram pequenos, mas foi ficando pra trás”.*

Outro desafio enfrentado tem sido o envelhecimento das famílias e a falta de sucessão nas propriedades. *“Os jovens estão indo tudo pra cidade... Daqui 5, 6 anos, a colônia vai quebrar”.* Acreditam que a globalização cultural e a influência do mundo urbano fazem com que a juventude não se interesse mais pelo mundo rural, pela terra. *“Antigamente, os pais ensinavam a trabalhar, os mais novos ficavam na terra e os mais velhos saíam”.* Esta situação também é considerada consequência da falta de políticas públicas adequadas. *“Acho que estão indo embora porque os políticos estão dando pouca atenção para a colônia”.*

Além de todas estas dificuldades, há ainda a ameaça da contaminação do patrimônio genético, selecionado e mantido por gerações, devido à introdução de transgênicos na região. *“Antigamente, não existia o milho híbrido. O crioulo dava mais.”*



*Agora, está entrando milho transgênico... vai sumir o crioulo!". Outra ameaça, inclusive à manutenção de raças e variedades crioulas, diz respeito às mudanças ocorridas no microclima. "Neste ano, não deu feijão nem batata por causa da chuva. A nossa semente de batata terminou, e essa comprada tem que usar veneno, se não, não produz".*

O Povo Pomerano, atualmente, vive um processo de conhecer e compreender sua história, valorizar e ressignificar sua própria identidade, que está diretamente vinculada à terra, à natureza. Entretanto, o contexto de inúmeros desafios traz muitas preocupações, inclusive em torno da manutenção dos principais valores deste Povo: a língua, a terra e o território. Espaços de diálogo, reflexões e articulações para o fortalecimento da identidade pomerana vêm sendo criados na região do Pampa, nos últimos anos. Um destes espaços é a Associação PomerSul, que integra o PomerBR, articulação nacional. "O PomerBR é o Encontro Nacional dos Pomeranos que tem anualmente".

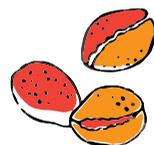


**"MUITAS PESSOAS  
SE DEDICAVAM  
À ATIVIDADE DE  
FERREIRO, FAZENDO  
E CONSERTANDO  
ARADOS, FERRADURAS  
PARA CAVALOS  
E CARROÇAS."**



# POVO DE TERREIRO

“NÓS CULTUAMOS OS ORIXÁS,  
OS ELEMENTOS DA NATUREZA:  
A TERRA, AS PEDRAS, A ÁGUA, O AR,  
O MATO. A NATUREZA PRA NÓS  
É O MAIS IMPORTANTE.”





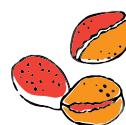


**O** modo de ser e a visão de mundo do Povo de Terreiro está para além da prática religiosa afrodescendente. *“Hoje a gente não quer ser mais tratado como religião, mas sim como Povo”*. Identificar-se como Povo de Terreiro pressupõe uma forma de organização e relações sociais e culturais próprias. *“A gente se entende como ser coletivo e o terreiro como uma grande família, de cuidado mútuo”*. A solidariedade e o acolhimento são fortes características do Povo de Terreiro. O respeito aos seus ancestrais, às pessoas mais velhas, às histórias e aos valores transmitidos através da oralidade são valores essenciais. *“Cultuamos a ancestralidade, a memória de pai pra filho, de orelha a orelha, de boca em boca, os contos dos mais velhos para os mais novos”*. Percebem-se como seres intrínsecos à natureza. *“Somos iguais à areia, igual à folha, igual à pedra, porque foi o mesmo princípio que nos criou”*. É neste conjunto de valores e concepções que se deve considerar a religião afrodescendente das diversas nações que predominam nos terreiros do bioma Pampa, seja Jêje, Ijexá, Oyó, Cabinda, Nagô ou Umbanda, e das demais nações e linhas praticadas. São os terreiros – onde expressões culturais, saberes e modos de fazer se expressam, inclusive em ações concretas de cuidado emocional e espiritual – que possibilitam a inclusão de grande parte da população brasileira, em um espaço de acolhimento e solidariedade. *“Terreiro é pé no chão, é praticar, é vivenciar”*.

Reconhecer-se como Povo de Terreiro é também um processo de reflexão sobre a formação da sociedade brasileira, sobre os processos históricos e como estes foram vivenciados pela população afrodescendente, a partir da história de sua própria ancestralidade. *“Para além de ser de terreiro, tem uma questão racial muito forte que passa por várias questões históricas no Brasil inteiro”*. É um processo que possibilita redescobrir-se, reconstruindo a própria história e identidade. *“Minha família é de negros e eu não sabia disso, eu pensava que eu era branco”*. Processo que permite perceber um racismo naturalizado, ainda muito presente e cruel. *“Antes eu tinha a ideia de que ser negra era pra trabalhar em casa de família”*. Um processo que passa por ressignificações e pela autoafirmação da identidade. *“Me reconheço como batuqueira, sou de religião afro”*.



*“No batuque, nós vamos dançar, cantar as rezas dos nossos Orixás, contemplar, agradecer, nós somos batuqueiros por causa do som do tambor, dos tamboreiros ou alabês”. Terreiro é pura expressão cultural. É ali que se mantém vivo o idioma Yorubá, principalmente através dos cânticos, preservados apenas na memória. “Todo esse processo de identidade está ali dentro dos terreiros”. São também chamados de Ylê. “Ylê é casa. Alguns terreiros preferem o nome de Reino, Templo. Casas de Umbanda às vezes usam os termos Tendas ou Searas”. Os ritos são, em geral, à noite, como no passado, pois era o momento em que o povo negro escravizado conseguia, de forma velada, expressar sua cultura. “Cada casa tem um rito, porque cada um veio de um povo diferente”. A diversidade de ritos expressa a diversidade das culturas africanas originárias, embora mantendo valores em comum. “Os escravos que vieram cultuavam Jêje, Oyó, Cabinda, que são nações da África, então cada um veio com o seu costume e aí com a mistura surgiu a Nação que foi criada no Rio Grande do Sul”. A Nação também é conhecida como Batuque.*



**“AXÉ É A  
ENERGIA DOS  
ORIXÁS PRESENTE  
NAQUELE SER  
OU OBJETO.”**



Os ensinamentos são heranças transmitidas das pessoas mais velhas para as mais novas, envolvendo valores carregados de fé e respeito. *"Minha ancestralidade vem de filha de negra escravizada, que fez a passagem em 1935 e que foi iniciadora dessa senhora que foi a iniciadora da minha primeira Mãe de Santo, e que, em 1988, me iniciou para o Orixá Oxum, no terreiro da minha Nação"*. Cultos, ritos, reverências e homenagens à ancestralidade demonstram o quanto foram importantes e se mantêm na memória coletiva. *"A gente tem uma família religiosa, e é em nome dela que a gente tem que se comportar, levar sempre o nome daqueles antepassados e dos atuais também"*. Tornar-se Mãe de Santo ou Yalorixá, Pai de Santo ou Babalorixá é assumir responsabilidades: tem que zelar pelos Orixás dos Filhos de Santo, que vão ao terreiro para se desenvolver. *"Eu não queria me comprometer com a responsabilidade da vida de outros, mas eu fui encaminhado pra isso, meu Pai me passou todos os preceitos, me pregou todos os Orixás, eu abri este terreiro e esta casa está fazendo 10 anos"*. Os processos são diferentes e para algumas pessoas tornar-se um Baba ou Yá é o despertar de um dom genuíno, que requer igualmente muito tempo e muito preparo. *"Fui fazendo os aprontes, as obrigações, os batuques, fui conhecendo, aí comecei, fui fazendo reuniões, o pessoal foi demandando... meu dom, meu axé"*. Pressupõe também coerência com valores e princípios dentro e fora do terreiro. *"Tem que ser Pai de Santo 24 horas por dia, tem que ter um comportamento"*.

Axé é a energia dos Orixás presente naquele ser ou objeto. *"Toda pessoa quando tá no ventre, ela já tem o Orixá que cuida, aí a pessoa nasce, dependendo da vida que a pessoa leva, dependendo da religião, dependendo da família, em alguma época da vida vai aflorar ou não"*. Há várias formas de aflorar e isso pode acontecer em diferentes épocas da vida da pessoa. *"Se ganhou o axé quando pequeno, pode passar o axé, nasce com o dom, que é percebido pelos mais antigos que o vão preparando"*. Em geral, faz parte de uma busca constante. *"Axé é tudo aquilo que tu vai aprendendo, que tem permissão pra fazer, pra falar, limpar. Pra adquirir isso, precisa ter conhecimento, respeito e aí o Orixá vai aflorar"*.

É o Orixá quem manda no Ori. *"Ori é cabeça, que é onde habita a nossa divindade. Onde habitam os nossos Orixás"*. Por isso a cabeça requer cuidados. *"Cobrir a cabeça é um costume, um cuidado. O Ori é a entrada, a comunicação com os espíritos, porque tu tem Orixá pronto na cabeça, no seu Ori"*. A Mãe ou o Pai de Santo sabe como entrar em contato com o Orixá que permite àquela pessoa ter equilíbrio emocional, e sabe como falar com esse Orixá, como entrar em contato com a vibração dele, como agradá-lo, como fazer com que ele possibilite àquela pessoa ter crescimento espiritual, emocional, equilíbrio, felicidade, emprego, saúde.

*"E se eu ficar em dúvida, antes de eu passar aquele recado eu vou olhar nos búzios". Também consultam os Orixás através dos búzios. "É uma forma de comunicação deles comigo, porque a gente recebeu o Orunmilá, o olho da visão, e o assentamento é o que dá a força, a minha proteção, a minha certeza. A minha sabedoria também". No assentamento se encontra o okutá, uma determinada pedra, onde está o axé, a energia do Orixá. "Cada okutá tem um formato relacionado com um Orixá".*

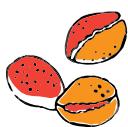
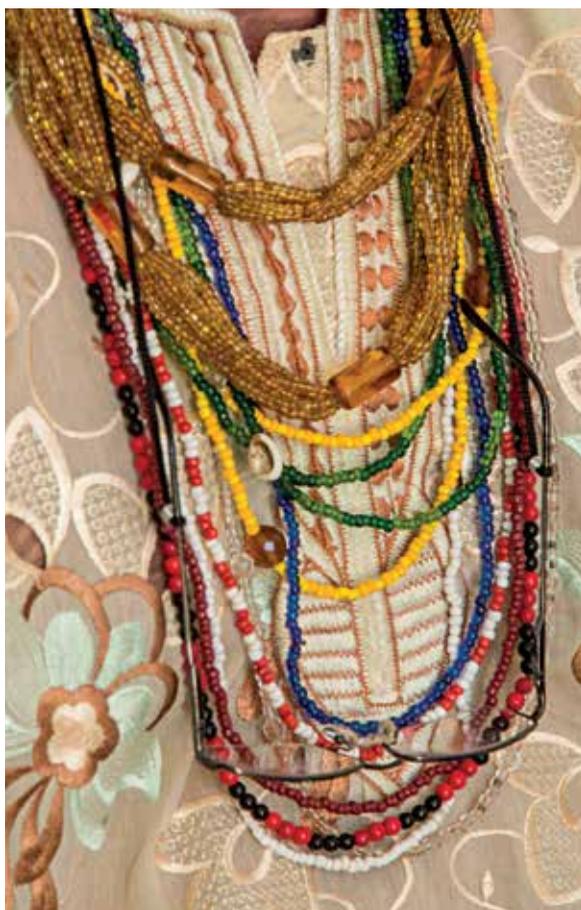
Além das pedras, as plantas têm significado muito importante para o Povo de Terreiro. *"Sem as ervas não existe axé, o axé está dentro das ervas". Cada planta guarda relação com um Orixá através de suas características. "Se ela é doce ou amarga, as rosas, os elementos perfumados, as ervas que são mais aromáticas e mais suculentas. Por exemplo, a que retém mais água está associada com os Orixás de água". São dados diversos usos para estas plantas: algumas são usadas em rituais, outras para processos terapêuticos, na alimentação e com usos múltiplos. "As palmeiras são importantes pro culto e para o cuidar". Algumas são consideradas de presença fundamental nos terreiros. "Orô é uma folha amarga que a gente toma o chá e é uma planta litúrgica. Todo terreiro tem que ter orô". Vários tipos de plantas são utilizados, como arruda, guiné, alecrim, erva cheirosa, malva, espada de São Jorge, espada de Santa Bárbara, figueira, mamoneira, bananeira, palmeira, pitangueira, marmeleiro, laranjeira, bergamoteira, cinamomo, dentre outras. "Para fazer um banho, pra fazer uma iniciação, a gente precisa das ervas". Possuem o conhecimento sobre como colher, preparar e utilizar cada planta. "Tem horário pra colher uma folha. Se tu arrancar de qualquer jeito, ela já não vai vir com a energia que tu quer. Quando a folha vem com orvalho, ela tá com outro princípio ativo". O uso de plantas é, portanto, um resgate de saberes e práticas ancestrais, que incluem práticas de cuidado. "A gente cuida a partir de uma terapêutica de ervas, de folhas. São consagradas, cada uma é uma divindade. É um processo característico de terreiro".*

A medicina tradicional, portanto, é intensamente praticada pelo Povo de Terreiro. *"A gente vai fazendo esse resgate pra valorizar a medicina que foi dos meus avós e dos antepassados deles e que até então funcionou". Trata-se de um olhar integral para o ser humano. "A gente não fala em cura. A gente fala em cuidado. Se esse cuidado chegar à cura, que maravilha!" Muitas pessoas, entretanto, relatam processos de cura. "Consegui me salvar por Deus e pelo pai Oxalá". O Terreiro funciona como um posto de saúde para as pessoas que procuram ajuda, em geral, espiritual e emocional. "A cura começa dentro da vontade de cada um, vem sempre de uma questão energética, eu preciso pedir que essa cura aconteça". Não se trata de negar outras práticas medicinais, mas de complementar quando for o caso.*



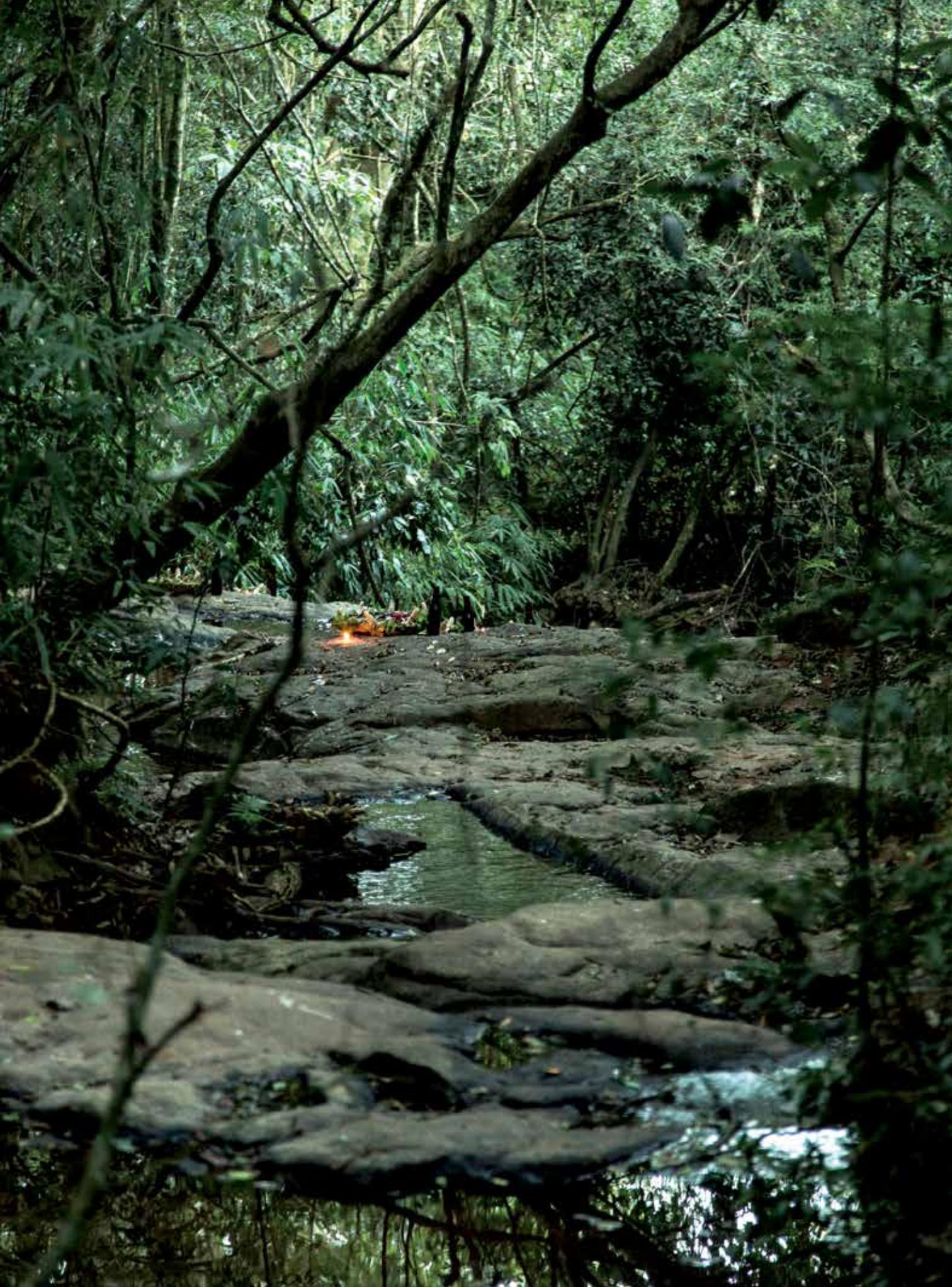


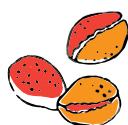
**A EDUCAÇÃO ESCOLAR NÃO  
DIALOGA COM PRINCÍPIOS E VALORES  
PRÓPRIOS DO POVO DE TERREIRO.**



**"A GENTE TEM  
QUE CUIDAR  
A ÁGUA PORQUE  
AS NOSSAS  
OFERENDAS VÃO ALI.  
SE A GENTE  
MATAR A ÁGUA,  
MATA O ORIXÁ."**

*"Trabalhamos com uma questão associativa, com práticas terapêuticas que não venham fazer choque com medicamentos... a gente consulta pra ver uma erva, um chá, um banho". Às vezes, alguns distúrbios físicos ou mentais que são de difícil diagnóstico na medicina convencional, para o Povo de Terreiro, são sinais ou manifestações de espiritualidade. Nos Terreiros, o que se busca são processos de cuidado mais abrangentes. "O que a gente faz é uma reposição energética de alguns elementos dos corpos físicos, mentais e espirituais que a pessoa tem, então por isso que a fumaça representa, o perfume representa, que o aroma das ervas representam, as pessoas vêm pra fazer um processo". A cosmovisão do Povo de Terreiro dá sentido à sua medicina tradicional. A terapêutica dos terreiros está contida nos rituais, nas folhas, nos banhos, nas comidas de santo. "É um processo que a gente manda para o Orum que é o nosso espaço, onde vivem todos os nossos ancestrais, nossos Orixás, tudo aquilo que nós acreditamos ser sagrado, então nós somos catalisadores e movemos um processo onde pedimos ao Orixá que ele interceda para a gente, que ele peça a Olodum Maré Olorum,*





**TERREIRO  
É PURA  
EXPRESSÃO  
CULTURAL.**

que é o nosso único Deus, e tem os seus mensageiros". Em alguns terreiros há também a prática do benzimento. *"Pra benzer tem que receber o dom. Limpar é diferente de benzer"*.

Além das práticas terapêuticas, há outras formas de cuidado e proteção. *"A gente lida com uma série de energias do planeta, da vida, das coisas que vêm da superfície da Terra e que a gente está ali à mercê delas. Então, a gente tem um monte de coisas que nos protegem de tudo isso"*. A alimentação é uma delas. *"A questão da alimentação é uma das que mais cuidamos. O sacerdote, o religioso é que nos diz qual a restrição alimentar, a mais comum é arroz com galinha"*. Há também muitos alimentos com valor cultural importante para o Povo de Terreiro, além do seu valor nutricional. É o alimento que mantém a vida, e esse alimento provém da terra. *"Só quem pode curar todas as mazelas, todas as doenças, é a própria terra, é a relação que a gente tem com a essência da vida, da natureza"*. A relação com a água também é uma relação com o sagrado. *"A gente se banha com Oxum enquanto a gente toma água."*



*A gente tá bebendo Oxum". Todos os elementos da natureza, entretanto, têm relação com o sagrado, oferecendo proteção ou orientação. "A gente cultua os elementos da natureza: terra, fogo, ar e água".*

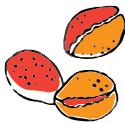
A presença de todos os elementos da natureza é imprescindível em territórios tradicionais de Matriz Africana, mesmo naqueles localizados em área urbana. *"A maioria dos terreiros é urbano, a gente não tem acesso à terra, é muito raro ter um terreiro no meio rural, seria o ideal".* A inserção dos terreiros, entretanto, se dá nas periferias e no centro das cidades, regiões onde os Terreiros conseguiram se manter e onde está grande parte dos filhos de Terreiro. *"Povo de Terreiro é um povo que trabalha, que tá inserido nesta sociedade".* Portanto, espaços, mesmo que mínimos, em áreas urbanas ou mesmo rurais, que tenham determinadas características, podem ser considerados sagrados para o Povo de Terreiro. Cada Orixá ou Santo – no sincretismo – possui um domínio: água doce, água salgada, praia, mata, pedreira, morro com pedras, encruzilhada, locais onde são feitas oferendas, despachados presentes, agradecimentos e pedidos.



**"SEM AS ERVAS  
NÃO EXISTE  
AXÉ, O AXÉ ESTÁ  
DENTRO DAS  
ERVAS."**

A relação com divindades – Orixás – e entidades da Umbanda – mensageiros, protetores ou guias espirituais que são espíritos ancestrais como Preto velho, Caboclo, Cigano, dentre outros –, requer espaços apropriados. *“Tudo o que a gente agradece tem seus rituais, seus locais”*. Há ainda paisagens e ambientes específicos que guardam sua singularidade e importância. *“O coqueiro Jerivá é do Pai Odé, de São Sebastião, é onde eu despacho pra Odé”*. Além da existência destes espaços no território tradicional, é necessário que o Povo de Terreiro possa transitar e fazer seus rituais ali. *“A gente usa muito as pedras, que a gente chama de Otá, que é como se fosse a representação do Orixá, a gente precisa da mata pra tirar algumas plantas, ervas, pra fazer banho de descarrego, banho de energização... O mato, a árvore, a natureza é a representação do Orixá”*. O território tradicional, em geral, não é geograficamente contínuo, tendo em vista as dinâmicas sociais e econômicas dos centros urbanos. É simbolicamente constituído, orientado por princípios e valores ancestrais. O Povo de Terreiro identifica esse território pelo seu uso costumeiro ou pelas características específicas. Através da sua sensibilidade, identifica ali um lugar de axé, um lugar de Orixás. *“Quando a gente vai lá no mar, a gente renova a alma porque lemanjá é essa mulher que pariu o mundo e todo aquele oceano representa lemanjá”*.

O território tradicional do Povo de Terreiro inclui áreas urbanas de uso público ou restrito, para além dos Terreiros. *“No centro do Mercado Público, em Porto Alegre, existe um local em que a gente passa e faz reverência ao Bará Lodê. Foi ali que o Príncipe Custódio, quando veio da África, plantou o axé deste Orixá, é muito forte esse lugar, e é uma referência desconhecida das pessoas de Porto Alegre”*. Outro exemplo é o Cais do Porto, antiga Doca dos Bombeiros. *“Quando a gente faz o processo inicial, a gente fica 16 dias recolhido. Quando passa esse período, a gente faz um processo de ressocialização através do rito que a gente chama de ‘passeio’. Sai aquele povo todo de branco, vai até o Mercado Público reverenciar o Bará, e vai na Doca dos Bombeiros que é onde chegava o nosso povo escravizado, e que tem relação com a divindade da água: Oxum, lemanjá, Oxalá”*. Assim como estes espaços na capital do Estado são considerados patrimônio do Povo de Terreiro, há também espaços importantes nos municípios do bioma Pampa, no interior do Estado. Consideram também espaços de direito para expressão da sua cultura, cosmologia e religiosidade, locais como hospitais e cemitérios. *“Na hora que vai enterrar, tem que ter os cânticos, tem que ter tambor”*. Encontram, porém, ainda hoje, dificuldades para acessar estes locais e exercer seus direitos. *“Têm pessoas que não sabem nem que a gente é defendido por lei”*.



“O COQUEIRO  
JERIVÁ É DO PAI  
ODÉ, DE SÃO  
SEBASTIÃO,  
É ONDE EU  
DESPACHO  
PRA ODÉ.”

Dentre os desafios postos ao Povo de Terreiro, a grande maioria é relacionada ao racismo e à intolerância religiosa, enfrentados desde o século XVI, e ainda muito presente nos dias atuais. *“A escravidão*

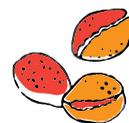




foi um processo de roubo, de assalto ao continente africano, de abstração dos nossos grandes sábios africanos do processo de construção de conhecimento. Tudo isso foi estratégico. Por isso que a gente diz que o racismo é estruturado. Ele não é algo inocente, subjetivo. Não, ele tem objetivo, ele faz a gente se negar”. Os Terreiros, símbolos de resistência do povo negro, além de espaço de cultos e axés, vêm tornando-se, cada vez mais, espaços também de reflexão e empoderamento. “Aos poucos, começamos a entender que não podíamos ter vergonha da própria origem, da ancestralidade, num processo de resistência”. Além da crescente autoafirmação da identidade, há também um movimento pela valorização da função social dos Terreiros. Este processo de empoderamento, porém, tem lidado com a invisibilidade do Povo de Terreiro no sul do Brasil. “O estado do Rio Grande do Sul tem o maior número de terreiros do Brasil: mais de 65 mil terreiros. É o Estado em que as pessoas mais se autodeclaram de Terreiro”. A presença ainda subestimada nos dados oficiais, o preconceito e a forma de abordar a identidade e a sociodiversidade ainda mantêm a invisibilidade deste Povo. “A maioria das pessoas se declara católica ou escolhe o item ‘outros’ na autodeclaração feita pelo IBGE, porque não tem o item ‘Povo de Terreiro’”.

O desconhecimento, o desrespeito e a intolerância em relação às religiões de matriz Africana também estão muito presentes. “As pessoas têm uma visão periférica da religião e os gestores públicos também, por falta de conhecimento”. O Povo de Terreiro respeita a liberdade religiosa, porém, em geral, não recebe o mesmo respeito. “A casa, o nosso Ilê é aberto pra qualquer pessoa, agora, se vai a Mãe de Santo em uma casa ou Igreja de outra religião, vai ser totalmente demonizada”. Atitudes de autoafirmação tendem a promover reflexões junto à sociedade e ao Poder Público. “Sair paramentado na rua com a minha identidade religiosa é importante também”. Outra forma de promover reflexões é através de abordagens em escolas. “As palestras não são voltadas para a pregação da religião, mas para a educação da cultura afro-religiosa. Falar sobre o Orixá, sobre a cultura do negro, como ele veio, como ele resistiu esses 500 anos dentro da história, é informação”. Quando há oportunidade, promovem diálogos que contribuem para a construção de uma sociedade mais respeitosa. “Hoje, nossas discussões superam etnia e cor da pele. Makota Valdina que é irmã mais velha, mãe pequena, da Bahia, diz assim: ‘Minha luta não é para que me tolerem e sim para que me respeitem’. É exatamente isso que a gente faz”.

A organização social e política do Povo de Terreiro ocorre em vários níveis. “Todos os terreiros têm suas organizações. Enquanto Povo de Terreiro, povo que trabalha com a religião afro, a gente tem necessidade de ter um grupo pra quando tu precisar, alguém pra ir junto contigo pra te defender. Também é uma prova que você



CULTOS, RITOS,  
REVERÊNCIAS  
E HOMENAGENS  
À ANCESTRALIDADE  
DEMONSTRAM  
O QUANTO FORAM  
IMPORTANTES  
E SE MANTÊM  
NA MEMÓRIA  
COLETIVA.



“SOMOS IGUAIS À AREIA,  
IGUAL À FOLHA, IGUAL À  
PEDRA, PORQUE FOI O MESMO  
PRINCÍPIO QUE NOS CRIOU.”

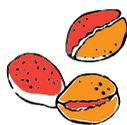


*existe, que presta serviço à comunidade". Estas organizações são importantes também em processos de discussão e construção de políticas públicas, bem como no acesso a estas políticas. "Já existe um povo reunido, tomando consciência dos espaços, tomando consciência das políticas públicas, como acessar, como utilizar essas ferramentas dentro dos Terreiros". A participação em espaços políticos como o Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea) possibilita a articulação e a inserção em políticas públicas relacionadas à alimentação de Povos de Terreiro.*

Conselhos municipais vêm se constituindo em vários municípios, orientados pela atuação do Conselho Estadual do Povo de Terreiro. *"Uma das lutas do Conselho Estadual é o combate à intolerância religiosa e uma luta pelos direitos humanos, direitos negros, direitos do Terreiro de se articular como uma instituição com uma função social, política e também religiosa na vida dos seus associados, na sua comunidade".*

Um desses direitos é o de acesso aos territórios tradicionais de matriz Africana, locais reconhecidos pelo Povo de Terreiro e que mantêm elementos importantes para sua identidade, seus cultos e suas práticas. *"Nós temos problemas hoje com o acesso à terra. Tem gente que tem suas ervas nos vasilhos".* A expansão urbana, dentre outros fatores, ameaça estes já pequenos territórios, em geral, localizados onde atualmente é área urbana. *"Antes tinha mata, quando vim pra cá era tudo junco. Foram tirando as matas".* Ambientes tradicionalmente utilizados, próximo às cidades, sofrem influência de atividades poluidoras e degradantes. *"Têm partes ali perto do rio que têm muito desmatamento, e tiram areia pra vender. Esse desequilíbrio impacta tudo, até os Povos de Terreiro".* Fenômenos climáticos são a representação dos Orixás, porém diferenciam esta manifestação de desequilíbrios ambientais causados por atividades impactantes. *"A gente sabe quando um Orixá se demonstra pra gente, mas no caso das mudanças climáticas, tem coisas que é o próprio ser humano que tá destruindo a natureza".* Atualmente, para terem o direito ao uso do território, com características ainda preservadas, a organização e a persistência são fundamentais. *"Estamos brigando pra manter esse espaço que é sagrado, que é um espaço identificado como território de religião de matriz Africana. Nós estamos ocupando aqui há quase 10 anos para poder usar e cuidar".*

O cuidado com o território e com todos os elementos da natureza é intrínseco ao Povo de Terreiro. *"A gente tem que cuidar a água porque as nossas oferendas vão ali. Se a gente matar a água, mata o Orixá".* Portanto, há formas de se relacionar com este território sagrado. *"Eu tenho que saber o que eu posso fazer, a gente tem as nossas regras, não é chegar e fazer tudo que quer, deixar*



**“ENQUANTO AQUI  
NO TERREIRO EU  
DIGO PARA AS  
CRIANÇAS QUE  
TUDO TEM QUE  
SER DIVIDIDO,  
ALI FORA O QUE  
PREDOMINA É O  
INDIVIDUALISMO.”**

*bagunçado, sujar a praia, deixar plástico, não pode”. Reconhecem a necessidade de mudanças, porém com base em uma visão integral. “Nós precisamos mudar algumas questões que envolvem política pública e saúde do Terreiro. A questão ambiental não está isolada”. A relação com a biodiversidade e com o bioma pode estar adormecida, mas muito viva nos Terreiros do Pampa. “Tem serviço que tem que largar no junco verde, tem banho de descarrego com plantas do mato... mas não tem o mato, plantas sagradas como a pitangueira não têm mais. A gente precisa recuperar inclusive a consciência de muitos Terreiros sobre essa relação com a biodiversidade”.*

*“Parte dessa região gaúcha eram imensos campos com latifúndios onde predominavam charqueadas. Isso impossibilitava que os Terreiros se estabelecessem na zona rural. Então, tiveram que se adequar à zona urbana. Houve muita perseguição”. A negação do acesso ao território, seja rural ou urbano, é vivenciada ainda hoje, especialmente nos processos de planejamento municipais ou revitalização de espaços. “Nessa história de repensar a cidade, nunca tem espaço pra preto”. Os espaços que vêm sendo utilizados são aqueles possíveis. “Até hoje não tem nada, não tem um espaço verde de reprodução dessa relação que a gente tem com o cosmo, com o meio ambiente”.*

Espaços como escolas, hospitais, postos de saúde, cemitérios, dentre outros, em geral, não permitem a expressão de sua cultura





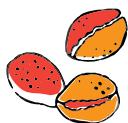
e de seus processos próprios de educação, cuidado e ritos. *“Como tu vai entrar no hospital com um axé, fazer um cântico... Um paciente terminal precisa de alguns cuidados com o corpo, pra poder ir depois ao ritual do Arissum. Nós temos que ter essa liberdade de ir lá e preparar o corpo, e alguns hospitais não permitem”*. Os serviços públicos de atenção à saúde, no âmbito do Sistema Único de Saúde, por exemplo, deveriam ser adequados às diferentes necessidades e demandas, com respeito às diversas culturas, tradições, valores, conceitos de saúde, tratamento e cura, dando cumprimento aos princípios de integralidade e equidade do SUS.

No cemitério precisam pedir permissão para fazer rituais. As restrições alimentares não são observadas. *“Não tem ninguém que cuide de como é o processo alimentar do Povo de Terreiro que é usuário potencial do SUS”*. A educação escolar não dialoga com princípios e valores próprios do Povo de Terreiro. *“A criança tem que ter conhecimento, responsabilidade, liberdade, acolhimento. Enquanto aqui no Terreiro eu digo para as crianças que tudo tem que ser dividido, ali fora o que predomina é o individualismo”*. Contribuições importantes em várias áreas poderiam acontecer se houvesse reconhecimento e valorização do modo de ser do Povo de Terreiro. *“No campo da saúde mental, a gente tem muito a contribuir em termos de cuidado. Tem tanta gente em clínicas e não precisava, com tanta medicação e o problema não era aquilo”*. Outros valores da identidade afrodescendente também são ignorados pelo Poder Público e por grande parte da sociedade, como a influência da língua Yorubá no vocabulário, a influência na alimentação, na música, nas brincadeiras, na educação escolar, dentre outras áreas. *“Os terreiros também são centros de educação popular, em vários terreiros as crianças da comunidade recebem orientação, alimentação, atenção, participam de atividades, como capoeira, cirandas, contação de histórias e aprendem a valorizar a ancestralidade”*.

Outro desafio é a aproximação mútua, junto às comunidades quilombolas, com as quais guardam vínculos de ancestralidade. *“Muito raro ter um quilombo que tenha terreiro. O Povo de Terreiro poderia ir a comunidades quilombolas, conversar, passar um pouco da nossa raiz. Poderia fazer uma abordagem começando pela saúde, trabalhar com ervas, benzedeiras. Também com oficina de tranças, por exemplo, pra que o próprio povo quilombola possa se identificar”*. Outra demanda de alguns terreiros é agregar a questão indígena.

Frente a tantos desafios, o Povo de Terreiro resiste e reafirma sua identidade e seus direitos. *“O nosso direito é direito de Xangô, que garante a autonomia, que garante a igualdade, que garante as diferenças de identidades, as diferentes culturas, e inclusive, os diferentes modelos de cuidado”*.





"NO CENTRO DO MERCADO PÚBLICO,  
EM PORTO ALEGRE, EXISTE UM  
LOCAL EM QUE A GENTE PASSA E FAZ  
REVERÊNCIA AO BARÁ LODÊ."

## CAPOEIRA

A capoeira – amplamente incorporada na sociedade como arte ou jogo – guarda significados e valores próprios para o Povo de Terreiro e para as Comunidades Quilombolas. Através da capoeira, seus ritmos e movimentos, pode-se estabelecer relação com divindades e entidades, além de representar a resistência histórica dos Povos e Comunidades Tradicionais.







# USO DO CHIMARRÃO

"O CHIMARRÃO,  
AH, ESSE EU TOMO,  
SE EU TOMO!"



**P**reparar, servir e tomar o chimarrão ou mate é comum entre todos os Povos e Comunidades Tradicionais do Pampa. A árvore de erva-mate é nativa da Mata Atlântica e já esteve presente nas áreas de transição com o Pampa, porém, atualmente, é raramente encontrada neste bioma, exceto de forma cultivada. O preparo tradicional de suas folhas pela desidratação (conhecida como "sapeco"), pela secagem em jirau de madeira (conhecida como "carijo" ou "barbaquá"), seguida da trituração (conhecida como "cancha") é conhecimento tradicional de Povos Indígenas, assim como o preparo da bebida e a forma de consumo.

O chimarrão é servido na cuia, obtida através do cultivo do porongo. É tomado com água quente, mas não fervendo. Algumas pessoas tomam sozinhas, ao acordar, às vezes em substituição ao café da manhã. Também é costume tomar chimarrão ao longo do dia e ao entardecer. Entretanto, é em rodas de conversa que o chimarrão está presente, passando de mão em mão, como um elo entre as pessoas, simbolizando acolhimento e pertencimento de cada pessoa àquele grupo e lugar.









# PRINCIPAIS MARCOS LEGAIS RELACIONADOS AOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS

## MARCOS LEGAIS INTERNACIONAIS

### **Convenção 169, sobre Povos Indígenas e Tribais, da Organização Internacional do Trabalho (OIT)**

Adotada na 76a Conferência Internacional do Trabalho, em 1989, vigora no Brasil desde 2003. Estabelece a necessidade de consultar os Povos Tradicionais sobre qualquer ação ou programa que os afete diretamente e a sua participação na tomada de decisões.

### **Convenção da Diversidade Biológica (CDB)**

A Convenção da Diversidade Biológica é um acordo internacional sobre a biodiversidade, proposto pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, PNUMA. Este acordo foi estabelecido e assinado por mais de 160 países, incluindo o Brasil, durante a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, conhecida por ECO-92, que foi realizada no Rio de Janeiro, em junho de 1992. A Convenção da Diversidade Biológica possui três objetivos principais: a conservação da diversidade biológica, o uso sustentável da biodiversidade e a repartição justa e equitativa dos benefícios provenientes da utilização dos recursos genéticos. No Brasil, a CDB foi ratificada pelo Congresso Nacional através do Decreto Legislativo nº 02/94, e entrou em vigor em 28/05/1994.

### **Protocolo de Nagoya**

Tratado internacional, firmado entre os países signatários da Convenção da Diversidade Biológica, para implementar o terceiro objetivo da Convenção, o qual consiste na Repartição Justa e Equitativa dos Benefícios derivados da utilização dos recursos genéticos e dos conhecimentos tradicionais associados. O Protocolo de Nagoya foi adotado em 29

de outubro de 2010, na cidade de Nagoya, no Japão, durante a décima Conferência das Partes sobre a Convenção da Diversidade Biológica (COP 10). Em seu artigo 12, o Protocolo de Nagoya estabelece que os países signatários considerem as leis consuetudinárias, protocolos e procedimentos comunitários relacionados aos conhecimentos tradicionais associados à biodiversidade. O Brasil é signatário do Protocolo de Nagoya, mas este ainda não se encontra em vigor no Brasil porque não foi ratificado pelo Congresso Nacional.

## **MARCOS LEGAIS NACIONAIS**

### **Decreto nº 5.813, de 22 de junho de 2006 – Institui a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF)**

A PNPMF visa garantir à população brasileira o acesso seguro e o uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos, promovendo o uso sustentável da biodiversidade, o desenvolvimento da cadeia produtiva e da indústria nacional. Para implementar esta política, foi elaborado o Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, através da Portaria Interministerial nº 2.960, de 02 de dezembro de 2008. O Programa cria o Comitê Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, com o objetivo de avaliar e monitorar o cumprimento das ações propostas no Programa Nacional, o qual define como princípios orientadores: a ampliação das opções terapêuticas aos usuários do SUS, o uso sustentável da biodiversidade brasileira, a valorização e preservação do conhecimento tradicional de Povos e Comunidades Tradicionais, o fortalecimento da agricultura familiar, o crescimento com geração de emprego e renda, o desenvolvimento tecnológico e industrial, a inclusão social e a redução das desigualdades sociais, a participação popular e o controle social.

### **Decreto nº 6.040, de 07 de fevereiro de 2007 – Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT)**

A PNPCT tem como principal objetivo promover o desenvolvimento sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, com ênfase no reconhecimento, fortalecimento e garantia dos seus direitos territoriais, sociais, ambientais, econômicos e culturais, com respeito e valorização à sua identidade, às suas formas de organização e às suas instituições.

### **Decreto nº 8.750, de 09 de maio de 2016 – Institui o Conselho Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais (CNPCT)**

O CNPCT é um órgão de caráter consultivo, integrante da estrutura do Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). Dentre as suas competências, o CNPCT deverá “promover o desenvolvimento sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, com vistas a reconhecer, fortalecer e garantir os direitos destes povos e comunidades, inclusive os de natureza territorial, socioambiental, econômica, cultural, e seus usos, costumes, conhecimentos tradicionais, ancestrais, saberes e fazeres, suas formas de organização e suas instituições”.

## **Lei nº 13.123, de 20 de maio de 2015 – Lei da Biodiversidade**

Regulamenta incisos do artigo 225 da Constituição Federal e artigos da Convenção da Diversidade Biológica, dispõe sobre o acesso ao patrimônio genético, sobre a proteção e o acesso ao conhecimento tradicional associado, e sobre a repartição de benefícios para a conservação e uso sustentável da biodiversidade.

Nos termos desta Lei e do seu regulamento, o Estado reconhece o direito de “Populações Indígenas, de Comunidades Tradicionais e de Agricultores Tradicionais” de participarem da tomada de decisões, no âmbito nacional, sobre assuntos relacionados à conservação e ao uso sustentável de seus conhecimentos tradicionais associados ao patrimônio genético do País.

Obs.: Nos termos da Lei, foram adotadas as denominações “Populações Indígenas, Comunidades Tradicionais e Agricultores Tradicionais”, para referir-se à Povos Indígenas, Povos e Comunidades Tradicionais e Agricultoras e Agricultores Familiares.

## **Decreto nº 8.772, de 11 de maio de 2016**

Este Decreto regulamenta a Lei 13.123/2015 (ou Lei da Biodiversidade) e, dentre as disposições gerais, estabelece a competência, o funcionamento e a composição do Conselho de Gestão do Patrimônio Genético (CGen), que será presidido pelo Ministério do Meio Ambiente. O CGEN é o órgão responsável pela implementação da Lei da Biodiversidade. O CGen funcionará por meio de Plenário, Câmaras Temáticas, Câmaras Setoriais e Secretaria-Executiva (Art. 6). O Plenário do CGen será integrado por 21 conselheiros, sendo 12 representantes de órgãos da Administração Pública Federal e 9 representantes da sociedade civil, distribuídos da seguinte forma (Art. 7):

### **I – um representante de cada um dos seguintes ministérios:**

- a) Ministério do Meio Ambiente;
- b) Ministério da Justiça;
- c) Ministério da Saúde;
- d) Ministério das Relações Exteriores;
- e) Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento;
- f) Ministério da Cultura;
- g) Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome;
- h) Ministério da Defesa;
- i) Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior;
- j) Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação;
- k) Ministério do Desenvolvimento Agrário;

### **II – três representantes de entidades ou organizações do setor empresarial, sendo:**

- a) um indicado pela Confederação Nacional da Indústria – CNI;
- b) um indicado pela Confederação Nacional da Agricultura – CNA;
- c) um indicado alternativa e sucessivamente pela CNI e pela CNA;

**III – três representantes de entidades ou organizações do setor acadêmico, sendo:**

- a) um indicado pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC;
- b) um indicado pela Associação Brasileira de Antropologia – ABA;
- c) um indicado pela Academia Brasileira de Ciências – ABC;

**IV – três representantes de entidades ou organizações representativas das Populações Indígenas, Comunidades Tradicionais e Agricultores Tradicionais, sendo:**

- a) um indicado pelos representantes de Povos e Comunidades Tradicionais e suas organizações membros do Conselho Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais – CNPCT;
- b) um indicado pelos representantes de agricultores familiares e suas organizações membros do Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável – Condraf, e
- c) um indicado pelos representantes de povos e organizações indígenas integrantes do Conselho Nacional de Política Indigenista – CNPI.

**Decreto nº 7.794, de 20 de agosto de 2012 – Institui a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PNAPO)**

A PNAPO dispõe sobre programas e ações indutoras da transição agroecológica e da produção orgânica e de base agroecológica, contribuindo para a oferta e o consumo de alimentos isentos de contaminantes que ponham em risco a saúde, promovendo a soberania e a segurança alimentar e nutricional e o direito humano à alimentação adequada e saudável. A PNAPO é implementada por uma Política Pública denominada de Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (Planapo), que foi criada para efetivar ações e orientar o desenvolvimento rural sustentável, envolvendo diferentes órgãos de governo e dos movimentos sociais, como agricultoras e agricultores, assentadas e assentados da reforma agrária, povos e comunidades tradicionais, incluindo a juventude rural, e suas organizações econômicas, que queiram fortalecer ou modificar suas práticas produtivas para sistemas agroecológicos ou orgânicos de produção.

# POLÍTICA NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS

Presidência da República  
Casa Civil  
Subchefia para Assuntos Jurídicos

## **DECRETO Nº 6.040, DE 7 DE FEVEREIRO DE 2007.**

Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA**, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso VI, alínea "a", da Constituição,

### **DECRETA:**

Art. 1º Fica instituída a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais - PNPCT, na forma do Anexo a este Decreto.

Art. 2º Compete à Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais - CNPCT, criada pelo Decreto de 13 de julho de 2006, coordenar a implementação da Política Nacional para o Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.

Art. 3º Para os fins deste Decreto e do seu Anexo compreende-se por:

I - Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição;

II - Territórios Tradicionais: os espaços necessários a reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária, observado, no que diz respeito aos povos indígenas e quilombolas, respectivamente, o que dispõem os arts. 231 da Constituição e 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e demais regulamentações; e

III - Desenvolvimento Sustentável: o uso equilibrado dos recursos naturais, voltado para a melhoria da qualidade de vida da presente geração, garantindo as mesmas possibilidades para as gerações futuras.

Art. 4º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 7 de fevereiro de 2007; 186o da Independência e 119o da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Patrus Ananias

Marina Silva

Este texto não substitui o publicado no DOU de 8.2.2007.

## **ANEXO**

### **POLÍTICA NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS**

#### **PRINCÍPIOS**

Art. 1º As ações e atividades voltadas para o alcance dos objetivos da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais deverão ocorrer de forma intersetorial, integrada, coordenada, sistemática e observar os seguintes princípios:

I - o reconhecimento, a valorização e o respeito à diversidade socioambiental e cultural dos povos e comunidades tradicionais, levando-se em conta, dentre outros aspectos, os recortes etnia, raça, gênero, idade, religiosidade, ancestralidade, orientação sexual e atividades laborais, entre outros, bem como a relação desses em cada comunidade ou povo, de modo a não desrespeitar, subsumir ou negligenciar as diferenças dos mesmos grupos, comunidades ou povos ou, ainda, instaurar ou reforçar qualquer relação de desigualdade;

II - a visibilidade dos povos e comunidades tradicionais deve se expressar por meio do pleno e efetivo exercício da cidadania;

III - a segurança alimentar e nutricional como direito dos povos e comunidades tradicionais ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como

base práticas alimentares promotoras de saúde, que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis;

IV - o acesso em linguagem acessível à informação e ao conhecimento dos documentos produzidos e utilizados no âmbito da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais;

V - o desenvolvimento sustentável como promoção da melhoria da qualidade de vida dos povos e comunidades tradicionais nas gerações atuais, garantindo as mesmas possibilidades para as gerações futuras e respeitando os seus modos de vida e as suas tradições;

VI - a pluralidade socioambiental, econômica e cultural das comunidades e dos povos tradicionais que interagem nos diferentes biomas e ecossistemas, sejam em áreas rurais ou urbanas;

VII - a promoção da descentralização e transversalidade das ações e da ampla participação da sociedade civil na elaboração, monitoramento e execução desta Política a ser implementada pelas instâncias governamentais;

VIII - o reconhecimento e a consolidação dos direitos dos povos e comunidades tradicionais;

IX - a articulação com as demais políticas públicas relacionadas aos direitos dos Povos e Comunidades Tradicionais nas diferentes esferas de governo;

X - a promoção dos meios necessários para a efetiva participação dos Povos e Comunidades Tradicionais nas instâncias de controle social e nos processos decisórios relacionados aos seus direitos e interesses;

XI - a articulação e integração com o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional;

XII - a contribuição para a formação de uma sensibilização coletiva por parte dos órgãos públicos sobre a importância dos direitos humanos, econômicos, sociais, culturais, ambientais e do controle social para a garantia dos direitos dos povos e comunidades tradicionais;

XIII - a erradicação de todas as formas de discriminação, incluindo o combate à intolerância religiosa; e

XIV - a preservação dos direitos culturais, o exercício de práticas comunitárias, a memória cultural e a identidade racial e étnica.

## OBJETIVO GERAL

Art. 2º A PNPCT tem como principal objetivo promover o desenvolvimento sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, com ênfase no reconhecimento, forta-

lecimento e garantia dos seus direitos territoriais, sociais, ambientais, econômicos e culturais, com respeito e valorização à sua identidade, suas formas de organização e suas instituições.

## OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Art. 3º São objetivos específicos da PNPCT:

I - garantir aos povos e comunidades tradicionais seus territórios, e o acesso aos recursos naturais que tradicionalmente utilizam para sua reprodução física, cultural e econômica;

II - solucionar e/ou minimizar os conflitos gerados pela implantação de Unidades de Conservação de Proteção Integral em territórios tradicionais e estimular a criação de Unidades de Conservação de Uso Sustentável;

III - implantar infra-estrutura adequada às realidades sócio-culturais e demandas dos povos e comunidades tradicionais;

IV - garantir os direitos dos povos e das comunidades tradicionais afetados direta ou indiretamente por projetos, obras e empreendimentos;

V - garantir e valorizar as formas tradicionais de educação e fortalecer processos dialógicos como contribuição ao desenvolvimento próprio de cada povo e comunidade, garantindo a participação e controle social tanto nos processos de formação educativos formais quanto nos não-formais;

VI - reconhecer, com celeridade, a auto-identificação dos povos e comunidades tradicionais, de modo que possam ter acesso pleno aos seus direitos civis individuais e coletivos;

VII - garantir aos povos e comunidades tradicionais o acesso aos serviços de saúde de qualidade e adequados às suas características sócio-culturais, suas necessidades e demandas, com ênfase nas concepções e práticas da medicina tradicional;

VIII - garantir no sistema público previdenciário a adequação às especificidades dos povos e comunidades tradicionais, no que diz respeito às suas atividades ocupacionais e religiosas e às doenças decorrentes destas atividades;

IX - criar e implementar, urgentemente, uma política pública de saúde voltada aos povos e comunidades tradicionais;

X - garantir o acesso às políticas públicas sociais e a participação de representantes dos povos e comunidades tradicionais nas instâncias de controle social;

XI - garantir nos programas e ações de inclusão social recortes diferenciados voltados especificamente para os povos e comunidades tradicionais;

XII - implementar e fortalecer programas e ações voltados às relações de gênero nos povos e comunidades tradicionais, assegurando a visão e a participação feminina nas ações governamentais, valorizando a importância histórica das mulheres e sua liderança ética e social;

XIII - garantir aos povos e comunidades tradicionais o acesso e a gestão facilitados aos recursos financeiros provenientes dos diferentes órgãos de governo;

XIV - assegurar o pleno exercício dos direitos individuais e coletivos concernentes aos povos e comunidades tradicionais, sobretudo nas situações de conflito ou ameaça à sua integridade;

XV - reconhecer, proteger e promover os direitos dos povos e comunidades tradicionais sobre os seus conhecimentos, práticas e usos tradicionais;

XVI - apoiar e garantir o processo de formalização institucional, quando necessário, considerando as formas tradicionais de organização e representação locais; e

XVII - apoiar e garantir a inclusão produtiva com a promoção de tecnologias sustentáveis, respeitando o sistema de organização social dos povos e comunidades tradicionais, valorizando os recursos naturais locais e práticas, saberes e tecnologias tradicionais.

## DOS INSTRUMENTOS DE IMPLEMENTAÇÃO

Art. 4º São instrumentos de implementação da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais:

I - os Planos de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais;

II - a Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, instituída pelo Decreto de 13 de julho de 2006;

III - os fóruns regionais e locais; e

IV - o Plano Plurianual.

## DOS PLANOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS

Art. 5º Os Planos de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais têm por objetivo fundamentar e orientar a implementação da PNPCT e consistem no conjunto das ações de curto, médio e longo prazo, elaboradas com o fim de implementar, nas diferentes esferas de governo, os princípios e os objetivos estabelecidos por esta Política:

I - os Planos de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais poderão ser estabelecidos com base em parâmetros ambientais, regionais, temáticos, étnico-socio-culturais e deverão ser elaborados com a participação equitativa dos representantes de órgãos governamentais e dos povos e comunidades tradicionais envolvidos;

II - a elaboração e implementação dos Planos de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais poderá se dar por meio de fóruns especialmente criados para esta finalidade ou de outros cuja composição, área de abrangência e finalidade sejam compatíveis com o alcance dos objetivos desta Política; e

III - o estabelecimento de Planos de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais não é limitado, desde que respeitada a atenção equiparada aos diversos segmentos dos povos e comunidades tradicionais, de modo a não convergi-rem exclusivamente para um tema, região, povo ou comunidade.

#### DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 6º A Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais deverá, no âmbito de suas competências e no prazo máximo de noventa dias:

I - dar publicidade aos resultados das Oficinas Regionais que subsidiaram a construção da PNPCT, realizadas no período de 13 a 23 de setembro de 2006;

II - estabelecer um Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável para os Povos e Comunidades Tradicionais, o qual deverá ter como base os resultados das Oficinas Regionais mencionados no inciso I; e

III - propor um Programa Multi-setorial destinado à implementação do Plano Nacional mencionado no inciso II no âmbito do Plano Plurianual.

# REPRESENTANTES DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS PARTICIPANTES DESTA PUBLICAÇÃO

## REPRESENTANTES DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS PARTICIPANTES DESTA PUBLICAÇÃO

|  |   |
|--|---|
| Adi Maria Henke  | Cleci Padilha Trindade                            |
| Adir Fernandes Moraes                                    | Christian de Oliveira Fabres (Christian de Oxalá) |
| Aldo Jorge de Barros                                     | Cristiane Siefert Neuenfeldt                      |
| Alessandra Padilha dos Santos                            | Daniel Costiche Rocchi                            |
| Alfredo Gonçalves da Silva                               | Daniel Roberto Soares (Contra-Mestre Preto)       |
| Amilton Cesar Camargo                                    | Daniele Costiche Rocchi                           |
| Anderson Borges Caminha                                  | Decionil Pereira Franco                           |
| Andrea Madruga Garcia                                    | Deni Menine                                       |
| Angela Martins dos Santos                                | Dieder Becker Damé                                |
| Antonio Carlos Cardoso Mafaldo                           | Doraci Mara Dorneles                              |
| Antonio Irineu Nunes Alves                               | Dorvalino Refej Cardoso                           |
| Antonio Luiz da Silva                                    | Edson José Rocchi                                 |
| Arizoli Garcia   | Eli Paz Ferreira                                  |
| Baba Diba de Iyemonjá                                    | Eliziane Antunes (Jera Mirin Antunes)             |
| Belmonte Lemos de Oliveira                               | Elpídio Caldeirão Falcão                          |
| Benício Domingues (Benício de Ogum)                      | Elvira Prates Gonçalves                           |
| Brenda Gabriela Aristimunho da Silva                     | Emanoele Nunes Rodrigues                          |
| Bruno Siefert  | Emília Janete Santos da Silveira                  |
| Carlos Adriano Leite de Almeida                          | Erenita Erarte                                    |
| Carlos Alberto Santos                                    | Estela Veiga Pereira Vaz                          |
| Carlos Inar Quadros Dorneles (Babalorixá Carlos de Oxum) | Eva Terezinha da Silveira                         |
| Carmem Maria Pires Aristimunho                           | Farias Saul                                       |
| Carmo Thum   | Felipe Souza Rocha                                |
| Celina Schamalfuss Pagel                                 | Fernanda Souza                                    |
| César Nunes  | Fernando Pires Moraes Aristimunho                 |
| Cilon Garcia de Garcia                                   | Gabriel de Abreu Gautéria                         |
| Cinelande Borges Caminha                                 |   |

Geni Böhlke Siefert  
Gerssi Coelho Caminha  
Gerta Grossklags Böhlke  
Gilmar Marquite (Gilmar de Oxalá)  
Gilmar Trindade dos Santos  
Giselda Terezinha Silva da Luz  
Giuliano Henrique (Babalorixá Giuliano de Oxum)  
Glaci Pires Franco  
Gladimier Bernardes Alves  
Guilherme André  
Iedo Rosa da Rosa  
Ileia Treichel Krüger  
Ilka Dias de Lima  
Ingo Nornberg  
Ingo Sel Böhlke  
Iracema Nascimento Katên  
Irani Duarte de Farias  
Ireny Pereira Franco  
Irlei Teresinha de Lima Silveira  
Isolda Maciel Carvalho  
Isolina dos Santos Cortez  
Ivan Dorneles  
Jaci dos Santos  
Jandira Costiche  
Jesus Ariovaldo Oliveira Garcia  
João Carlos dos Santos Aristimunho  
João Carlos Padilha  
João Gelson Fagundes  
Joice Baldez (Yalorixá Joice de Oya)  
Jorge Juan Rieffel Elesbão  
Jorge Luiz Dias de Lima  
José Miguel Tarouco  
Josué Ricardo de Lima Dutra  
Julia da Silva da Luz  
Juliana de Lima Vijande  
Ladislau Pereira da Silva  
Latifeh Alves Aziz  
Leda Duarte da Rosa  
Leni Goulart  
Leni Thurow Karnopp  
Lisiane Domingues (Lisiane de Oya)  
Loeci Ribeiro de Quevedo  
Lucas Henrique Costiche Rocchi  
Luciana da Rosa Fagundes  
Luis Alberto Menine  
Luis Carlos Moreira Moleda  
Luis Roberto Passos

Luiz Gustavo da Silva da Luz  
Luiz Pedro Soares Fagundes  
Luiza Helena Domingues  
Manoel Leonir Machado da Silveira  
Mara Regina Pires Aristimunho  
Márcia Schröder Hornke  
Marcos Sanchez Blanco  
Margarete de Lima Lamberti  
Maria de Castro Fernandes Moraes  
Maria Dolores Oliveira  
Maria Elisabeth Freitas Munhos Saraiva  
Maria Erotildes Munhos Moreira  
Maria Eva da Silva Moreira  
Maria Isabete Oliveira Garcia  
Maria José de Camargo Munhoz  
Maria Luíza Silva Moreira  
Maria Sirlei Freitas da Silva  
Mariglei Dias de Lima  
Mario Luiz dos Santos Moreira  
Mario Renato  
Maximiliano Marques  
Michele Freitas Duarte (Michele de Oxum)  
Monalisa Oliveira  
Nei Humberto Desidério Gonçalves  
Nilda Florentina Ferreira Flores  
Nilmar Silva da Conceição  
Nilo Dias  
Nilson Schamalfuss Pagel  
Nilton Clementino Silva Garcia  
Oneide Garcia  
Ourique Pires Ribeiro  
Patrícia Ferreira Pará Yxapy  
Pedro Luis Caçapava  
Priscila dos Santos Motta  
Priscila Siefert Neuenfeldt  
Renato Coelho de Aquino  
Ricardo Aristimunho de Oliveira  
Roberto Machado Soares  
Roni Moraes Vaz  
Rosa Maria Lacerda Siqueira  
Rosamaria Nunes Soares Munhos  
Rosane Sell Rutz  
Rosângela da Silva Ellias  
Rosecler Winter  
Salomão de Souza Oliveira  
Salvador Amorin dos Santos  
Sandra Terezinha Silveira

|                             |  |
|-----------------------------|--|
| Santa Noemi Fagundes Flores | Vandriano de Paula (Vandriano de Xango)  |
| Saul da Silva Soares        | Vanessa Silveira dos Santos              |
| Seli Franco Ribeiro         | Vania Lucia Moraes Brissuela             |
| Sidnei Alves Motta          | Vera Tarouco                             |
| Sirlei de Lima Dutra        | Vidal de Castro Moraes                   |
| Vacinto Ávila de Souza      | Vilca Freitas Fidelis                    |
| Valdecir Campaneli Alves    | Vilma do Horto Moraes                    |
| Valdirene Silveira Nunes    | Vilson Pagel                             |
| Valdomiro Machado Soares    | Vladimir Malaquias da Silva              |
| Vanda Maria Castro Moraes   | Yasmin de Farias Gonçalves               |
| Vanderlei Alves de Alves    | Zuleika Soares (Yalorixá Zuleika de Oya) |

#### COMUNIDADES E ORGANIZAÇÕES VISITADAS NO PROCESSO DE ELABORAÇÃO DESTA PUBLICAÇÃO

Associação Afro Religiosa Filhos do Axé - Yle de Oya Nirê - Gravataí  
 Associação Canguçuense Agropecuária Familiar - ACAF - Canguçu  
 Associação Ciganos Itinerantes do Rio Grande do Sul (ACIRGS) - São Leopoldo  
 Associação Cultural Sul-Brasileira de Capoeira Filhos da Roda - São Lourenço do Sul  
 Associação da Capela - Piratini  
 Associação das Artesãs Pomeranas - São Lourenço do Sul e Canguçu  
 Associação de Moradores Novo Horizonte - Pinheiro Machado  
 Associação de Pescadores Artesanais Profissionais de Alegrete - Alegrete  
 Associação de Pescadores (as) Artesanais de Uruguaiana - Uruguaiana  
 Associação dos Moradores das Guaritas - Caçapava do Sul  
 Brick da Redenção - Kaingang do Morro Santana - Porto Alegre  
 Centro Africano Abaçá de Oxalá e Oya - São Lourenço do Sul  
 Centro Comunitário de Pescadores e Agricultores da Várzea - São José do Norte  
 Colônia de Pescadores Artesanais Z3 - Pelotas  
 Colônia de Pescadores Artesanais Z5 - Ilha da Pintada - Porto Alegre  
 Comunidade Quilombola Corredor dos Munhos - Lavras do Sul  
 Comunidade Quilombola de Palmas - Bagé  
 Comunidade Quilombola do Algodão - Pelotas  
 Comunidade Quilombola do Angico - Alegrete  
 Comunidade Quilombola do Monjolo - São Lourenço do Sul  
 Comunidade Quilombola dos Alpes Dona Edwirges - Porto Alegre  
 Comunidade Quilombola Rincão da Chirca - Rosário do Sul  
 Comunidade Quilombola Rincão dos Fernandes - Uruguaiana  
 Comunidades Salsal e Quatepe do Butiazal - Quaraí  
 Escola Municipal de Ensino Fundamental Martinho Lutero - São Lourenço do Sul  
 Federação Brasileira das Religiões Afro e Umbanda (COMCAUGRA) - Gravataí  
 Fio Farrroupilha - Piratini  
 Grupo Cigano Calon - São Leopoldo  
 Grupo Cigano Rom - Gravataí  
 Ilé Axé Iyemonja Omi Olodo - Porto Alegre  
 Tava - Ruínas próximo a Tekoá Koenju - São Miguel das Missões  
 Terra Indígena Por Fi Gâ - Kaingang - São Leopoldo  
 Ylê Axé Oxum Demun - Alegrete

## CRÉDITO DAS IMAGENS

### **Anderson Astor**

Páginas: 18, 19, 20, 21, 27, 28, 29, 38, 42 (2ª foto), 45, 52, 62, 63, 66, 70, 71, 73, 76, 77, 78, 79, 80, 84, 85, 86, 88, 91, 92, 96, 102, 103, 107, 113, 114, 118, 119, 161, 162, 163, 164, 172, 178, 179, 181, 184, 185, 191, 194, 195, 206 (1ª foto), 207 (4ª foto)

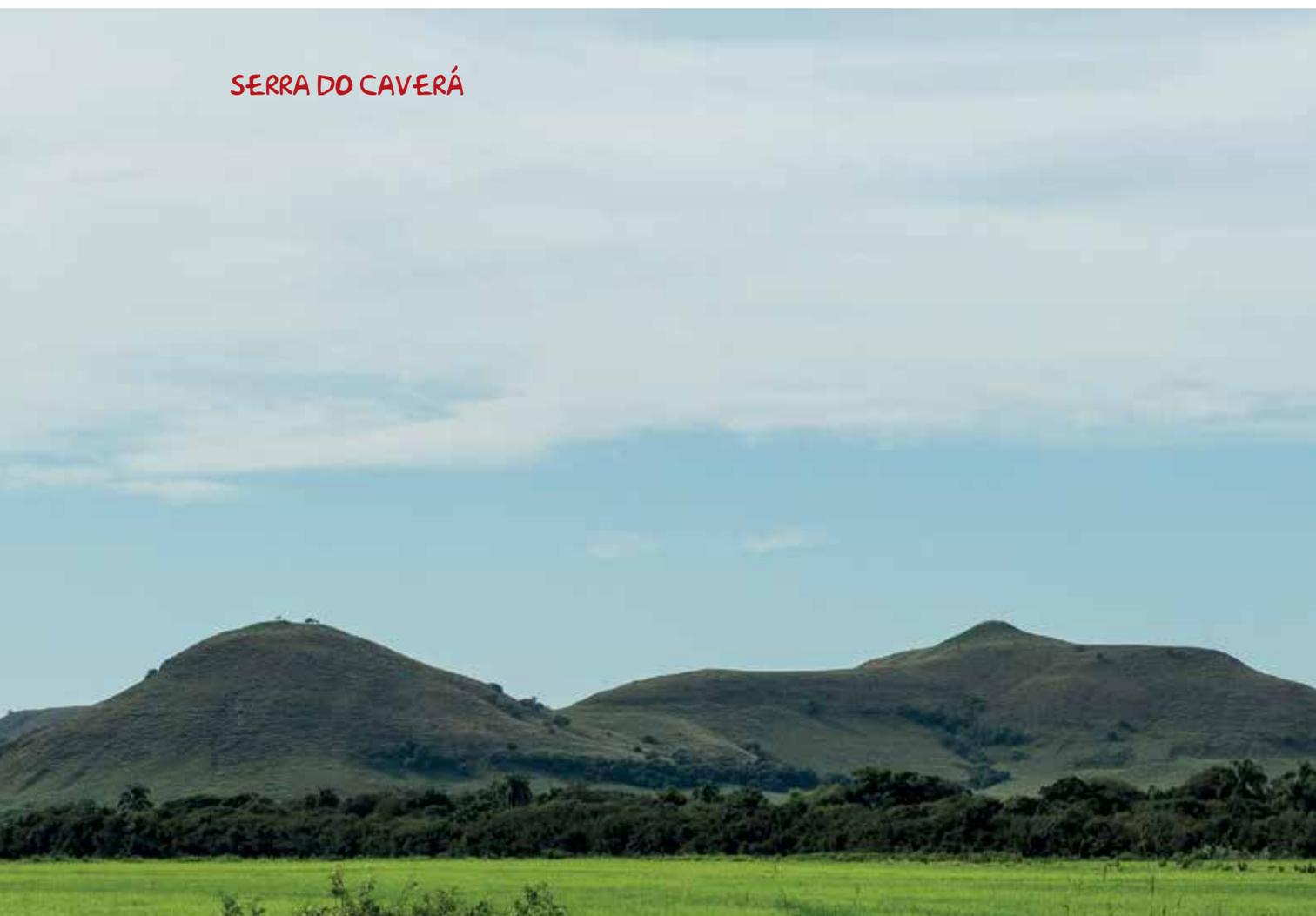
### **Cristiano Sant Anna**

Páginas: 2, 22, 23, 26, 27, 30, 31, 34, 36, 40, 41, 42 (1ª foto), 48, 51, 55, 56, 58, 61, 64, 74, 94, 95, 106, 109, 110, 111, 112, 115, 116, 125, 126, 127, 128, 129, 131, 132, 133, 134, 137, 140, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 155, 156, 157, 166, 168, 169, 170, 171, 174, 175, 182, 186, 187, 188, 189, 192, 196, 197, 199, 200, 201, 205, 206 (2ª foto), 207 (1ª, 2ª e 3ª fotos), 208, 222

### **Arquivo FLD**

Página: 12

## SERRA DO CAVERÁ





A Articulação Pacari é uma rede socioambiental formada por organizações comunitárias e pessoas que praticam a medicina tradicional através do uso sustentável da biodiversidade do bioma Cerrado. As organizações participantes representam principalmente mulheres agricultoras, extrativistas, assentadas da reforma agrária, indígenas, quilombolas, agentes das pastorais da saúde e da criança, que se autoidentificam como *"raizeiras"*. A partir dos conhecimentos tradicionais e ancestrais, da espiritualidade e das experiências adquiridas e transmitidas através de gerações, as raizeiras produzem e comercializam remédios caseiros e tecem uma rede solidária de atendimento à saúde das comunidades locais, valorizando a cultura alimentar e o modo de vida tradicional.

A Pacari tem como objetivo estratégico realizar o registro coletivo dos conhecimentos tradicionais para a sua proteção e transmissão, além de promover a elaboração de instrumentos políticos que assegurem o direito consuetudinário dos Povos e Comunidades Tradicionais de praticar a medicina tradicional e fazer o uso sustentável da biodiversidade de seus territórios.

No contexto de participação em políticas públicas, Raizeiras é um segmento do Conselho Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais e a Articulação Pacari é membro do Comitê Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos.

